

H. M. Hess

Revista do Brasil

DIRECTORES

Afranio Peixoto
Monteiro Lobato

N. 67

JULHO
1921

EDITORES

Monteiro Lobato
& Comp. — São Paulo

Secretario: *Moacyr Deabreu*

SUMMARIO

O MOMENTO.	L.	289
NACHA REGULES	<i>Mucio Leão.</i>	291
O ABOIADOR.	<i>Luiz da Camara Cascudo.</i>	296
MADONA	<i>Fontoura Xavier</i>	299
AGUA MARINHA	<i>Orestes Barbosa.</i>	300
DR. CARNEIRO RIBEIRO	<i>Bernardino J. de Souza</i>	303
ASSOMBRAÇÃO	<i>Manoel Victor</i>	313
CARRIEGO, O POETA DO SUBUR- BIO	<i>Agenor Barbosa</i>	316
O ROMANCE NO BRASIL.	<i>Ronald de Carvalho</i>	322
O MEU CONTO DE POE.	<i>M. Deabreu.</i>	332
ASPECTOS AMAZONICOS	<i>Raymundo Moraes.</i>	341
MESSINA	<i>H. Castriciano</i>	346
BIBLIOGRAPHIA		350
DEBATES E PESQUISAS.		357
RESENHA DO MEZ		363
NOTAS DO EXTERIOR		377



S. PAULO.

1921.

RIO.



REVISTA DO BRASIL - RUA BOA VISTA, 52 — CAIXA, 2-B — S. PAULO
ASSIGNATURAS: ANNO — 20\$000 EXTRANGEIRO — 25\$000; — NUMERO AVULSO — 1\$800.

SEIOS

DESENVOLVIDOS, FORTIFICADOS e AFORMOSEADOS, com A PASTA
RUSSA do Doutor G. Ribabal.
O unico REMEDIO que em menos de dois meses assegura o DESENVOLVI-
MENTO e a FIRMERZA dos SEIOS sem causar dano algum á saude da MU-
LHER. — Vide os attestados e prospectos que acompanham cada Caixa.
Encontrar-se á venda nas Principaes PHARMACIAS, DROGARIAS e CASAS
DE PEREUNARIAS DO BRASIL.
AVISO — Preço de uma Caixa \$8000, pelo Correio mais 20000. Pedidos ao
Agente Geral.

J. DE CARVALHO Caixa Postal, 1724 — Rio de Janeiro.
Deposito: Rua General Camara, 225 (sob.).

GRAVIDEZ

Evita-se usando as *Pessaries Americanas*; são inoffensivos,
commodos, de effeito seguro e antisepticos. — Encontram-
se á venda nas principaes DROGARIAS DE S. S. PAULO.
AVISO — Remette-se registado pelo Correio, para qualquer parte do Brasil,
mediante a quantia de 8\$0000, enviada em carta, com VALOR DECLA-
RADO, ao Agente Geral

J. DE CARVALHO — CAIXA POSTAL N.º 1724
RIO DE JANEIRO

ASTHMA

O Especifico do Doutor Reynolds, netavel Medico e Scientista Ingles, para
a cura radical da Asthma, Dyppentia, Influenza, Deltaxos, Bronchitis Catar-
rhica, Coqueluche, Tosses rebeldes, Canasso, Suffocacoes, é um Medicamento
de valor, composico exclusivamente de vegetaes, nãe é xarope, nem contém
induretos, nem morphia e outras substancias nocivas á saude dos Astmaticos.

Vide os attestados e prospectos que acompanham cada frasco.

Encontrar-se á venda nas Principaes Pharmacias e Drograrias de São Paulo.

DEPOSITO — Rua General Camara, 225. Sob. — Rio de Janeiro

cm

1

2

3

4

5

6

7

unesp

8

10

11

12

13

14

15

BYINGTON & CIA.

Engenheiros, Electricistas e Importadores

Sempre temos em stock grande quantidade de material electrico como:

MOTORES

FIOS ISOLADOS

TRANSFORMADORES

ABATJOURS LUSTRES

BOMBAS ELECTRICAS

SOCKETS SWITCHES

CHAVES A OLEO

VENTILADORES

PARA RAIOS

FERRO DE ENGOMMAR

LAMPADAS

ELECTRICAS 1/2 WATT

ISOLADORES

TELEPHONES

Estamos habilitados para a construcção de Instalações Hydro-Elctricas completas, Bondes Electricos, Linhas de Transmissão, Montagem de Turbinas e tudo que se refere a este ramo.

UNICOS AGENTES DA FABRICA

Westinghouse Electric & Mftg. C.

Para preços e informações dirijam-se a

BYINGTON & CO.

Telephone, 745-Central — S. PAULO

LARGO DA MISERICORDIA, 4



H. G. DOS SANTOS & COMP.

Unicos concessionarios para os annuncios
nas seguintes estradas de ferro:

Cia. Paulista,

São Paulo Railway Co.,

São Paulo-Rio Grande,

Rêde Viação Paraná-Sta. Catharina

e Bondes de Santos.

Viação Ferréa R. G. Sul.

ESCRITORIO:

RUA DE S. BENTO, 7-A

Telephone, Central, 1-2-4-1

Caixa postal, 1638

São Paulo



UM NOVO LIVRO ESCOLAR

APPROVADO PELO GOVERNO DE S. PAULO

NARIZINHO ARREBITADO

— POR —

MONTEIRO LOBATO

(Edição escolar, completa)

E' um livro fóra dos moldes habituaes e feito com o exclusivo intuito de interessar a creança na literatura.



O livro que não interessa a creanca é um mal: crêa o desapego, quando não o horror á leitura.

Narzinho Arrebitado forma um volume de 181 paginas, em corpo 12, com todos requisitos didativos e é magnificamente illustrado com 114 desenhos de Voltolino.

PREÇO: 2\$500

Commissões a revendedores



PORCELLANAS

CRISTAES

ARTIGOS DE CHRISTOFLE

OBJECTOS DE ARTE

PERFUMARIAS

O melhor sortimento

—
Casa franceza de

L. GRUMBACH & CIA.

—
Rua de São Bento N.º 89 e 91

SÃO PAULO



REVISTA DO BRASIL

DIRECTORES: AFRANIO PEIXOTO MONTEIRO LOBATO
N. 67 JULHO 1921
EDITORES: MONTEIRO LOBATO & COMP. — SÃO PAULO
SECRETARIO: MOACYR DEABREU

O MOMENTO

O Brasil hospeda com as zumbaias da praxe o sr. Paul Fort, francez, cincoenta annos, casado, meão na altura e principe dos poetas por graça de Apollo.

Até ahí nada de extraordinario para o paiz que viu surgir em suas plagas o auto-principado de Belfort. O extraordinario, o que nos embasbacará de assombro é a estranha natureza dessa poeta.

O sr. Fort, além de principe é arvore...

— “Je suis un arbre à poèmes: un poémier”, diz Sua Alteza, confessando aos povos boquiabertos o seu curioso hybridismo zoo-phyto.

Todos os annos, ao romper da primavera, o “poémier” abotoa-se de flores, as quaes desabrocham, perfumam o ambiente e por fim murcham, entremostrando á entrada do verão pequeninos fructos viscosos de seiva. Pelo outonno, já crescidos e maturados, os fructos do “poémier” caem da arvore e os editores poem á venda a linda safra. E como por essa occasião é chegado o inverno, com o seu cortejo de neves e seu entorpecimento de tudo, o principe hiberna, mãos cruzadas no abdomen, olhos fixos no umbigo, entregue á mysteriosa gestação da florescencia da primavera seguinte.

Vem assim Sua Alteza enriquecendo o regaço de Pomona de abundantissimos “Fort-poèmes”, onde se revogam todas as leis classicas da composição poetica. Porque Fort innova, crea, rompe com o passado, e tão alto se alevanta que, ao lado d'elle, triste



figura fazem o João Racine, o Alfredinho da George Sand, o Lecomte da Ilha, o Edmundo, o Chico Coppée e quantos mais versographos desde Homero vêm por ahí contando nos dedos syllabas musicaes.

E' natural, entretanto, tamanha superioridade, visto que os outros torturavam os miolos no penoso trabalho de compor e Sua Alteza limita-se a sacudir os galhos. Os outros elaboravam e Sua Alteza applica a mechanica vegetal de dehiscencia. Os outros pertenciam á fauna apollinea e Sua Alteza é hybrido, da fauna e da flora a um tempo, "homme-arbre, poémier" ("solanum tuberosun", Linn.?), emfim.

Apesar da unicidade que constitue na Europa o caso do principe arboreo, se Sua Alteza vier a S. Paulo verificará com assombro que o "poémier" é vegetal bem acclimado por aqui. Infelizmente o nosso pé de poemas, menos generoso que o seu collega francez, só da fructos reservados...

L.





“NACHA REGULES”

POR MUCIO LEÃO



O sr. Manuel Galvez, ao mesmo tempo que é um romancista, é um propheta. Assim, tem a sua obra um duplo caracter: na mesma hora em que pinta as incoherencias da vida, annuncia para um futuro talvez não remoto, a manhã das verdades perfectas. Esse caracter duplo é uma das grandes forças de penetração que o têm levado á familiaridade do povo argentino. Elle consola a nossa fragilidade, dizendo-nos da graça dos dias futuros, e envaidece o nosso orgulho provando-nos como nem tudo, em nossa miseravel natureza, está apodrecido, e como ainda guardamos fóra daquillo que poderemos sondar, parcellas infinitas de bondade e de doçura.

“Nacha Regules” é um livro de amargura, tanto quanto de misericordia. Nelle estão as melhores esperanças e as mais consoladoras prophcias do sr. Manuel Galvez.

Jogada no turbilhão da vida infame, Nacha resvala, de degráo em degráo, em todas as humilhações. Amando Riga, a miseria a obriga a abandonal-a. E' então que o papa Arnedo a encontra. Arnedo é rude e barbaro. Bate na pobre creatura. Não a comprehende, na sua meiguice nem na sua intelligencia. Insulta a propria harmonia da Natureza, porque humilha o mais bello dos seus frutos bellos — a mulher.

E' numa hora de suprema angustia, quando, num cabaret, está sendo seveciada pelo monstro, que Nachas Regules descobre um homem de gosto e finura, de talento e coração. Coisa estranhamente rara, um homem assim, não parece? Monsalvat, no meio dos esplendores do cabaret, está pensativo e infeliz. E' que elle reflecte na desventura de Eugenia, sua irmã, tambem attrahida.



tambem precipitada no inferno da perdição... Contra a estupidez de Arnedo, Monsalvat defende Nacha com a bravura ingenua dos heroes de cinematographo. Dalli vae nascendo entre os dois um amor impresentido, que cresce de leve... Em torno dos amores de Nacha e Monsalvat é que se desenrola o livro do sr. Galvez.

Mas que profundos soffrimentos, que tristezas tragicas, revelam essas paginas ardentes! Toda a chronica das mulheres perdidas de Buenos-Aires alli está com relevo torturante, nas figuras doloridas, soffredoras, e algumas até divinamente angelicas, de tantas outras Nachas Regules.

Certo, ha nessas paginas uma piedade luminosa. Como deixar de havel-a, se estamos diante de uma multidão de mulheres fracas, que lutaram debalde para evitar a perdição, e que foram, emfim, tragadas pela besta insatisfeita e eterna? A ordem em que vivemos é muito precaria e muito iniqua! Não se tente, como fazia Monsalvat, lançar as culpas sobre essa especie de animal do Apocalypse de um milhão de faces, cujo halito envenena, — a Sociedade. O mal é maior e vem de mais longe. Está em nós mesmos, no fundo do nosso fragil coração. O mal é esse Deus maravilhoso e arbitrario, esse Deus anterior a todos os deuses, filho da seducção e da belleza, o Amor... Enquanto a humanidade não for policiada por um systema mais racional e menos prejudicado pelas fraquezas dos sentimentos, teremos a lamentar as tragedias de todas essas vidas que ao nosso lado se arrastam diariamente. E nem ha evital-o. E' elle, o eterno Eros, o infante das settas de ouro, quem crêa os dramas e faz os heroismos. E bemdito seja, quando desses dramas e desses heroismos extrahe as coisas que ha em *Nacha Regules!*

O sr. Manuel Galvez comprehende que a chaga é sem remedio, provindo unicamente dos mysterios da creança fascinante e injusta. No seu romance temos a prova disso. Das mulheres extraviadas que nelle apparecem, noventa por cento devem a quêda ás promessas falsas dos amorosos. Foi o noivo quem as levou a passeiar. E no passeio se consumou tudo... Pode-se diser, até que esse livro representa, um acto biblico contra o perigo dos noivados e contra as insidias solertes das promessas de matrimonio...

Mas se isso é assim, se não poderiamos jamais encontrar um remedio para tal estado de coisas! Só ha uma verdade na terra: — eternidade do soffrimento pela eternidade do amor!

O sr. Manuel Galvez sabe isso tudo. Não são coisas que os homens de espirito possam imaginar, depois de Salomão e do Ecclesiastes...

E, contudo, parece que sente prazer em acenar com a possibi-



lidade de certas chimeras. Quando *Nacha Regules* appareceu em Buenos Aires, o sr. Galvez foi saudado pelos socialistas argentinos como uma voz nova, — e de que brilho era esta nova voz — que chegava para o gremio. Cêdo as esperanças se desfizeram. No entanto a maravilha de certas illusões ficou.

Com essas illusões ficou a bondade de Nacha e ficou o supplicio de Monsalvat. Amando Nacha e procurando a irmã perdida, Monsalvat soffreu como jamais um homem poderia ter soffrido. Isso exalta o nosso coração. Nós somos essencialmente egoistas. Uma pintura de tal ordem, trazendo-nos a certeza de que poderemos soffrer a um ponto de tanta angustia, tem a sorte de fazer com que descubramos, em nós mesmos, tesouros inapreciaveis de grandeza e amor.

Quanto ao martirio de Nacha, este é igualmente doloroso. Tra-hindo-a o engano do eterno noivo, ao pretender reentrar em casa, foi repellida pela mãe. E como não tinha onde ficar, accitou a vida impura. Ainda, porém, no meio dos supplicios mais atrozes o seu desespero não accusa ninguem. Ella é simples e boa. Entrega toda culpa ao Destino. O Destino foi máo, creou-a para mulher da rua...

Esse fatalismo é sincero em Nacha. E' elle, convem dizer, uma virtude dos personagens do sr. Galvez. São pessôas descrentes dos grandes esforços individuaes. Julieta, companheira de Nacha, dizia com accerto: "os outros não querem que sejamos boas... "E' uma attitude amarga e bella, no seu scepticismo. E a prova de que é justa é Monsalvat que, querendo lutar contra o mundo, na sua vaidade de Christo Novo, terminou cégo, depois de ter estado louco no manicomio...

O livro do sr. Galvez encerra muitas e salutaes coisas. Acaso haverá quem desdenhe aquella lição de sabedoria colhida na casa de Mlle, a francesa hypocrita que, sendo um espelho de virtudes, acolhia no leito os mais fortes bigodes de Buenos Ayres? E' um exemplo edificante, fazendo-nos ver uma coisa real e logica: que não ha papel de sêda tão fragil quanto a virtude feminina... Tambem é uma tolice sem razão de ser a dos nossos preconceitos, que põe a honra em objectos tão delicados como o coração e o figado das mulheres...

Em *Nacha Regules* ha uma relação completa das casas de tolerancia de Buenos Aires. E isso illustrado com perfis de mulheres, tambem de tolerancia. Entre estas mulheres ha, não raro, intelligencias agudas e sabidas. Não tenho escrupulo em declarar que poucas phrases tenho ouvido de tanta subtileza quanto á reflexão feita por uma creatura leviana: "nós, as mulheres da vida, somos uma das mais solidas columnas da sociedade..."



Outro ensinamento do livro do sr. Manuel Galvez é que o platonismo ainda é uma força pequenina e desvalorizada, no mundo. Entre todas as ternuras de irmão que lhe proporcionava Monsalvat. Nacha recordava os carinhos torturantes de Arnedo. Era razoavel. Pois de que servem as forças do amor, se ellas só lo-gram vencer e dominar quando encerradas no coração dos santos? D. Juan nunca aprendeu a linguagem do coração, fala o idioma simples da conquista. A sua fraqueza é o que vence a mulher. Como boa filha da Natureza, a mulher ainda em nossos dias conserva o culto das coisas naturaes. Foi o caso de Nacha. Ella amava, no amor, a delicia, o encantamento do amor. E devia ter sido realmente pouco amavel o homem que lhe appareceu falando com a translucidez das almas das columbas.

Ha trechos de dramatica intensidade no romance. Aquella misericordia e aquella sympathia humana com que o sr. Galvez descreveu o supplicio do poeta dos *Jardins Mysticos*, no *Mal Metaphysico*, aqui tambem se encontram. E' uma viva reminiscencia dos romances russos, daquelles romances sombrios e bellos que Euclides da Cunha chamava "glorificações ao soffrimento". "O primeiro dialogo de Monsalvat e Nacha, na casa desta ultima, e os dialogos de Nacha e Eugenia são de insondavel tristeza. Revelam a natureza desse escriptor de cuja intelligencia enorme e candida talvez é licito á literatura argentina esperar a construcção do seu mais bello monumento, no romance.

A mesma dramatica intensidade está espalhada pelo livro todo. O episodio do manequim, no atelier, revela um capitulo de tortura indefinivel. São paginas tragicas. E os factos que nellas se narram são tão tragicos que, por um momento, Fernando de Monsalvat descrê dos homens e descrê do dia, entre todos abençoado, do advento da justiça. E pensa em abandonar a luta em que estava empenhado para trazer a felicidade á terra pelo amor. Os homens são tão monstruosos que não ouvirão jamais a linguagem do amor! Para que elles ouçam se faz mister falar a voz da violencia.

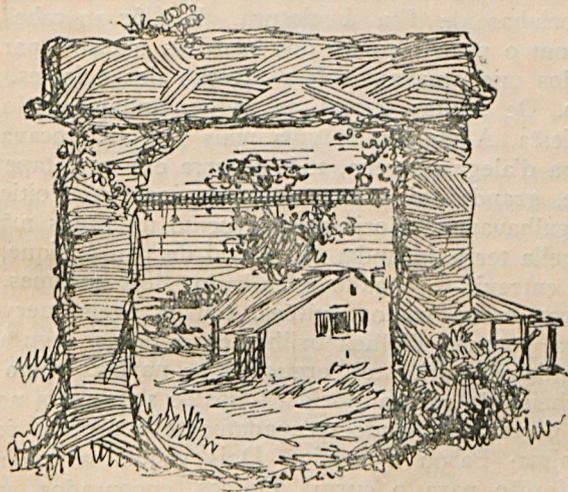
Não sómente aos ricos e aos poderosos se estende a descrença do sr. Galvez. O escriptor reconhece que a multidão é ignorante e vil. Que as suas preferencias são as preferencias dos nescios. E que, emquanto não vier uma sociedade mais alta e mais bella, o povo tem que continuar a ser o mesmo acervo bestial. O homem que diz dar hygiene e conforto aos miseraveis foi apedrejado. A sympathia ficou improficua, e, peor ainda, foi a fonte de desilusões. Com isso, porém, *Nacha Regules* não deixa de ser um livro impregnado de muito carinho. Talvez mesmo, no bom sentido, seja possivel consideral-o um livro socialista. Pois não é a defesa dos opprimidos e dos enganados o seu thema central?

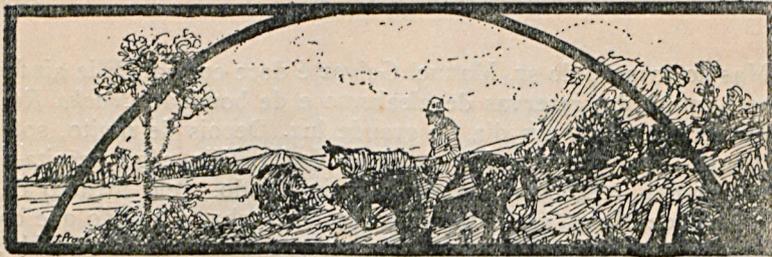


Mas ao coração do sr. Manuel Galvez é doce confiar. Elle ainda espera muito das reservas de idealismo e de bondade. *Nacha Regules* termina com um dia de grande luz. Depois de muito, sofrimentos, encontram-se Monsalvat e Nacha. Elle, cégo, accêita-a como esposa, recebendo o premio mais amado. Pelo influxo da sabedoria de Monsalvat e da dedicação de Nacha, o mundo que os rodeia se abre em felicidades. E' isso nos ultimos dias de 1914, logo a explodir a guerra. E enquanto uns e outros discutem, gritam e rugem, tomando ora um partido e ora o outro, Monsalvat reflecte e pensa. Por fim seus labios dizem uma palavra formosissima:

— “O dia se aproxima! Esta guerra é o começo do grande dia! Sinto-o que vem. Sinto-o já dentro de mim! Não sei como será. Não sei se chegará lentamente ou se chegará de subito, fulminante, á feição de raio de vingança! Sei porém, que se aproxima o grande dia, — o dia da Justiça!”

Essas phrases divinas são as revelações de um Oraculo. Ellas resumem a visão redemptora do propheta que ha no sr. Manuel Galvez





O ABOIADOR

POR LUIZ DA CAMARA CASCU DO

O terreiro da fazenda, todo em barro vermelho batido, chapado por lajes brancas, rebrilhava ao sol forte de Agosto. Das latadas, vinha o borborinho das gentes apinhadas. Uma multidão de vaqueiros encourados de novo, caracolava airosamente. Mocinhas de fita á cintura, de flôr ao cabelo negro, olhavam, com o pasmo quieto dos espiritos mansos, para os cavallos suados que pulavam sob a pressão dos acicates. Era dia d'apartação. De muitas leguas ao redor, tinham vindo pessoas assistir a festa. A musica da villa mais proxima tocava. N'uma athmosphera d'alegria serena, toda a terra era uma tapete verde, e de longe, grandes oitizeiras, robustos joazeiros, oiticas immensas, esgalhavam-se gloriosamente como multiplas mãos abençoando aquella terra fecunda. No curral de pau á pique, atropeladamente, entrevia-se o gado rebanhado. Bois enormes, pesados e magnificos como velhos sultões, touros ageis, nervosos, de musculatura potente, d'olhos brilhantes e pontas aguçadas, novillos irriquietos, saltitantes, erguendo as narinas como se aspirassem o cheiro da varzea florida, todos se apertavam no estreito espaço da porteira, olhando pasmadamente o aspecto festivo da fazenda calma. Parou a musica. Dois vaqueiros pularam com varas de ferrão para o curral. Outros, encourados, vermelhos de sol, com os gibões enfeitados de fios de retróz branco, collocaram-se do lado da porteira. Uma novilha appareceu, pulou e n'um salto brusco desatou numa carreira terrivel pelo campo. Os cavallos iam-lhe no piso. O *esteira* conservou-a em linha recta, o outro baixou-se, apanhou a cauda,

firmou-se na sella, e n'uma nuvem de pó as patas da novilha ergueram-se para o ar. Todo o dia este facto se repetiu innumeras vezes. A tarde cahia. O gado já se tinha apartado. Só uma grande parte pertencente ao dono da fazenda, é que se premia no curral. Deviam mandal-a ao rio que se estendia, preguiçoso e limpido, a alguma distancia. Fizeram um circulo de vaqueiros. Falavam surdamente. De repente puxaram de um tamborete, um negro e o levaram para a costumada façanha. Era Joaquim do Riachão, o melhor aboiador das cercanias. O preto era baixo, magro, vestia calça de zuarte azul, cinto vermelho e uma camiza de algodãozinho que lhe mostrava o peito descarnado e as clavículas rompendo a pelle. O pescoço fino, cheio de musculos, n'uma alto relevo d'estatuaria, prendia-lhe a cabeça polygonal, desbastada á largos golpes de camartello, com o cabelo encarapinhado, o rosto chupado, com a arcada zigomatica accuzada atravez da epiderme franzina. Completava-o uns olhos claros, tristes, contemplativos como se evocassem silenciosamente a saudade da patria distante, a Africa longinqua dos seus avós. Caminhou balouçantemente para o cercado. Trepou ao moirão da porteira. Tirou o seu chapeo de coiro ponteadado de botões de madreperola, bateu-o na côxa, pol-o na cabeça, ergueu-a e soltou um grito moldurantemente forte, estridente, alto como uma fanfarrã gloriosa de clarins em tarde de victoria. O gado continuava impaciente, pulando, apertando-se no estreito espaço do curral.

O negro aboiava.

Potente, sinuoso, dobrado em curvas felinas, o som se espraia em tonalidades extranhamente emotivas. Dir-se-ia um rapsodo, o ultimo cantor das terras do sertão, cantando sem uma palavra, somente encantando pelo som. Desdobrava-se o surto sonoro, n'um grito estridente. Depois descia, quebrava-se, vinha em volutas para um *smorzado* magúado, sentido, bizarro, exdruulo.

O negro aboiava.

Recordação musical das dores soffridas. Cantava n'aquella tarantella febril, a ancia dolorida de uma raça. Febre, luctas, vibrações, sentimentos, a coragem eterna do trabalho heroico contra os elementos. Era um canto triste, uma melopéa vagamente monotona, que subia aos céos levando envolta em notas a saudade sem fim dos dias que passaram. Estalava no ar a voz de Riachão. De repente parava e no silencio religioso do pateo repleto, só se ouvia o rumorejo farfallhante das ingazeiras distantes.

O negro aboiava.



Lembrança da terra querida. Impressão indelevel dos trabalhos da secca. A morte do gado, os rios seccos, o açude esgotado. O sol em fogo, a terra em braza, os caminhos ladeados pelas cossadas brancas, o sussurro gemente do carnaubal esguio, o grito agonico e ultimo do derradeiro boi morrendo ao pé das arvores resequidas.

Som, queixume, esperança, prece e desalento se alavam para aquelle céu azul, meigo, sereno, bemdito, o mesmo céu da secca passada, o mesmo azul, puro, tranquillo, implacavel. O gado se aquiêtava junto á porteira. Os focinhos se inclinavam para a terra como procurando as pegádas deixadas pelas retiradas dolorosas.

O negro aboiava.

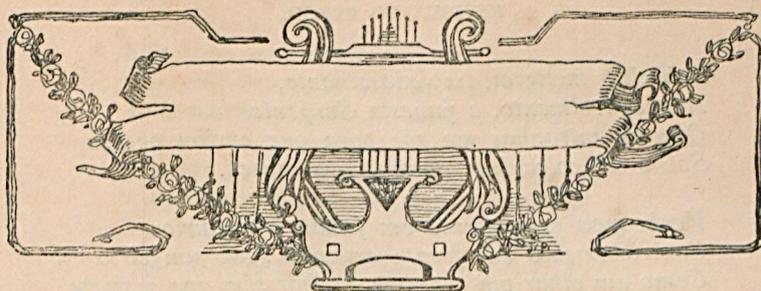
Era um soluço. Um canto tristissimo que impressionava. Cantos doloridos de pezar, era o aboio, o lamento lançado ao sol moribundo, como se imprecasse a sua luz que fecundava a terra e que depois a resequia. Recordava o soffrer angustioso das retiradas, quando faiscava a luz da madrugada, e a levada dos retirantes, sem pão, sem lar, sem descanso, nua, esfarrapada, doente, cambaleando procurava o caminho de uma natureza mais clemente, das terras melhores, d'um céu mais amigo. Desenrolava-se no ar a sonoridade doentia do aboio.

Riachão desceu de vagar, abriu a porteira tirando páu a páu aboiando sempre, poz a vara de ferrão no hombro ossudo de arthritico, e vagaresco, soberbo, andou para o caminho serper-teante que levava ao rio espelhento aos ultimos raios do sol. O gado sahiu do curral, todo elle, bois immensos, touros nervosos, novillos trafegos, cabisbaixo, pensativo, n'uma fila lenta, n'um mugido doloroso e foi seguindo no rasto do vaqueiro, o trilho sonoro do aboio. Nenhum correu, nenhum se apressou, nenhum d'aquelles animaes rompeu a forma original d'aquella parada. Atravessaram o patéo cheio de vaqueiros descobertos, ladearam a casa de farinha e desceram para o rio, entre as juremas em flôr e o cheiro forte dos pereiros verdes.

É assim, homem e gado, desapareceram na volta da estrada, e no ar sereno da tarde luminosa, ficou perdurando a dolencia rythmica do aboio, o canto distante da dor eterna das gentes do matto, tão saudoso, tão forte e tão sonoro, como se fosse a propria alma do sertão que ia cantando...

Natal. Julho de 1920.





POESIAS

MADONA

*“Vou sagrar-te um altar dentro de mim occulto
Para fazer de ti a Virgem do meu culto.
Buscarei um lugar no meu peito a capricho
Escolhido e farei bem recondito um nicho
Santo todo de azul e de ouro constellado
Onde te deporei, meu idolo adorado!*

*Do meu verso que tem lampejos de metal
e embutida na ponta a rima de crystal
Far-te-hei para a frente uma Aureola de lumes.*

*Teu manto talharei dos meus acres ciumes,
Espesso de matiz, forrado de suspeitas,
Impenetravel, denso, em mil dobras estreitas,
Para não ser jámais teu corpo profanado;
De lagrimas, em vez de perolas bordado.*

*A tunica farei do meu louco desejo
Aligera e subtil como a essencia de um beijo,
Levissima, fugaz, tão vaga e vaporosa
Que mal roce afagando o teu corpo de rosa.*

*Para teus pés que são dois passaros implumes
Farei uns borzeguins, dois “sachets” de perfumes
Que se adaptem á fôrma e lhe guardem num preito
A fôrma; fal-os-hei do meu alto respeito.
Depois, se não lograr que a minha rima ingrata
Lhes dê por escabello uma Lua de prata,*



*Sob elles metterei, impiedosamente,
Irrevogavelmente, a funesta Serpente
Que as entranhas me rõe para que enfim pereça
Sob o teu calcanhar, esmagada a cabeça.*

*Verás meu pensamento em fundo lethargirio
Contractamente em frente ardendo feito um cirio
Como um olhar em chamma a olhar sem que se farte
Consumir-se por ti pelo afan de alumiar-te.*

*E como até a ti sóbe o que existe em mim
Verá meu proprio ser a myrrha e o benjoim
Que em fumo cada vez mais intenso e mais denso
Se evole para ti no incensorio do incenso..."*

"Envoi"

*Madona, esta oração, roubei-a a Baudelaire
Para resar-t'a a ti.*

FONTOURA XAVIER.

AGUA-MARINHA

I

*Agua-marinha... Os barcos fujidios...
Fechou-se a tarde na tristeza immensa
do adeus-rouco das trompas dos navios...*

*Quando a lua surjir, os pescadôres—
almas que se confranjem na descrença —
cantarão a elejia dos amôres...*

*O mar que é tão tristonho e tão voluvel
tem sempre pescadores a cantar,*

*porque ha uma aliança indissoluvel
entre maguas de amôr e aguas do mar...*

II

*Agua-marinha... embarcações viajeiras...
As partidas... O adeus branco dos lenços...
A amargúra das frases derradeiras...*

*Mar de saudades e melancolias,
chorando nos crepúsculos immensos*



*o destino das velas fujidias...
Mar ondulante, de cristais e pratas —
agua-marinha lenta... sem escolhos...*

*Mar de barcos, de amôr e serenatas —
a agua-marinha calma dos teus olhos!*

A CANÇÃO DO IZOLADO

*O som nostálgico do sino
vibra na tarde indagadôr...
Vibra nervôso, hostil, ferino,
o som nostálgico do sino
em funeral ao meu amôr...*

*Anda na tarde, em vôo incérto,
um passarêdo desertôr...
Ha passarinhos no deserto
que não têm ninhos acoberto
do temporal devastadôr...*

*A! vêio a noite do tormento...
E eu que era um pássaro cantôr,
não canto mais — sólto um lamento...
e o meu lamento vai no vento
que vérga as árvores em flôr...*

*Que céu escuro... o mar toldado
não tem nem um navegadôr...
E o que será do mar toldado
se não vier um sol-dourado
fazer do mar tôrvo e agitado
um Mar de Rosas para o amôr...*

NOITES DE LUAR

*As nossas noites de romance... Quando
minha ansiedade por te ver chegar...
Os jasmims trescalavam... E era tanta
saudades vem meus olhos marejar...*

*Quando surgias dentre o jasmineiro
que estrelado, aromava o peitoril...
Quando surjias lírica... e eu ligeiro
jalgava o teu jardim em ansias, febril...*



*O luar é um criminoso zombeteiro
impúne nas cidades do Brasil!*

.....

*E o luar — escandaloso me envolvia
e te envolvia! — Nem é bom lembrar... —
Eu queria mais sonhos... Eu queria
mais delírios, mais beijos... mais luar!...*

DE TARDE

*Que saudade de ti... De quando em quando
tomba uma folha... E as aves segredando
voam, em zig-zag, rente ao chão...*

*Aves tontas do Sol da Primavera,
buscando os ninhos onde a paz sincera
com outras aves, de certo, encontrarão...*

*Na agonia da tarde, tristemente,
planje, lá lonje, o sino da cidade...*

*Sinos... Aves errantes... Sol-Poente...
Que saudade de ti... A! que saudade!...*

AS GAIVÓTAS

*As gaivótas que partem com os veleiros,
voltam de tarde a voar perto do caes.*

*Azas brancas... O adeus dos marinheiros...
Ai dos veleiros que não voltam mais!...*

O BARCO DE OURO

*Pela alvorada o Barco de Ouro, lento
surgiu nas ondas verdes, num momento,
para o meu sonho e para o sonho teu.*

*Depois do Sol turvou-se o brilho intenso.
O crepúsculo azul ficou mais denso,
e o Barco de Ouro desapareceu...*

ORESTES BARBOSA.





DR. CARNEIRO RIBEIRO

NOTA PRELIMINAR

PELO PROF. BERNARDINO JOSE' DE SOUZA

(Do Instituto Geographico e Historico da Bahia e da Academia de Letras da Bahia)

No mez de Fevereiro do anno corrente (1920), de ordem do meu eminente confrade e amigo Dr. Laudelino Freire, escrevi para a *Revista de Lingua Portuguesa*, uma noticia biographica do Dr. Ernesto Carneiro. A momentosa *Revista* publicou-a na Secção — “Mestres da Lingua — em o Numero 5, Anno I, Maio, de 1920, precedida de uma photographia do Mestre, a ultima tirada.

Nove mezes após, quasi dia por dia, aos 13 de Novembro, traiçoeira enfermidade encerrava o cyc'lo da existencia abnegada do nosso Patriarcha, como o chamou Homero Pires, nos adeuses sentidos de sua primorosa penna. (Vide “O Imparcial” de 14 de Novembro de 1920).

Impõe-se-me agora a tarefa, dorida e ingrata, alma e coração ajoelhados ante a maior saudade que jamais senti, de completar as notas em torno da vida de quem era uma das maiores glorias da Bahia e cuja memoria será sempre a maior fortuna moral do meu nome obscuro. São notas apenas: datas chronologicamente citadas, factos verdadeiramente narrados, traços esparcos da alma bonissima do maior dos educadores nacionaes, linhas muito curtas das feições mais em relevo do seu character immaculado, fieis narrativas de seus grandes triumphos l'itero-scientificos.

Outros, sobre estas bases, dirão melhor o que foi a vida exemplarissima do chorado morto.

Nasceu o Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro na Vil'a, hoje Cidade de Itaparica, Estado da Bahia, aos 12 de Setembro de 1839. Seus genitores, de condição modestissima, foram José Carneiro Ribeiro, escrivão de orphãos da vil'a e D. Claudiana Ramos.

Feito allí o seu curso primario, iniciou aos 12 annos o estudo da grammatica latina sob a abalisada direcção do Prof. Manoel José Pinto, nos velhos tempos em que em Itaparica, como n'outras villas e cidades da Provincia, havia uma cadeira publica de Latim: em tanta conta se tinham naquelle então as letras classicas.



Tendo manifestado pendor para as letras maiores, transferiu-se em 1853 para a Cidade do Salvador, matriculando-se no Lyceu Provincial, cujas cathedras eram regidas por famosos pedagogos e estava sob a direcção do advogado Manoel Pedro Moreira de Vasconcellos. Nesse Instituto official teve como mestre de latim o eximio latinista Guilherme Balduino Embirussú Camacan, de Geographia e Historia o Dr. Pedro Botelho, de Philosophia o Dr. Salustiano Pedrosa, ouvindo, em curso particular as boas lições do saudoso geographo Dr. João Estanislau da Silva Lisbôa: nomes estes que muito exaltam a historia intellectual da Bahia. Foi um estudante modelo por sua applicação e por seu talento.

Taes mostras de applicação deu nos primeiros estudos que, ainda preparatorio e por indicação de seu professor, em 1857, foi convidado pelo Dr. Francisco de Almeida Sebrão, director do acreditado instituto de ensino Collegio S. João, para substituir o cathedratico de Philosophia que era o mesmo Dr. Salustiano Pedrosa: foi o inicio de sua inimitavel carreira de magisterio, dispondo-se-lhe desde então o espirito e o coração para os labores e sacrificios de tão augusta tarefa.

Matriculou-se na Faculdade de Medicina da Bahia em 1858, e em 1864, depois de apresentar e defender brilhantemente uma these em torno das Relações de Medicina com as Sciencias Philosophicas, obteve o gráo de Doutor.

Ainda no primeiro anno do curso medico, por especial recommendação do emerito professor de Inglez, Carlos Alchorne, foi convidado pelo notavel educador Dr. Abilio Cesar Borges, Barão de Machahubas, para reger as classes elementares de Francez e Inglez, no Gymnasio Bahiano, que nesse mesmo anno fundara e que se tornou viveiro inesgotavel de homens eminentes em todas as provincias do saber e da actividade.

Tempos depois foi promovido a cathedratico das linguas citadas e tambem de Philosophia.

Nesse tempo e nesse tempo foi que o Dr. Carneiro Ribeiro teve como discipulo Ruy Barbosa, o genio formidavel da nossa raça que não ha muito tempo, em Janeiro de 1920, em homenagem ao velho Mestre e em recordação dos tempos descuidosos das calças curtas, lhe offereceu o Discurso pronunciado em saudação a Anatole France com a seguinte dedicatória: "*Ao eminente philosopho Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro, seu admiravel professor de francez, offerece este ultimo exercicio seu nesse idioma o seu agradecido alumno Ruy Barbosa*".

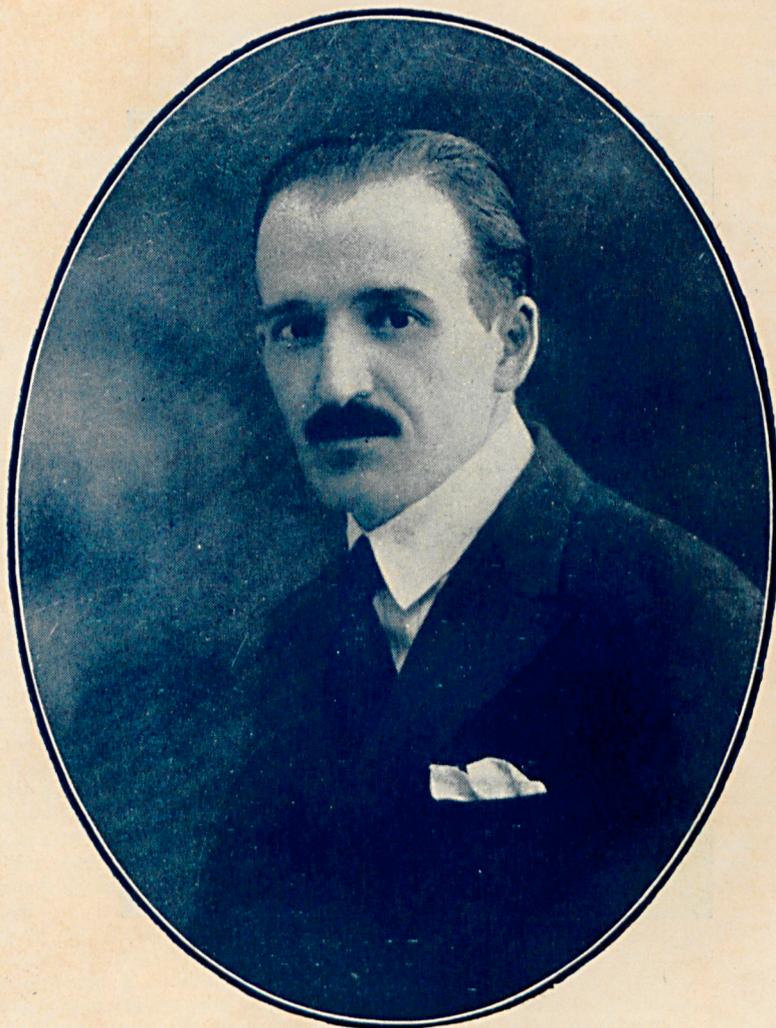
Em 1850 o Dr. Carneiro entrou na sua primeira pugna litero-cientifica: concorreu á cadeira de Francez do antigo Lyceu Provincial, hoje Gymnasio da Bahia, vaga pela jubilação do cathedratico Isidro José de Mattos, dando então provas bastantes do seu já grande conhecimento da lingua de Racine.

O anno de 1871 assignala um dos seus maiores triumphos scientificos. Achando-se vaga a cadeira de Grammatica Philosophica do referido Lyceu foi aberta a inscripção para concurso, inscrevendo-se os Drs. Guilherme Pereira Rebello, eximio literato e cientista de folego, *lingua de prata* como o chamavam, Aristides Justo Cajueiro de Campos e Carneiro Ribeiro. Realizaram-se as provas e tal a excellencia das do primeiro e ultimo candidatos, tal a somma de conhecimentos que ambos revelaram e sobretudo a correcção moral que mantiveram durante todo o empenho, que o concurso assumiu as proporções de uma batalha scientifica, brilhante e nobre. Segundo o testemunho da Imprensa do tempo, nunca anteriormente, um concurso havia attrahido maior numero de ouvintes, nem mais selecta assistencia.

Sendo ambos approvados com distincção, ex-aequo, logo depois da ultima prova, o então Presidente da Provincia, o benemerito Dr. Francisco Gon-

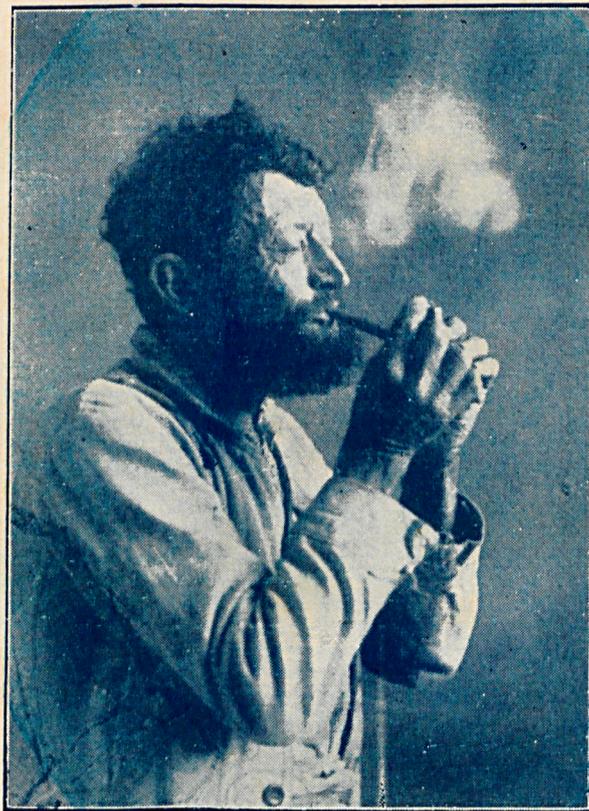


GALERIA DOS EDITADOS PELA "REVISTA DO BRASIL"



Léo Vaz, autor d' "*O Professor Jeremias*"

TYPOS DA ROÇA



Phot. de F. Ferraz.

galves Martins, Barão e mais tarde Visconde de S. Lourenço, dentre os maiores administradores que tem tido a Bahia, submetteu á sorte o provimento da cathedra disputada. Vale recordar o processo de que usou o digno Presidente para resolver o problema da egualdade de competencias, consoante o voto do Jury examinador: fez escrever pelo professor Sebastião Pinto duas cedulas semelhantes, lendo-se n'uma "*tive merito e não tive sorte*" e noutra "*tive merito e a sorte me ajudou*", collocando-as numa urna. Já se não achava presente o Dr. Carneiro Ribeiro: consultado o Dr. Guilherme Rebello sobre se se sujeitava ao resultado que indicasse a sorte, respondeu affirmativamente, e convidado a retirar da urna uma das cedulas, rezava essa — *tive merito e não tive sorte*. Immediatamente o Presidente da Provincia assignou o seguinte Acto.

"O Barão de S. Lourenço, Presidente da Provincia, tomando em consideração as provas exhibidas no concurso á cadeira de grammatica philosophica do Lyceu e o julgamento das mesmas resolve nomear para professor da mesma cadeira o Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro. Ordena portanto, que neste sentido se especem as necessarias communicações. Palacio da Presidencia da Provincia da Bahia 24 de Fevereiro de 1871".

A 1 de Março tomou posse da cathedra conquistada em recontro tão famoso, em cuja regencia o Dr. Carneiro Ribeiro patenteou as provas mais inequivocas de seus conhecimentos, de seu estudo aturado e do amor com que cultuava a lingua vernacula. Foi nesse tirocinio que armazenou o raro saber que mais tarde o sagrou eminentissimo philologo, dos maiores do mundo portuguez, espelhado de sobejo nesses dois solidos monumentos scientificos que são os *Serões Grammaticaes* e a *Redacção do Projecto do Codigo Civil*.

Dezenove annos a fio levou a illuminar as turmas successivas de alumnos que passaram pelo velho Lyceu da Bahia; dezenove annos se escoaram na ouvida das aulas magnificas do sabio mestre, sempre chamando a attenção dos ouvintes para as belezas do vernaculo, de cujos encantos elle nos deu mais tarde sinthese perfeita. "Entre as linguas que se intitulam romanticas ou novo-latinas, em cujo numero entram o francez, a castelhana, o italiano, o provençal, o rumeno e o portuguez, cujas lições bebemos com as primeiras gottas de leite que sorvemos, não cede este a palma a nenhum dos idiomas congeneres e ligados á mesma fonte etymologica, por sua graça e belleza por seu mimo e donaire no dizer as coisas leves e fugazes, por sua propriedade no pintar o grave, o triste e o magestoso, por um geito particular a affeição-se a todos os estylos e adaptar-se a todos os generos de composição litteraria; abundosa de vocabulario, numerosa de rythmo, elegante de expressões, engenhosa e variada nas composições e construcções syntacticas, recolhendo o melhor de suas irmãs: a doçura e melodia da italiana, a gravidade e pompa da castelhana, a clareza e simplicidade da franceza. Na concisão, perspicuidade, belleza e elegancia substanciosa das sentenças, ás vezes nem mesmo cede o passo á lingua matriz, cujo maior legado lhe coube, como filha primogenita".

A 23 de Outubro de 1890, quando o governo do Estado, pela Reforma chamada Virgilio Damasio creou o Instituto Official de Ensino Secundario, extincta a cadeira de Grammatica Philosophica, foi o Dr. Carneiro Ribeiro transferido para a nova cadeira de Linguistica e Grammatica Geral e Comparada. Regeu-a até 1895, quando em nova Reforma do ensino secundario, creado o actual Gymnasio da Bahia, é transferido aos 17 de Outubro para a cadeira de Latim, vaga pelo fallecimento do cathedratico José Pinto Chichorro da Gama, um dos mais insignes latinistas da Bahia. Na direcção da cadeira de latim esteve até 1902, quando se aposentou depois de 31 annos e alguns dias de optimos serviços á instrucção publica.



De'le se despediram os collegas em festa commovedora, prova eloquente do apreço em que tinham as suas nobres qualidades de mestre, sendo interprete da Congregação o illustrado Professor de Historia Universal Dr. Braz do Amaral, que o chamou "mestre admirado e querido", cuja "judiciosa compostura foi um dos alicerces do Gymnasio", cujo nome "ficará como um exemplo de talento, de esforço e de applicação", na recordação de cuja "solida envergadura de professor emerito e honesto, de perseverante, de intransigente no dever, de homem de energia e de sinceridade, sabemos haver um symbolo que lembraremos como um modelo que se pode e deve seguir".

No Gymnasio da Bahia, alem dos provimentos effectivos, leccionou sempre com proficiencia, na ausencia dos respectivos proprietarios ás cadeiras de Botanica e Zoologia, Francez, Inglez, Historia do Brasil e Literatura. Em varios estabelecimentos de ensino foi Professor de Portuquez, Francez, Inglez, Latim e Philosophia, sempre com applausos dos Directores e dos discipulos que se não cançavam de ouvir a sua voz vibrante, quasi estentorea, tão conhecida em todos os circulos intellectuaes da Bahia.

Por fallecimento do Dr. Antonio Franco Meirelles o Dr. Carneiro foi nomeado pelo Cons. Almeida Couto, Presidente da Provincia, para o cargo de Director do Lyceu da Bahia, exercendo-o até o governo Rodrigues Lima, quando pediu demissão. Na qualidade de Director do Lyceu era Vice-Presidente do antigo Conselho Superior de Instrução Publica, tendo exercido tambem o cargo de Director da Instrução Publica, na ausencia do titular effectivo, Dr. Satyro de Oliveira Dias. Em 1887 concorreu á cadeira de Clinica Psychiatrica da Faculdade de Medicina, sendo unanimemente approved em segundo logar, obtendo porem um voto para o primeiro, que lhe deu o notavel Professor Dr. José Pedro de Souza Braga.

* * *

A's suas qualidades de mestre preclaro, cujos dotes de estylo contrastavam com uma rara cultura, juntava o Dr. Carneiro Ribeiro, em harmonia não commum e em beneficio do mais alto dos apostolados, as de educador consagrado no paiz inteiro. Estas impressionaram fundo o espirito do Dr. Abilio Cesar Borges que, pouco tempo depois de sua entrada para o Gymnasio Bahiano, em 1858, o convidou para Vice-Director do mesmo estabelecimento onde foram postos em pratica adeantados planos de educação e ensino. Em 1873, associado ao Conego Dr. Emilio Lopes Freire Lobo, insigne orador sacro, montou um collegio de ensino primario e secundario, a que intitulo Collegio Bahia: de sua acção nesta famosa casa de ensino o illustrado Constancio Alves escreveu uma chronica para o "Jornal do Commercio", (Edição de S. Paulo), publicado a 18 de Novembro de 1920. A honrosa chronica termina assim: "A's obrigações de mestre sacrificava tudo, e como mestre, nenhum foi mais conceituado. Nada lhe faltou para ser o mestre como deve ser: o interesse pela intelligencia e pelo moral da mocidade; o amor ao estudo e o vigor physico com que resistiu, por mais de meio seculo, aos encargos de uma profissão das mais fatigantes. De estatura acima da media, cheio de corpo, largo de hombros, frontal magestoso, rosto moreno e de bellas feições, enquadrado em barbas espessas e bem negras, voz forte e de excellente timbre, era um raro typo de homem robusto e uma respeitavel figura de mestre. Capaz de brandura e de benevolencia, era respeito o que mais inspirava aos seus alumnos e foi por elle que conquistou o prestigio para o seu colle-



gio, prestígio sustentado pela seriedade de seus attestados que, perante as mesas de exame, eram recommendações e equivaliam a approvações antecipadas". Dissolvida amigavelmente a sociedade do Collegio Bahia em 1883, o Dr. Carneiro fundou só, em 1884, o actual Gymnasio Carneiro Ribeiro que foi por algum tempo equiparado ao Gymnasio Nacional, antes da Reforma Rivadavia que extinguiu todas as equiparações. Na alta direcção deste estabelecimento, professando ainda linguas, falleceu o velho glorificado por quatro gerações de alumnos. As neves de 81 janeiros revolvidos nunca puderam estancar a sede do saber do masculino operario da educação nacional, nem impediam o cumprimento da sina benemerita de formar o coração e illuminar o espirito dos moços.

Dos aspectos de sua obra social docente, onde se punham em incomparavel relevo, no justo dizer de José Maria Bello, a sua alta cultura, o seu nobre caracter e a gloria silenciosa e abnegada de seu professorado de mais de meio seculo, sobreleva considerar o da educação.

Revela-se-nos então um dos typos mais representativos dos educadores nacionaes, labutando no decurso de 63 longos annos (Março de 1857 — Novembro de 1920) por um altissimo ideal, "completando pelo coração a obra que formava pelo espirito", dando todas as energias de alma sã á obra superiormente patriótica de modelar e compor as gerações confiadas ás directrices de sua acção modelar.

Era de ver o affecto e o carinho entrelaçados de respeito amigo com que toda a Bahia intellectual, creada aos peitos de seus exemplos, se inclinava reverente ante a figura benevola e austera do ancião, quando e onde quer que se apresentasse com o seu porte varonil, bella cabeça artistica cheia de neves, a paixão d'alma espelhada no sereno semblante que só irradiava bondade, expoente de suas virtudes formosas. Elle era, na phrase tersa de Xavier Marques, "o estatuário inspirado e fecundo, cujas mãos modelaram não só intellectos, mas caracteres. O seu Gymnasio, instituição famosa entre as congeneres do paiz, por onde passaram varias gerações discentes, foi sempre uma escola integral, com programma de ensino e cultura extensivo ao moral da mocidade. No desempenho consciencioso da sua missão, nunca se separou o professor de humanidades de preceptor de civilidade. Uma das mais justas ufantias da sua gloriosa vellice era de facto o rever-se na gloria e nos triumphos de muitos dos que, intellectual e moralmente, se formaram com as suas lições e nos seus exemplos de virtudes civicas e sociaes."

E no dia triste de sua morte sentidissima o primoroso academico escrevia ainda: "cumpre-nos recolher a riqueza que elle legou aos homens cultos e ás futuras gerações de estudiosos da lingua nacional, e agradecendo tanto labor proficuo, util e benemerito á memoria desse mestre amado de toda a Bahia, dar desafogo á saudade que nos deixa tambem no coração o seu trato polidissimo e affectuoso, a sua palavra sempre conceituosa, suavisada e justa, o seu vulto aureolado de uma doce luz de bondade, reflexo das virtudes inapreciaveis que lhe floriavam na alma sã e magnanima".

Em 1919, no dia de seu anniversario natalicio, tantas vezes festejado pelos seus discipulos, disse Theodoro Sampaio, expoente tambem do saber na Bahia: "Aos oitenta annos, eil-o ainda a dirigir as novas legiões nas pugnas da intelligencia; eil-o alçado como um guião a que seguem gerações dos que aqui aspiram o saber e buscam as lições das virtudes patrioticas. Como esses cimos nevados das cordilheiras que dominam amplos horizontes e são para o caminheiro cá em baixo a balisa alvenitante no roteiro do seu destino, assim o mestre encanecido para os que, como vós, Senhores Alumnos, ensaiam ainda os passos no caminho escabroso da vida e aspiram uma reali-



dade tangível no domínio dos ideaes. Felizes sois vós, moços que me ouvis, com esse orientador de vossa intelligencia e do vosso character cujas luzes e virtudes fizeram-n'o essa ancianidade veneranda de que a Bahia se orgulha e a quem hoje tributa as suas homenagens essa mocidade agradecida".

E, aos 12 de Setembro de 1920, ultima vez em que lhe festejaram o natalicio os discipulos actuaes pelo verbo primoroso de um antigo, Clementino Fraga, da vanguarda da Medicina na Bahia, rematava assim a sua affectuosa saudação: "Mestre e amigo, muitas vezes sabio e outras tantas venerado: aqui vim para vos falar, mas me não senti capaz de vos dirigir a palavra directamente; de vossa vida pouco disse, mas disse o bastante para focalisar no espirito em flor da mocidade aqui presente esse aspecto extraordinario da vossa missão, que reflecte a sinceridade apostolica de uma existencia de muitos annos e grandes trabalhos; mas, ao cabo de contas, já que o espirito não poude librar-se para vos alcançar, chega a vez do coração, do coração que não tem expressões, nem delas carece, que diz sem dizer, que exprime sem falar, e *rien n'este petit ni vulgaire ou le coeur a passé*. Mestre: na intimidade da gloria tendes vivido. E vivereis tempos adiante, porque a vossa vida é um exemplo, e os exemplos ficam. Ficam e valem".

Em resposta o venerando ancião, com a sua voz encantadora de sempre, forte, vibrante e sonora, modulou o seu *canto de cysne*, em meio de cujos periodos de fino ouro dizia — Foi o Gymnasio Bahiano que me abriu as portas ás seducções do ensino a mocidade, por quem vivo e em cujos braços espero, dizendo o supremo *vale*, exalar o ultimo suspiro. De feito, 62 dias após, exhalava o ultimo suspiro rodeado dos seus amados discipulos, suspirando saudades, em homenagem ultima e valedora.

Morreu victima do paternal desvelo pelos seus filhos adoptivos. *Vale* registrar os pormenores do tristissimo facto: á tardinha de 5 de Novembro o seu coração bonissimo o levou ao leito de um seu educando que havia sido atacado por uma erysipela. Fez-lhe os curativos com as suas proprias mãos e assim contrahiu a doença que, de antes, nunca o accomettera; A's 10 horas e meia do dia 6 sentiu os primeiros e já violentos *synthomas* do mal implacavel. Recolhido aos seus aposentos, foram improficuos todos os recursos da sciencia, desveladamente empregados por summidades medicas da Bahia. A sua resistencia physica, admiravel em tão avançada idade, ia cedendo a pouco e pouco. No delirio da febre que lhe abrazava o corpo ou nos momentos enganosos de esperanças para os que tão ardentemente pediam pela sua vida preciosa, as unicas palavras, os seus cuidados, os pensamentos todos eram para os seus discipulos e para o seu Gymnasio. Aos 12 de Novembro foram perdidas todas as esperanças de salvamento: ungiu-o um sacerdote agostiniano, ás 8 horas da noite. Pouco depois lhe emmudeceu aquella voz peregrina, que tão bella fôra, que disse tanto bem, instrumento de ouro espelhando a alma mais nobre que já conheci. No dia 13, ás 10 horas e cinco minutos, após uma agonia serena como havia sido a sua vida inteira, sem um queixume nem gemido, augusto nas feições que o mal lhe não poude crispar, disse o *supremo vale*, entre os osculos dos filhos de seu sangue e dos de sua alma.

Morria como desejava morrer.

As ultimas claridades do astro moribundo contrastavam com os raios do sol nascente que lhe preparava a terra, cobrindo-a de flores, para recebê-lo em seu seio, coalhando de vividos raios o espaço por onde havia de subir a sua alma de justo, feita de luz, para a immortalidade dos eleitos. Em seguida o espectaculo das grandes consagrações: a romaria de



uma cidade inteira, do Chefe de Estado ao mais humilde operario, desfilando triste ante o ataude que encerrava tão sagrados despojos.

Mas, dizia no dia seguinte Carlos Chiachio, encerrando uma chronica de saudades, em estylo scintillante, "se havia esse rumor de cyprestes em torno de nós, se a cidade acordara num bater de azas agoureiras, se deslissavam cortejos ao clarão dos cyrios, todo esse ar de desolação profunda nas cousas, nada mais era do que um reflexo na morte do que elle fora na vida. E essa ha de nos ficar na grandeza da sua obra immortal, o monumento, que o Mestre deixou mais perenne que o bronze".

A noticia infausta correu celere por todos os recantos do paiz e as mais honrosas demonstrações de pezar e os mais sinceros preitos de saudade foram tributados ao bonissimo cidadão: va'em como synthese da dor commum as palavras do expoente da nossa nacionalidade, o altissimo Ruy, no seguinte telegramma:

"Dr. Bernardino de Souza — Rio. 14. Nov.

Recebi consternado a noticia dolorosa do passamento do Professor Ernesto Carneiro, meu sabio Mestre, Mestre de tantas gerações, grande luzeiro que se apaga nos cimos da cultura nacional. A' sua familia, á mocidade, á Bahia, ao Paiz me associo de coração no luto e nos pezames, que tambem recebo commovido. — *Ruy Barbosa.*"

* * *

Dos raros ocios de uma vida ufanosa, larga em annos e fecunda em serviços, de todo devotada ao magisterio e á educação da mocidade, sobreoirdada por uma fé incontrastavel na grandeza da Patria, recluso benemerito da mais saudavel das officinas, a sua esplendida disciplina intellectual fe-lo trabalhar em obras didacticas, com as miras apontadas no progresso e aperfeiçoamento da lingua e na vantagem de seus discipulos. A' noticia bibliographica appensa a estes dados põe em luz o seu labor de publicista didactico, iniciado em 1881 e encerrado nas vespervas do fatal desenlace de 13 de Novembro de 1920.

* * *

Muitas cordas de louros cingiram a cabeça augusta do velho lidador. Foi sempre encarregado de multiplas commissões litero-scientificas, ora pelos governos, ora por associações: duas vezes lhe deu o Instituto Geographico e Historico da Bahia a missão de falar em seu nome. Da primeira, em 1897, falou o Dr. Carneiro estudando o Padre Vieira como classico da lingua, o que fez conquistando applausos prolongados dos assistentes e da critica que, de uma feita, denominou a Conferencia lida — pagina classica sobre classicos. —

Da segunda, em 1915, disse o glorioso pedagogo a respeito da Educação em suas re'ações com a Moral.

Especial menção merece a lembrança da polemica famosa com o Cons. Ruy Barbosa em torno do Codigo Civil Brasileiro em elaboração nesse tempo. Em Janeiro de 1902 o Dr. José Joaquim Seabra, então Presidente da Commissão Especial do Codigo Civil na Camara dos Deputados pediu ao Dr. Carneiro Ribeiro que fizesse a leitura do Projecto do Codigo



Civil e lhe corrigisse as faltas que poderia haver relativamente á linguagem. Não obstante as excusas do Dr. Carneiro, deante do prazo dado, quatro dias e algumas horas, de si mesmo insufficientissimo para trabalho de tão largo folego, pela insistencia do seu antigo discipulo e amigo que appellou até para razões de patriotismo, poz hombros á empreza, escoimando o Projecto das falhas que mais se salientavam. Subindo o Projecto ao Senado da Republica foi eleito pelo mesmo o Cons. Ruy Barbosa para emittir o seu Parecer, o que fez de modo longo e substancioso, condemnando principalmente a redacção apresentada. Publicado o trabalho do cons. Ruy no Diario do Congresso de 27 de Julho de 1902 o Dr. Carneiro Ribeiro procurou defender o seu, abono do seu nome e porque, como o glorioso senador, era dos que "presam a sua lingua e lhe querem com amor e carinho", forcejando por se "não tornar cúmplice com os que acinte a desprezam e desdoiram", aprazendo-se com "o doce commercio, o ameno tracto, o desfadado convívio com os melhores escriptores". E a 25 de Setembro sahim á luz da publicidade as suas *Ligeiras Observações sobre as emendas do Dr. Ruy Barbosa*, imprimindo-as o Diario do Congresso de 26 Outubro. A polemica estava travada e era de gigantes, Em começos de 1903 veio a lume a formidavel *Replica* do Senador Ruy Barbosa ás defesas da redacção do Projecto da Camara dos Deputados, onde das quatro Secções em que a dividiu, uma era destinada a *desfiar miudamente as Ligeiras Oservações*. De feito, em 142 paginas do Diario do Congresso, columnas largas, o Cons. Ruy publicou um trabalho colossal em que correm parelhas o castiço do dizer e a riqueza de conhecimentos nos dominios do vernaculo.

Não se intimidou o Professor Carneiro deante da clava armipotente do contendor irrealizado: já entrado em annos, vencendo difficuldades sem conta, mal lhe chegou ás mãos um exemplar da *Replica*, entrou na feitura de sua defesa. E já agora o havia de fazer demorada e longamente. Em meados de 1904 terminara a feitura de uma obra monumental. Tal a *Redacção do Projecto do Codigo Civil e a Replica do Dr. Ruy Barbosa* que só veio á luz da publicidade em 1905, em alentado voume de 900 paginas.

A *Replica* não merecia outra contradita: os dois trabalhos eram dignos um do outro. Em luta de gigantes do saber se pode desejar melhor, nem de mais proveito: elevaram-se muito alto, e, fazendo-o, abriram uma nova era nos estudos da lingua vernacula deste lado do Atlantico: ademais, em nosso conhecimento, não conta a lingua, dos dois lados, mais soberbos monumentos de erudição e sapiencia.

Annos depois, esquecidos já os rumores da batalha, brindaram-se os dois Mestres, os dois maiores lumes do vernaculo em nossas terras, em elogios amigos e sinceros. Do Cons. Ruy Barbosa dizia o Dr. Carneiro: *sapiens... rex-regum*, genio admiravel e assombroso; o Dr. Carneiro Ribeiro era para o Cons. Ruy o *seu admiravel professor, o mais sabio de seus antigos mestres, a mais saudosa parte restante de todo o seu passado*.

Registe-se aqui, até para apagar duvidas, o facto de que por este trabalho em prol das letras não recebeu o prof. Carneiro Ribeiro qualquer propina, nem mesmo o preço da impressão do seu volumoso trabalho que correu por sua conta: teve apenas os louros moraes de uma campanha scientifica, sobremodo proficua com o maior cerebro das nossa raça. E nisso esteve sempre o seu maior desvanecimento.

* * *



O Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro contrahiu casamento em 1872 com D. Maria Francisca Ribeiro, senhora muito pobre de fazenda, mas verdadeiro thezouro de virtudes. Desse consorcio houve os seguintes filhos: D. Maria Olivia Carneiro de Souza, esposa do prof. Dr. Bernardino José de Souza, cathedratico da Faculdade de Direito e do Gymnasio da Bahia e Sertario Perpetuo do Instituto Geographico e Historico da Bahia, D. Maria Judith Carneiro Pires, esposa do Engenheiro Civil, Tito Vespasiano Cesar Pires, professor de mathematicas e os Drs. Ernesto Carneiro Ribeiro Filho, actualmente Director do Gymnasio Carneiro Ribeiro, Hévecio Carneiro Ribeiro, Vice-Director do mesmo Gymnasio e Heraclito Carneiro Ribeiro, magistrado em Santa Catharina, actualmente Juiz de Florianopolis.

* * *

O Dr. Carneiro Ribeiro, o velho Carneiro como o chamava toda a Bahia ajuizandó á justa a bondade apostolica do Mestre, cuja luminosa trajectoria será uma das mais formosas paginas da historia do engrandecimento da Bahia, deixou publicadas varias obras, das quaes dá noticia circunstanciada a seguinte

NOTICIA BIBLIOGRAPHICA

a) *Relações de Medicina com as sciencias philosophicas*. These apresentada á Faculdade de Medicina. I Vol. Bahia. 1864.

b) *Origem e filiação da lingua portugueza*. These de concurso á cadeira de Grammatica philosophica do Lyceu da Provincia da Bahia, I vol. de 76 paginas. Bahia. Typog. de Camillo Lellis Masson & C^{ia}. 1871.

c) *Grammatica Portugueza Philosophica*. Obra approvada pelo Conselho Superior de Instrucção Publica da Bahia, cujo parecer foi assignado pelo Dr. Luiz Alvares dos Santos e Prof. Joaquim José da Palma. I vol. de 447 paginas. Bahia. Imprensa Economica. 1881.

d) *Perturbações psychicas no dominio da hysteria*. These de concurso á cadeira de Clínica Psychiatrica apresentada á Faculdade de Medicina da Bahia. I vol. de 129 paginas. Bahia. Imprensa Economica. 1886.

e) *Elementos de Grammatica Portugueza*. Obra approvada pelo Conselho Superior de Instrucção Publica. 1.^a edição 1885; 2.^a edição, cuidadosamente revista pelo autor, 1887; 3.^a edição, 1890; 4.^a edição 1893; 5.^a edição, 1898; 6.^a edição, 1 volume de 167 paginas, 1911, Bahia, Officinas dos Dois Mundos.

f) *Serões Grammaticaes ou Nova Grammatica Portugueza*. Obra especialmente destinada ao curso secundario da lingua portugueza e adaptada ao programma de ensino. 1.^a edição, 1 volume de 370 paginas. Bahia, Imprensa Popular. 1890 2.^a Edição, consideravelmente augmentada e cuidadosamente revista pelo autor. 1 vol. in 8 de 872 paginas. Bahia. Estabelecimento dos Dois Mundos — 1915. (A segunda Edição dos Serões constitue verdadeiramente um outro e notave! trabalho, comparando-s-lhe o folego com o da 1.^a Edição. Della, disse Ruy Barbosa, em cartão agradecendo o exemplar que lhe enviou o autor, que era *magnifico thezouro de saber philologico e bôa linguagem vernaculo, onde ainda os mais doutos encontram muito que aprender*).

g) *O Padre Antonio Vieira considerado como classico de lingua portugueza*. Conferencia realisada aos -3 de Julho de 1897 no Salão Nobre da Faculdade de Medicina, em nome do Instituto Geographico e His-



torico da Bahia. Publicado em volume especial da Revista do mesmo Instituto, consagrado ao centenário do Padre Antonio Vieira, abrangendo 20 paginas. Bahia, 1897.

h) *Discurso proferido a 26 de Abril de 1902 por ocasião de ser collocado o seu retrato no Salão Nobre do Gymnasio da Bahia*. I vol. de 17 paginas. Bahia. Officinas do Diario da Bahia.

i) *Ligeiras Observações sobre as emendas do Dr. Barbosa Feitas á redacção do Projecto do Codigo Civil*. I vol. de 101 paginas, 1.^a edição, Officinas dos Dois Mundos, 1902; 2.^a Edição, I vol. de 92 paginas, Livraria Catilina, Bahia, 1917.

j) *A Redacção do Projecto do Codigo Civil e a Replica do Dr. Ruy Barbosa*. I vol. de 900 paginas. Bahia. Officinas dos Dois mundos, 1905.

k) *Da Educação em suas re'ações com a Moral*. Conferencia realizada no dia 21 de Abril de 1915 no Instituto Geographico e Historico da Bahia e pelo mesmo Instituto mandada publicar em beneficio de seu patrimonio. I vol. de 42 paginas. Bahia. Typographia Bahiana de Cincinato Melchades. 1915.

l) *Saudações aos Atiradores Bahianos*, em nome do Instituto Geographico e Historico da Bahia e no dia do regresso dos atiradores á capital da Bahia. I vol. de 11 paginas. Bahia, Imprensa Official. 1917.

* * *

Acha-se em preparação e em via de publicação um volume de todos os ineditos e esparsos do Dr. Carneiro Ribeiro, organizando-o o Prof. Bernardino José de Souza, discipulo e genro do sabio philo'ogo. Este volume comprehenderá discursos, conferencias, memorias, pareceres, cartas e pensamentos.

* * *

Tal foi o trabalho do homem que as ultimas gerações da Bahia, unanimes, nos ensinarem a venerar e para sempre hão de recordar nos justos preitos de seu sentir.





ASSOMBRAÇÃO

POR MANOEL VICTOR

PALLIDO, esquelético, triste, engeitado da sorte e da alegria da vida, o unico consolo de Antonio Melodia era o violino, o seu violino — companheiro inseparavel da sua amargura e da sua solidão.

Já não tinha familia. O pae, ultimo parente que lhe restára, morrera, dias antes, de uma apoplexia. Agora, só, inteiramente só, cada vez mais procurava afastar-se do convivio dos homens. Tomára horror a tudo que era humano, sossobrando sem sentir na morte prematura e lenta de uma solidude profunda. Só sentia a vida no accorde de ternura que aprendera a ferir no corpo do violino. Então, borbuhlava-lhe a alma, num alento, accordando do torpôr costumeiro, numa alegria ephemera, como se uma nova seiva o agitasse inteiro. Era tamanha a sonoridade de sua musica, era tão suave a gamma combinada de suas notas, que elle proprio nella se confundia de alma em extase, volatizando o sêr, numa languidez de sonho. Dahi, o nome que lhe deram.

Ora, um dia, não muito tempo apóz o fallecimento do pae, o Antonio Melodia desapareceu da villa.

Commentou-se, indagou-se, mas, como tudo passa e passa em tudo a monotona sequencia das cousas, tambem foi esquecido o facto.

Nunca mais a athmosphera da manhã despertára a sua limpidez crystallina de ether aos compassados queixumes do violino solitario, já tão conhecido, pela aldeiola inteira; nunca mais a especie alada teve no côro de suas gorgeiadas, aquelle flébil murmurío que o arco provocava no dorso magico das cordas;

nunca mais estas vibraram acompanhando o pranto da noite em chuva ou o riso do dia em sol. E dahi, choravam as aves, em revoadas lestras pintalgando o azul de reticencias, e chorava o hyalino impalpavel do ar nas lagrimas de sombra do orvalho matinal.

O proprio sol chorava pelo tremor dos seus luze-luze.

Só a noite, acostumada a verter o seu pranto de chuva, por contraposição geral, cessou o chôro a que se habituára. A Noite já não chorava... E, surpresa das surpresas, fez-se linda, fez-se tépida, fez-se enluarada contra o habito do clima.

E' que tinha, dentro da sua treva, um segredo que a consolava. E explicava a sua alegria pela forma eloquente do sorriso da luz. A noite é uma interrogação, é um immenso crysol de mysticismo e de poesia, é uma furna indecifrável, é um eterno segredo. Dahi o secundario aspecto de segredos outros dentro do immenso arcano que ella encerra. E eis porque a noite conhecia, ella unica, a sorte do violino-melodia que calára o seu lamento.

Passaram-se dias, e dias mais passaram. A vida, na villa, pouco ou nenhuma transformação tivéra. Só tomára feição outra, no espirito bordalengo dos habitantes, uma velha casa abandonada, que, ha tempos esquecida, attrahia agora a attenção mutua das cousas sobre a sua ruinaria. Creára sobre si a fama de um mysterio. Ao lado de suas paredes gastas, um velho poço dormia a sua velhice na amarellenta tristeza do seu bojo. Era elle o motivo da superstição, o innovador da anomalia no tradicional costume de tranquillidade da populaça. E o zum-zum das considerações espalhafatosas entrou a pairar no ambiente aldeão, ora declinando ao medo do vulgar cochicho, ora recrudescendo no comentario ousado. Dizia-se que o poço vetusto e venerando, como se encarnasse dentro em si uma alma joven, falava e chorava lamentações de um ente ignorado.

E de facto, á noite, quando começavam a cochilar as cousas para o somno quotidiano, quasi a mesma hora, um exquisito arrastar de rumorejos prolongados penetrava o ambito diaphano da treva esclarecida de lua. E ouvia-se um lamento desusado, um como que espinotear de notas convulsas, feridas por um desespero louco num violino que tocava. Parecia partir do poço aquella subtilidade, atravessando a ramaria unguida de brancura pelo astro nocturno.

Tantas noites a oito a serenata quebrou a quietude do espaço e baralhou o ambiente, que se acabou tornando a maior preocupação do ignáro poviléo da villa. A maior parte da gente nunca mais passára, á noite, pelo sitio da casa abandonada. Já chegava ac terror aquelle preconceito tolo.

Uma noite, o mandão do logarejo, velho experimentado, mas de uma prudencia tal que tocava á inercia e ao temor, teve um surto de coragem e um relampago de ousada machinação. Sem poder dormir até alta hora com a plangencia do violino magico que o atormentava e creava em sua imaginação senilizada pela idade as mais estapafurdias controversias, decidiu-se porfim. Enterrou num castiçal antigo um pedaço de véla grossa e desceu, espantado do proprio arrojo, os poucos degráus do seu solar. A noite, naquelle momento, era, lá fóra, toda luar e toda melodia.

Nas immedições da casa abandonada, quêdo na sua immobillidade de alvenaría, o poço expellia de sua boccarra negra, sonorizando o ar, os seus accordes continuos.

Passo a passo o ancião galgou o terreno e achou-se a dois pés do desvirginador mysterioso do silencio nocturno. E mais intenso e forte ouvia agora junto a si o violino. A impressão da sua coragem que até então não conhecia, fel-o tremelear. Um tropeção roubou-lhe a firmeza do pulso e a vela partiu-se em dois no solo pedracento. Agora, achava-se só com o violino.

Só com o violino! Nunca tivéra tanto horror de um instrumento tal, que então lhe apparecia como a mais phantasmagorica idéa. O seu todo era a personificação do estupor.

Alçou aborda do poço com a mão descarnada, a mão do proprio medo, e curvou-se para dentro procurando, avido, o segredo do seu fundo. E, oh! surpresa! Um outro que não fóra elle, estatelar-se-ia pelo imprevisto da scena. Mas a sua coragem do momento, essa força que em bóa occasião lhe nascera, sustinha-o.

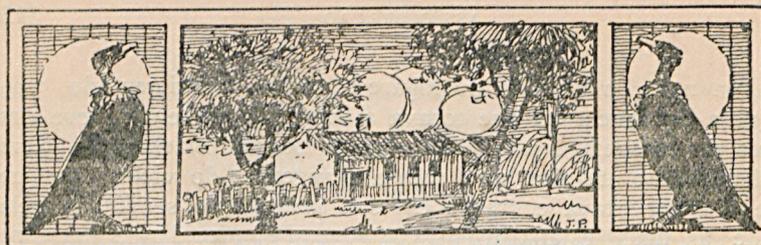
Com os olhos de espanto observava. No fundo do poço, raso como não imaginára, á luz falseada de um tronco de madeira a arder em tremeleios de morre-morre, um homem encolhido sobre si como um insecto no casulo, a cabeça arrumada sobre a humidade das lages interiores, rascava com vigor um frangalho de arco sobre um violino semi-espedaçado.

Ao vêr a cabeça intrusa do ancião — imagem mixta do susto e da ousadia, levantou num arrepello o molambo da carcassa.

E quando appareceu fóra, puxado ardorosamente pelo seu extranho visitante nocturno, batido do luar no claro-escuro da noite, estava decifrado, num relance, o mysterio do poço abandonado.

Morava ali, incognito como um selvagem, irmanado ás pedras e vivendo da natureza bruta e da musica de sua alma que tão bem sabia reproduzir na sinceridade de um violino
velho, o Antonio Melodia.





CARRIEGO, O POETA DO SUBURBIO

POR AGENOR BARBOSA

O movimento literario sul-americano torna-se, dia a dia, mais intenso e embora seja a nossa literatura um mero reflexo das tendencias européas, somos forçados a reconhecer que uma alma nova, rebelde e audaz, alça o vôo nesta parte do Continente e se affirma em realizações independentes e originaes, quer no terreno da Arte, quer no do pensamento. Essas affirmações irão surgindo á medida que formos creando uma civilisação continental cada vez mais forte, de accôrdo com a capacidade de iniciativa e de emprehendimento das raças, solidarias em principios communs de liberdade e de trabalho e unificadas pela visão da mesma empresa a realizar, o que lhes identifica a tarefa e lhes distribue igual papel na obra de formação politica e economica da America Latina.

Rodó é, sem querer, a synthese formidavel dessa consciencia que, embora dilucularmente, se desenha agora na retentiva estacionaria dos povos emigrados das velhas civilizações, não restricta á America Hespanhola, mas extendendo-se, logicamente, a todos os povos sul-americanos, de modo que a "patria" não nos seja sómente o torrão comprehendido entre os traçados convencionaes, mas todo esse immenso territorio em que o sentimento latino guie as almas para um destino identico, e a adhesão e a solidariedade raciaes, não menos naturaes que indestructiveis, liguem as sociedades e as nações em um gesto unanime de entendimento e de cordialidade.

Não é obedecendo a um primitivo instinto de defesa que essa consciencia lentamente se forma: nem é, tambem, devido ao estimulo das vozes clarividentes dos nossos pre-homens, politicos, artistas, escriptores, que se têm batido pelo almejado congraçamento; mas pelo contacto diario na egualdade das tarefas, pela paridade da missão, pelo character identico dos nossos movimentos, que tendem todos ao mesmo fim de criação de um novo e formidavel emporio mundial na America Latina, com o qual se possa esta oppor, de futuro, ao avanço dos outros povos, visinhos ou distantes. Não é uma empresa hostile, mas uma mobilisação de segurança que, antes que pequeninas rivalidades, garanta os altos interesses raciaes e continentaes, que são, tambem, os da nossa tranquillidade.

Dentro desse pensamento surgem as novas camadas raciaes da America meridional, cujo evidente intuito é o de se approximarem cada vez mais, estreitando-se os laços de sangue latino, que a intriga industriosa e malevola tem procurado anarchisar ou destruir sem resultados apreciaveis.

Encontramo-nos actualmente, afora, pequeninas restricções, em um momento propicio dessa propaganda e vemos, com intenso jubilo, fazer-se, dia a dia, sempre mais accentuado, o intercambio sentimental e commercial entre os paizes sul-americanos, o que promette e assegura um breve e unanime accordo de todos esses paizes, accordo não simplesmente politico e diplomatico, como o que já existe; mas um accordo tacito, racial, um conhecimento muito mais intimo e uma affectividade muito menos protocollar.

Não é sem grande entusiasmo que observamos e desejamos essa aproximação; ella virá, com certeza, collaborar preciosamente para a formação daquella cultura racial e autonoma, que deverá expressar-se em formas novas, não como mero reflexo, mas como centro creador.

No acervo pouco notavel da producção artistica continental que conhecemos, si não sobram expressões profundamente originaes, ha-as já, entretanto, audaciosas e independentes, especialmente no terreno literario, onde o campo de realização é, indiscutivelmente, muito mais livre que em outros terrenos de arte.

No Brasil, essas expressões, si não são numerosas, são entretanto, das mais brilhantes. Temos personalidades inteiramente sem similares, ao completo, nas literaturas europeas cujo movimento reflectimos, personalidades estas que, por mais extranhas que tenham sido, conseguiram dominar e seduzir pela força do seu genio.

Não é preciso relembrar os nomes de Cruz e Souza e de Augusto dos Anjos, e, especialmente deste ultimo.



Na literatura argentina, menos nossa conhecida que deveria ser, encontra-se uma expressão curiosíssima de independência estética e de liberdade expressional, esta última não bem caracterizada, mas já notável: refiro-me ao exquísito, ao bizarro e doce poeta que foi Evaristo Carriego.

Carriego nasceu em Entre Rios, aos 7 de maio de 1883, dizem os seus biographos e aos vinte annos já se affirmara no meio literario do seu paiz, pela originalidade do seu temperamento artistico. Pertence á geração do Centenario e nella se destaca como o cantor dos seres humildes, das coisas ternas e dos sentimentos simples. Deixou tres livros sómente: "Missas Herejes", "El Alma del Suburbio" e "La Cancion del Barrio". Carriego surgiu precisamente na época em que, — diz Alvaro Melian Lafinur, — a poetica argentina passava por um periodo de transição e de desconcerto. "Começava-se já, diz o seu critico, a abominar os exaggeros do symbolismo e do decadentismo, surgidos como degenerescencia das novas formas e tendencias poeticas que introduzira a influencia de Dario e seus adeptos. Aquella influencia havia trazido um sopro salutar de liberdade literaria, desafferrando o verso dos canones estreitos de uma perspectiva rigida e antiquada, que restringia o conceito da arte e limitava as combinações rhythmicas e estrophicas a um determinado numero de formulas. Desterrou, por fim, os tropos convencionaes e archi-repetidos, com que lyrica dos classicistas e românticos vestira monotonamente a sua linguagem". Serviço este, em summa, perfeitamente identico ao que já prestara em França.

Mas era necessaria a evolução: e foi o que Carriego comprehendeu, tratando de dar logo "uma pincelada nova no conjunto". A primeira das suas poesias, que o assignalou como um artista original, senhor dos seus themes e da sua technica, foi publicada por uma revista buenairense, de grande circulação e acha-se incluída no seu livro "Alma del Suburbio". Intitula-se "La Viejecita". E' um poema triste, de uma doçura commovente, em que o poeta canta uma pobre velhinha, vergada pelos annos, andrajosa, vagando pela ruas do suburbio e no qual ha versos como estes:

"Qué de heroínas pobres y obscuras
en esos dramas! Cuantas Ofelias!
Los arrabaldes tienen sus puras
tísicas Damas de las Camelias.

Mas sus bellezas de renunciada
jamás del crudo dolor la eximen...
Sin haber sido, siquiera, amada
se siente madre de los que gimen!



Madre haraposa, madre desnuda,
manto de amores del barrio bajo,
és una amarga protesta muda
esa devota de San Andrajo..."

Carriego foi o poeta do suburbio, aquelle que, com mais doçura e commoção cantara a vida anonyma dos bairros, fixando em pequenos mosaicos literarios, um mundo dolorosamente triste e humano de gente humilde e soffredora.

"Era o cantor dos miseraveis do arrabalde, como Coppé o fora de "Les Humbles"; o cantor das suas largas tristezas e tambem das suas precarias e fugazes alegrias. E é indubitavel, assignala ainda Lafinur, que, para o realizar, se requeria não só uma visão intensa do meio alludido, um nobre poder de sympathia e uma christã piedade para com os objectos dos seus cantos, reunido tudo isto a um vigor de execução nada commum, como tambem a uma sorte de valentia artistica e uma grande confiança em si, pois era de presumir que, naquella época, aquillo chocaria o gosto reinante, habituado, salvo raras excepções, a quadros versailhescos e assumptos aristocraticos ou meramente subjectivos.

Evaristo Carriego obtem nos seus poemas, tratando os assumptos mais simples, surprehendedentes expressões de sentimento, de commoção e de elegante harmonia. Os seus versos são sobrios, inteiramente destituídos dos effeitos espectaculosos da rhetorica e obedecem mais á emoção que é a que deve dictar os seus rhythmos.

Nem sempre Carriego faz questão do verso absolutamente harmonico e cantante: em compensação exige-o como o dicta a sua sensibilidade, quasi nú de revestimentos sillabicos medidos e dispensaveis, que constituem a verdadeira tortura dos poetas mediocres,

Os seus livros são tristes, como o nota o seu critico, especialmente os dois ultimos, isto é, a "Alma del Suburbio" e a "Cancion del Barrio", porque é nelles, permanente aquella idéa de desgraça irremediavel, da "costurerita que dio aquel mal paso", dos que se foram para não mais voltar...

Dessa poesia dolorosa, toda feita em a phrase mais ingenua e mais modesta, como "el percal de sus modestas heroínas", ahi temos, no soneto "Como aquella otra...., um commovido, um suggestivo e melancolico exemplo:

"Si, vecina: te puedes dar la mano,
esa mano que un día fuera hermosa,
con aquella otra eterna silenciosa
que se cansara de aguardar en vano".



“Tú también, como ella, acaso fuiste
la bondadosa amante, la primera,
de un estudiante pobre, aquel que era
un poco chacotón y un poco triste.

O no faltó el muchacho periodista
que allá en tus buenos tiempos de modista
en ocios melancólicos te amó

y que una fría noche ya lejana,
te dijo, como siempre: “Hasta mañana”..
pero que no volvió.

Que mundo de sugestões accordam essas rápidas palavras
desalinhadas, quasi laônicas, de uma suavidade nova, de um
extranho poder emocional, em que o poeta vasou toda a sua alma
triste, talvez tocada, também, pela magua irreparavel dos amores
sem remedio...

Na poesia “El camino de nuestra casa”, destacam-se esses
lindos versos, revestidos da mesma subtil e presaga melancolia:

“Todas las tardes, por la misma calle,
miramos con mirar sereno
la misma escena alegre ó melancólica,
la misma gente... Y siempre la muchacha
modesta y pensativa que hemos visto
envejecer sin novio... resignada!
De cuando en cuando, caras nuevas,
desconocidas, serias ó sonrientes,
que nos miran pasar desde la puerta.
Y aquellas otras que desaparecen
poco á poco, en silencio,
las que se van del barrio ó de la vida
sin despedirse.

Oh, los vecinos
que nó nos darán más los buenos días!
Pensar que alguna vez nosotros
también por nuestro lado nos iremos,
quién sabe donde, silenciosamente
como se funeron ellos...”

Ouvi, depois, o poeta cantar a chegada do Outomno: é um
trecho da poesia “El Otoño, muchachos”:

“Tardecita de otoño, el ciego entona
menos frecuente el aire que en la esquina
gemía el organillo... Que tristonía
anda, desde hace días, la vecina!
La tendrá así algo nuevo desengaño?
Otoño melancólico y lluvioso,
que dejarás, otoño, en casa este año?
que hoy te llevarás? Han silencioso



TYPOS DA ROÇA



Um Jéca authenticio

Phot. de F. Ferras.

TYPOS DA ROÇA



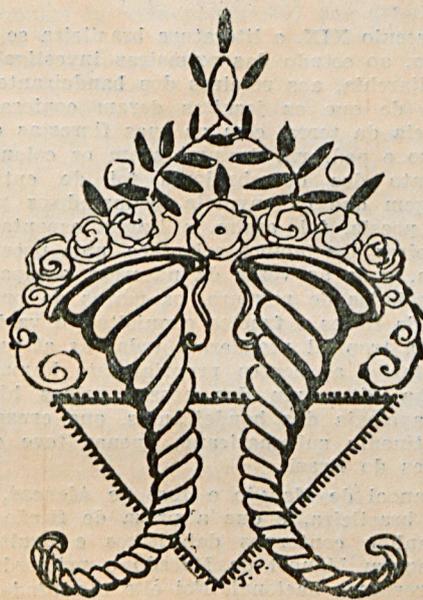
Jéca no pinho

Phot. de F. Ferraz.

llegas que nos das miedo.
Si, anochece
y te sentimos, en la paz casera,
entrar sin un rumor... Como envejece
nuestra tia soltera!"

Estes versos, eram, com certeza, o vago prenuncio da morte inexoravel que arrebatou o poeta á vida, em Buenos Aires, a 3 de outubro de 1912, aos trinta annos e tendo, ainda, muito que produzir. Naturalmente, Carriego sabia que elle era aquella folha que o Outomno triste havia de levar...

S. Paulo, Março de 1921.





O ROMANCE NO BRASIL

RONALD DE CARVALHO

Até meados do século XIX, a literatura brasileira se limitou apenas à produção poética, ao estudo das primeiras investigações históricas, aos livros de nobiliarchia, aos roteiros dos bandeirantes, às obras de assumpto religioso de que os jesuitas deram copiosas amostras. A riqueza e abundancia da terra, com as suas florestas exuberantes, as suas minas de ouro e pedraria deslumbraram os colonos europeus. O primeiro pensamento dos descobridores foi de entoarem lóas á maravilhosa paizagem que os envolvia, seduzindo-os pela sua selvagem majestade. A poesia, foi, assim, a lingua espontanea de que se serviram os brasileiros dos tempos coloniaes, uma poesia sem medida, rustica e primitiva, onde as vozes da natureza occupavam logar primordial. Os céos raiados de purpura, os mares de ondas empoladas, as selvas cobertas de flores e fructos exquisitos, a variedade opulenta da flora e da fauna tropical prenderam todas as attentões, relegando para um piano inferior as acções propriamente humanas, tanto que Sebastião da Rocha Pitta, um dos nossos velhos historiadores, ao revés de fazer a apologia dos bandeirantes, que cruzaram em todos os sentidos o continente sul-americano, apenas teve olhos para ver as beilezas naturaes do Brasil.

Sómente com Manoel de Macedo e José de Alencar, depois de formada a sociedade brasileira, é que a prosa de ficção tomou physionomia propria, ganhou contornos definitivos e avultou nas nossas letras. Cabe a Joaquim Manoel de Macedo o primordial logar entre os fundadores do romance nacional. Foi elle o verdadeiro fixador dos nossos costumes, naquella epoca ainda colonial na maioria de seus aspectos. Na immensa galeria das suas personagens ha algumas, como a *Moreninha* e o *Moço Louro*, que ainda vivem na memoria de todos os brasileiros, embora os anos hajam corrido ás dezenas, desde a sua ruidosa apparição.

Macedo comprehendeu admiravelmente as tendencias sentimentaes da nossa alma popular, e fez, com pequenas intrigas ingenuas, a sua historia intima e simploria. Chorou e riu, largamente, do mesmo

modo que as suas melancolicas leitoras; contou as suas anedotas, sem sal nem sangue, com a pachorrenta fantasia de um pacato burguez, funcionario publico e chefe de numerosa prole. Não desceu á escabrosa sargeta dos naturalistas, como Aluisio de Azevedo, não penetrou muito menos na consciencia dos outros, como fazia Machado de Assis com aquelle ar de timido desilludido e indifferente, nem tampouco se elevou ao lirismo delicioso de José de Alencar. Ficou entre duas aguas, nem muito abaixo nem muito acima. Seus namoricos são, por via de regra, innocentes diversões, não passam do portão da rua, ou, quando passam, acabam em casamento, com todas as formalidades de um noivado honesto, vigiado por irmãs solteironas ou tias velhas.

Macedo não amava os escandalos nem os crimes sensacionaes, sua penna ainda tinha pudor, era bonacheirona e catholica. Seus atrevidimentos não iam além de algumas considerações cheias de bom senso vulgar e pratico, desse bom senso apanagio das *peessoas de experiencia*, que se vingam da velhice achacada e veletudinaria dando conselhos, contrariando vontades, rabujando e praguejando contra as *innovações, as modas audaciosas e desmoralisadoras*. Nesse terreno elle sabia pisar como ninguem; se nos permitem a expressão, foi Macedo um *escriptor da sala de jantar*, de recesso da familia brasileira, séria e sizuda, amiga de uns tantos preconceitos secularmente enraizados, oriundos da vida patriarchal das grandes fazendas senhoriaes. Seu estilo, a não ser na poesia emphatica e palavrosa, é correntio, agradável, flue serenamente, é vivo e leve. Falta-lhe, apenas, um certo colorido, mas é sempre correcto no desenho das craturas e na descripção das paizagens, posto não lhe seja castiça a dicção.

Esse colorido, quem o teve por excellencia foi José de Alencar, em cuja obra se encontram muitas das mais admiraveis paginas da nossa literatura romantica. O *Guarany* e a *Iracema*, guardadas as devidas proporções, representaram entre nós o mesmo papel que, em França, os primeiros episodios liricos de Chateaubriand. Nunca se tinha visto, nem na poesia fresca e saborosa de Gonçalves Dias, tanta intensidade de emoção, tanta elegancia de estilo, tanta graça nas idéas e nas narrativas. O *indianismo* de Alencar é verdadeiramente epico. Seus indios falam como a natureza os ensinou, amam, vivem e morrem como as plantas e os animaes inferiores da terra. Suas paixões têm a subitaneidade e a violencia dos temporaes, são incendios rapidos que lavram um instante, brilham, refulgem e desaparecem. Alencar possuia em alto gráo o genio do pitoresco. Apesar de haver nascido em uma região pobre de paisagens, como o Ceará, tinha uma tal intuição da natureza que bem poucos já se approximaram d'elle nesse particular. Seus romances de fundo americanista, incontestavelmente os melhores que produziu, são, para servirmo-nos de um conceito de Chateaubriand sobre *Atala*, "poemas descriptivos e dramaticos", onde a urdidura da intriga é quasi sempre um pretexto para pintar a natureza. O sentimento discreto do artista e do homem concorreu para realçar o encanto dos seus livros, de um colorido rico e imponente. Alencar era, antes de tudo, poeta, a vida lhe sabia mal, tanto assim que, mui raramente, conseguiu apanhar-lhe os flagrantes prosaicos e corriqueiros como, por exemplo, Mancel de Macedo. Sem um laivo de exotismo não se lhe movia plenamente a imaginação; suas figuras não têm calor quando expostas aos olhos de todos, na rua barulhenta ou no salão festivo. Perdidas, porém, nas selvas, entre o rumor das cachoeiras e dos correjos, á sombra das arvores silenciosas, tomam



um aspecto de legenda, crescem de repente, tornam-se mythicas, iguaes ás forças elementares de onde surgem como por milagre.

Alencar, que não sacrificava á multidão, que era um espirito sceptico e uma intelligencia penetrante, insensivelmente tentou approximar-se della e das suas preferencias, escrevendo novellas de costumes ao gosto da sua epoca, inferiores, entretanto, ao resto da sua obra. Como Walter Scott, Alencar precisava de largas télas, porquanto seus pinceis eram os de um grande decorador, nunca os de um pintor de genero ou de um retratista. Os assumptos historicos, os motivos rusticos, emfim, tudo quanto se afastasse da actualidade tinha as suas preferencias. Sua falta de capacidade psychologica era supprida por uma penetrante intuição das cousas, um pouco pessimista, é verdade, mas seguramente profundo. Aprendemos com elle a ter *estilo*, isto é, a considerar o romance como uma obra de arte, e não, simplesmente, como um divertimento, um mero jogo de situações, mais ou menos possíveis, ou um punhado de anedoctas picantes. Se não bastassem as suas qualidades de lirico subtil e imaginoso, Alencar teria ao menos influido pelo brilho da fórmula, antes d'elle descurada, ou melhor, desconhecida em nossa literatura.

Ao lado de Macedo e Alencar destaca-se o nome de um escriptor, morto no começo da sua carreira litteraria, quando ainda estava no seu primeiro livro. Refirimo-nos a Manoel Antonio de Almeida e ás suas *Memorias de um Sargento de Milicias*. Ha nessa obra a massa de um perfeito novelista, senhor dos assumptos que estudava, observador despreocupado mas sagaz do meio em que vivia, sabendo conduzir com acerto e leveza as varias peripecias da intriga, desenhando com firmeza os typos arrancados á sociedade e ao ambiente circumstante. Manoel de Almeida é um discipulo canhestro de Balzac, não só pela felicidade com que desenvolvia as situações mas também pela força do temperamento. Quem quizer conhecer os costumes das classes populares no principio do seculo passado, entre nós, encontrará copioso material de flagrantes apanhados ao vivo, com espontaneidade e chiste. As *Memorias* são como essas photographias na primeira prova, desalindadas do retoque muitas vezes desfigurador, sem artificios, e, por isso mesmo reaes nas partes bellas e nas feias.

Com Bernardo Guimarães, tivemos as primicias do sertanismo, do romance do campo, que, mais tarde, um dos nossos melhores *conteurs*, Affonso Arinos, polio e desenvolveu de um modo quasi definitivo. Bernardo Guimarães repetio naturalmente as impressões da sua vida de provinciano, perdido nas solidões do planalto central, no meio dos camponezes, dos vaqueiros e dos senhores de fazendas do interior. Poeta, por indole, elle sentio mais do que analysou as cousas do mundo. *Mauricio*, *Escrava Isaura*, o *Seminarista* e o *Ermitão* revelam as varias etapas que atravessou o escriptor, preocupado ora com os tropeiros, ora com os negros, ora com as pequenas intrigas da sociedade rural. Seus typos, entretanto, não têm grande vigor, ao passo que as suas descripções de paisagens são agradaveis e finas. Elle sabia pintar com felicidade os encantos da natureza, evocava com voluptuosa ternura a verdura velluda dos nossos campos interminaveis, a massa das montanhas revestidas de espessos bosques e o sedoso rumor das frondes saccudidas pelo vento morno do sertão.

Descriptivos também o foram Franklin Tavora e Escragnolle Tournay. Ambos continuaram a tendencia sertanista de Bernardo, aquelle com mais vigor, este com mais sobriedade e elegancia. Tavora, á semelhança de José de Alencar, tinham o dom do pitoresco e o sentimento



da terra tropical, das suas exuberancias e dos seus typos mysteriosos, postos entre a civilisação e a selva, de características fugitivas, ora reservados, ora brutaes, e de cuja alma elle arrancou paginas de sentida emoção. Sua capacidade de observação é notavel. A physionomia do homem e do meio singular do nordeste brasileiro apparece em sua obra com relevo e com aquelle cunho particular de quem vio e conheceu intimamente o que descreve. Os *matutos*, os lavradores, os vaqueiros, os *caipiras*, toda essa gente que habita o *hinierland* do nosso paiz, é fielmente julgada e reproduzida pelo romancista cearense. Sem ter as virtudes de um grande colorista, Tavora possuia, não obstante, uma visão justa dos nossos scenarios tropicaes. O *Cabelleira*, onde elle estudou o *cangaceiro*, os seus habitos e a sua indole especial de guerreiro nomade; o *Matuto*, em que pintou a vida da *roça* e os costumes do cabloco nortista, assim como *Lourenço* e a *Casa de Palha* são documentos, ainda hoje verificaveis em muitos pontos, da sua perfeita comprehensão da existencia rustica em nosso paiz, ao mesmo tempo doce e aggressiva, criminososa e heroica, repulsiva e nobre.

O estilo de Taunay não tem a mesma vibração do de Tavora, é mais calmo e reflectido, mais estudado sem ser amaneirado, porquanto o autor de *Innocencia* e da *Retirada da Laguna* era um escriptor de raça, discreto, apurado e natural. Taunay juntou admiravelmente o fino gosto de um europeu á opulencia meridional do americano, com as tintas delicadas da Ilha de França matizou os tons violentos da natureza brasileira. Nascido e educado no Brasil, sentio desde cedo a necessidade de se fazer aqui uma literatura realmente nacional, sem os exageros de um regionalismo estreito, mas sob um ponto de vista mais elevado. Seus romances demonstram esse proposito nacionalista, que lhe foi a preocupação favorita de homem de letras. Seu nacionalismo era sincero, vinha do coração, do seu coração de soldado, porquanto Taunay lutou nas fileiras do nosso exercito, dando o sangue e as forças, a intelligencia e o corpo ao engrandecimento da sua patria. Não se contentou com a existencia facil das cidades, embrenhou-se pelos sitios mais remotos das nossas fronteiras occidentaes; não seguiu uma carreira comoda, não se fez bacharel fez-se guerreiro, e, como militar, tomou parte na guerra do Paraguay e na expedição de Matto-Grosso, que deveria tornar para sempre famosa com a sua *Retirada da Laguna*. Esse livro, escripto em francez, e logo traduzido para o portuguez, é um dos mais bellos e reconfortadores poemas da energia e modestia do soldado brasileiro, e o melhor titulo de gloria para o seu autor.

Com a *Innocencia* começou o romance de amor a perder aquelle sainete puramente sentimental que lhe imprimira Macedo. Taunay introduziu na fabulação um elemento de moderação, desenhando as paixões com menos violencia e as figuras com mais naturalidade e emoção. Houve quem enxergasse, nessa attitude, pobreza de imaginação e secura de engenho, sem levar em conta que o artista conhecia a justa medida das cousas e evitava, portanto, as digressões camparudas, a parolagem inutil e as empolas desgraciosas de que costumavam servir-se os escriptores nacionaes, prolixos por indole, á imitação dos portuguezes. O propalado *francezismo* literario de Taunay não lhe é mais peculiar que o *chateaubrianismo* de Alencar, ou *germanismo* de Tobias Barreto. Todos nós que pensamos e escrevemos, tanto no Brasil como na America latina, temos soffrido naturalmente o influxo estrangeiro e, especialmente, o francez, o hespanhol e o italiano. A' sombra dessas tres literaturas se desenvolveu a nossa, desde que principiámos a pensar differentemente dos portuguezes de



Lisboa ou Coimbra. Antes do nosso indianismo, já Cooper, nos Estados Unidos e Chateaubriand na França, tinham voltado os olhos para as savanas e as florestas do novo mundo, aquelle com mais sinceridade e este com mais artificio, ambos, porém, com igual entusiasmo. Não fomos nós que descobrimos o selvicla no seu aldeamento agreste, nem o salteador na sua lapa cavada na rocha bruta. Os que aqui primeiro falaram do indio, como Rocha Pitta e Santa Rita Durão, limitaram-se a descrevel-os superficialmente, á maneira dos velhos chronicistas jesuitas, como infimas creaturas, sem historia e sem tradições, simplesmente porque ignoravam umas tantas orações e adoravam os trovões e as tempestades. Os nossos *indianistas* seguiram, porém, outro rumo, caminhando pela estrada aberta por Fenimore Cooper e Chateaubriand, sem comtudo, perder a personalidade, o matiz nacional, as características proprias. O mesmo succedeu com Taunay, pois, na companhia dos mestres francezes, permaneceu brasileiro como poucos, ganhando, além do mais, aquella sobriedade de estilo, que, de Montaigne ao sr. Anatole France, ainda não desertou a terra das Gallias, e é a sua prenda mais notavel.

Durante o periodo do nosso romantismo, predominaram, pois, duas tendencias: a sertanista, campesina ou indiana de Alencar e a anecdotica, descriptiva ou realista de Macedo. Dentro destas correntes evoluiu o romance nacional, oscillando entre a selva e a cidade, entre o indio, o caboclo, o matuto e o burguez das classes medias, o commerciante, o funcionario publico e o militar.

Depois de Macedo e Alencar cabe a Machado de Assis e Aluizio de Azevedo o maior esforço para erguer o nivel do romance brasileiro a uma nobre e consideravel altura. Faltava aos primeiros, entretanto, mercê do lirismo de ambos, especialmente de Alencar, uma certa capacidade de observação, que só um meio social mais largo e variado lhes poderia facultar. Macedo, como vimos, não era um experimentador dos phenomenos humanos, não possuia aquella intuição dos valores universaes necessaria a qualquer escriptor moderno. Era mais pintor que architecto, quero dizer, mais habil no produzir que no construir; suas intrigas são espontaneas, verosimeis, naturaes, mas não são superiores, interessam mas não commovem. Seus typos soffrem demasiadamente as contingencias ambientes, não transcendem,, por assim dizer, á realidade circumstante, que os prende na sua teia de linhas vulgares, que os diminue na sua trivialidade inferior. São creaturas pobres de energia interior e mediocres de espirito; passam por nós como sombras chinezas, apagadas, sem relevo nem consistencia, assemelhando-se a esses brincos que a imaginação infantil se compraz em edificar ao fundo da alma ingenua e illusoria. Não meditam, não se inquietam, vivem apenas a vida transitoria do seixo que rola no leito macio dos correjos. Seu destino é o da folha humilde na aza dos grandes ventos.

As personagens de Alencar são como vozes de poemas, arrastam largos mantos de pedrarias lendarias, não mergulham as raizes na vida real, refogem a qualquer categoria humana, são mythicas, extraterrenas qual a formidavel natureza que as domina. Para elle, não era realidade aquelle rio tranquillo de que nos fala o magoado Heraclyto, sempre renovado, sempre substituído por multiplas e differentes aguas. Era uma criação da sua fantasia, um mundo nascido da exaltação da sua personalidade subjectiva, onde todas as cousas se reflectiam muitas vezes augmentadas, como um raio de luz sobre as facetas de um espelho polido. Um sopro de epopea perennemente as

acompanha e anima. Seus gestos não têm medida, são largos e numerosos como aquelles versos a que se refere o poeta latino. Eis por que ha, geralmente, na obra de Alencar um tumulto continuo, um vozear de tuba selvagem, mais caracteristico de um grande epico do que de um escriptor amigo da realidade, capaz de a observar alheiado, tanto, quanto possivel, das suas idiosyncrasias fundamentaes. Portanto, se Macedo é um amavel narrador de anedotas simples e sem maiores consequencias, e Alencar um poeta dotado de notavel força imaginativa, nem um nem outro deve ser considerado verdadeiramente romancista. Falta ás figuras de ambos — ás do primeiro por serem contingentes de mais, ás do ultimo por se elevarem muito acima do mundo circumstante — esse dom de humanidade que é singular nas creações de um Dickens, de um Balzac ou de um Tolstoi. Mr. Pickwick, ou Père Goriot ou Pedro Besukwo são exemplares humanos através os quaes não é difficil perceber o relampejar da tortura e da duvida universal.

Será licito, porém, considerar o romance de Machado de Assis e Aluizio de Azevedo debaixo desse criterio humano e universal? Não estarão elles, porventura, quasi tão alongados de semelhante ponto de vista como os seus predecessores? Com excepção de Machado, creio que todos os romancistas do seculo XIX, no Brasil, desconhecaram ou não puderam attingir taes cimos. Uns, como Bernardo Guimarães, Tavora ou Taunay não foram muito além do pitoresco das fórmas, das graças da intriga, do que se poderia chamar "a verdade quotidiana"; outros, como Manoel de Almeida, Julio Ribeiro ou Raul Pompeia, ficaram, cada qual a seu modo, e guardadas as proporções, á beira do oceano das cousas, satisfeitos do espectáculo que se lhes offercia á contemplação, sem procurar, na estrutura intima das causas a razão dos phenomenos que assistiam.

Aluizio de Azevedo, para citar o mais afortunado de todos os nossos romancistas de observação, é um admiravel annotador de pequenos dramas, de scenas de costumes peculiares a uma certa classe da sociedade brasileira dos fins do segundo imperio, aquella mesma que se vê, com menos despudor e mais disfarce, chorar ou sorrir na galeria de Manoel de Macedo. O homem, para Aluizio, era aquelle animal instintivo de Vogt, superior aos outros da fauna terrestre pela existencia na sua natureza physiologica de uma secreção milagrosa, rotulada pomposamente com os nomes de alma ou pensamento. Sua concepção da humanidade devia ser puramente mecanista, todos os phenomenos sociaes se reduziriam, pois, a uma formula de extensão e movimento, de massa e velocidade, de materia e energia. D'ahi haver na sua obra, como na de quasi todos os nossos naturalistas, um certo ar de fatalidade inconsciente, um modulo excessivamente estreito para conter toda a infinita, vária e subtil gradação dos valores individuaes. Seus romances lembram essa ruas por onde passam, em turbilhão, creaturas das mais oppostas condições. O espirito fica attonito, ante a physionomia de todos aquelles typos que se agitam na nossa frente, com desembaraço quasi sempre, raramente com timidez (os timidos não são caroaveis ao paladar dos veristas...) sem atinar com a natureza secreta de cada um delles, sem vislumbrar, muito menos, as perspectivas profundas dos seus caracteres particulares. Aluizio é um impressionista, um impressionista que desenha ás vezes com difficuldade, mas que sabe colorir com precisão e audacia.

Essa technica linear, essa profunda sciencia do desenho das personagens tristes ou risonhas, nobres ou triviaes da vida, ninguem até



hoje, em nossa literatura, a teve com tanta e tão penetrante intuição como Machado de Assis. Sem possuir aquella vareta magica com que Balzac fazia gritar, gemer, ulular, ou, simplesmente, rir e clamar o seu descommunal prazer toda a fabulosa comparsaria da Comedia Humana, o nosso romancista manejava com inimitavel discreção os carvões, as sanguineas, os acidos e os buris com que delineava ou gravava os seus retratos agudos e as suas aguas fortes ironicas. Não seria um esculptor de grandes massas, mas que sensibilissimo imaginario, que profundo entalhador de baixos-relevos exquisitos nos depara a sua obra! O que o interessava não era o homem lançado nos meandros caprichosos da multidão, mas a propria multidão repontando na synthese complicada de cada alma, na somma esquivada de cada homem tomado isoladamente. Ao contrario de Balzac, cujo poder de assimilação ia encontrar em tudo, na dor ou na alegria, na miseria ou no esplendor, motivos para longos inqueritos e divagações interminaveis, Machado tinha, e não as escondia, suas preferencias. Seus typos não são de todo vulgares, os mais rudes, como o desencantado mendigo de *Quincas Borba* têm a sua philosophia. Este sabia olhar o firmamento "sem arrogancia nem baixeza", como se dissesse ao céu: "Afinal não me has de cahir em cima". Todas as creaturas de Machado, o prudente D. Casmurro, o ironico Braz Cubas, ou aquelle *professor de melancolia*, do *Apologo*, têm uma intuição muito semelhante dos seres e das cousas. Para elles, a vida é um esforço inutil, uma belleza sem proveito directo, que não se dá inteiramente, ou dá-se o bastante para que todos nos enfastiemos della ao primeiro affago, ou ao primeiro golpe recebido. Talvez haja até um pouco de cynismo nas suas attitudes. Mas, em summa, que somos nós, que representam as nossas acções no convívio mutuo, senão um pouco de miseria dourada por um halo de cynismo piedoso?

Braz Cubas, por exemplo, e para resumir suas varias creações numa só, conhece e applica, já contra os outros, já contra si mesmo, todos os venenos filtraveis da perversidade. No seu famoso *delirio* elle se representa successivamente, ora sob a lerdada apparencia de um bojudão barbeiro de mandarins, ora como um iniciado, um praticante dos segredos da Eternidade, capaz de desvendar os seculos futuros e esclarecer os passados. E' verdade que tudo acaba, visão dos tempos e rolar monotono das idades, á porta de um quarto de moribundo, num simples jogo das patas de um gato com uma bola de papel... Aliás, não terminarão porventura assim todos os nossos systemas racionaes, o ingenuo empirismo de todas as nossas explicações? E aqui está a prudente sabedoria das figuras de Machado: acreditar na apparencia das cousas, zombando embora dellas. Suas personagens não intentam subir além de um amavel scepticismo; lembram, para usar uma feliz imagem de Descartes, certas heras que, tendo galgado o tronco em que se apoiam até o mais alteroso tope, tornam de novo, satisfeitas, á promiscuidade daservas rasteiras do sopé. E tornam contentes de si mesmas e da sua viagem! Mau grado faltar-lhe o segredo dos grandes conjunctos movimentados, e até certo ponto do proprio movimento, Machado revelou nos seus romances um aspecto vivo da nossa alma. Como bom psychologo, elle não tentava contrariar o curso imponderavel dos factos. Não acreditava no *momento feliz* nem no *momento infeliz*, acreditava em ambos, acompanhava a realidade de ambos. Seu raciocinio estava sempre em funcção do tempo e do espaço immediato, porquanto elle aceitava todas as cousas, vivas e mortas, boas e más, honestas e deshonestas, com aquelle impertur-



bavel acolhimento dos espelhos e dos quadros... Da sua obra se desprende um sentimento de constante preocupação pela beleza ou pela miséria terrena, e uma rara compreensão da triste inutilidade a que as contingências quotidianas reduziram o coração e a intelligencia do homem. Em seus romances o *documento humano* não obedece a um plano preconcebido, a um postulado fixo, a uma lei qualquer scientifica ou literaria. Reflecte-se nelles, apenas, um espirito indagador, que a todo instante se observa a si mesmo, através os outros, e vai corrigindo, com o sorriso e a lagrima, a imagem que a vida lhe põe deante dos olhos.

Depois de Machado de Assis, durante largo tempo, entrou a nossa prosa de ficção, nesse particular, em um periodo de indecisão e factura. O proprio sr. Graça Aranha não conseguiu, mercê talvez da sua escassa produção, reanimar a literatura desse genero, entre nós. O *Chanaan*, cujo apparecimento foi saudado com um enthusiasmo fóra do commum, é mais um formoso ensaio ponteadado de ideologias ardentes e perturbadoras que, propriamente, um romance. A acção das personagens é muito inferior ás idéas que ellas agitam. O problema que se propoz resolver o romancista é dos que mais interessam á formação ethnica e politica do nosso paiz, porquanto diz respeito aos elementos migratorios que entram continuamente na economia da nossa raça. Sob esse ponto de vista, o *Chanaan* pôde ser considerado um romance americano por excellencia, unico talvez no seu genero. Seus typos centraes são verdadeiras ideas em marcha. *Milkau* é um universitario de Iena ou Heidelberg solto nas mattarias espessas do nosso paiz. Entre o sussurro das pesadas arvores da floresta brasileira, elle pensa liricamente em questões ethnologicas, no *genio livre da Germania*, no seu poder expansionista, na alma germanica, cuja mysteriosa incognita só se poderia explicar "pelas imagens e expressões incertas de vaga e symbolica metaphysica". *Lentz* é um representante da Allemanha cavalheirosa da Idade-Media, e, ao mesmo tempo, um *ruskiniano* capaz de se insurgir, em discursos impetuosos, contra o reinado da machina, que "afunda o homem num embrutecimento peor que o do selvagem". *Maria*, em redor da qual se tece um tumultuoso episodio de amor, é um sêr instinctivo, muito abaixo ou muito acima da normalidade. Suas características o autor as fez propositadamente confusas e incertas. Não ha pois, no *Chanaan*, esse humanismo, esse sopro de humanidade eterno e superior. E', antes, um admiravel pretexto para, no meio de uma série deliciosa de quadros e paisagens pintados com maestria incomparavel, deixar á flor o espirito inquieto, finissimo e culto do seu autor.

A obra do sr. Coelho Netto, apezar do seu immenso interesse, não apresenta, em tal passo, grande vantagem sobre a dos outros. O sr. Coelho Netto pôde ser classificado entre os nossos mais poderosos descriptivos, dotado de uma lingua por vezes excessiva, mas assim mesmo luxuosa e brilhante, das mais brilhantes e luxuosas que temos tido. Seus romances e novellas, quasi todos de caracter regional, são fontes de informação preciosas da nossa vida e dos nossos costumes, são paginas coloridas, quentes, repassadas de um doce idealimo, que é a maior prenda do temperamento do sr. Netto. Sua visão, entretanto, é mais particular que geral, o encanto das fórmulas absorve-lhe muito as preocupações da imaginação creadora. Sob esse aspecto, o sr. Coelho Netto se approxima de outros dos nossos maiores escriptores, quero dizer de Euclides da Cunha: na sua obra, por assim dizer, a terra domina o homem. Artista, antes de tudo, o sr. Coelho Netto é

um apaixonado da nossa natureza, que sabe estimar e traduzir com intensa vibração. Sua penna é um verdadeiro pincel, tantos são os matizes de que ella se serve para animar e colorir os nossos esplendidos painéis tropicaes. As madrugadas e os crepusculos dos nossos campos não encontraram ainda um poeta mais commovido que o sr. Coelho Netto.

Já não se dá o mesmo com o sr. Afranio Peixoto. Este, depois de Machado de Assis, é a melhor esperança do romance propriamente *humano* no Brasil. Alliando a uma solida experiencia dos valores sociaes larga e variada cultura scientifica, soube evitar o perigo dos romances de these, á maneira dos naturalistas, assim como a enredada das simples intrigas de costumes, sem elevação nem originalidade. Da sua triologia excellente — *Esfinge*, *Maria Bonita* e *Fruta do Mato* — a primeira é ainda, segundo o ponto de vista deste ensaio, a melhor das suas obras. Na *Esfinge*, o sr. Afranio mostra todas as virtudes do seu espirito: capacidade psychologica, argucia de critica, methodo constructivo das personagens e das situações, amor aos raciocínios longos, agudos, recurvos, que vão e vêm, ao sabor das impressões recebidas, sem esquecer a sua singular faculdade de se collocar por detrás dos seus typos para lhes soprar ao ouvido, de vez em quando, uma ironia distrahida, como que hesitante, contra certas entidades divinas ou humanas, de epiderme bastante transparente para que se percebam os efeitos cuidadosamente encobertos. *Paulo*, uma das figuras principaes da *Esfinge*, é, simultaneamente, um sensível e um mental, tem todas as covardias francas daquella qualidade e todos os recuos velados desse defeito, que é o nosso maior orgulho. Mostra-se, tambem, por vezes, um “penseroso” ligeiramente atrevido. Sabe responder, assim, á mulher desejada: “Ha uma maldade innocente, e deliciosa, por isso mesmo, em todas as cousas bellas... Uma flor, uma ave, uma mulher não nos pôdem ser indifferentes, quando são bonitas. Ha um desejo de perfume, de vôo, de proximidade, que nos perturba, inquieta, e, ás vezes, faz soffrer...” De trecho a trecho, revela-se tambem um tanto livresco, e está aqui um dos raros cacoetes que empanam a graça e a naturalidade das personagens do sr. Afranio. A mulher, entretanto, seja a inquieta e ambiciosa Lucia, seja a petulante Wanda têm, como é natural, as honras da maior porção do seu primeiro romance. E' a esfinge, ao redor da qual todos nós somos, mais ou menos, os desenganados Edipos. Nas duvidas de Paulo em face de Lucia, o sr. Afranio quiz mostrar o que valia o pensamento dos homens, feito de theoremas e abstracções, calculos e regras positivas, deante da sinuosa maravilha do eterno feminino, leve como um perfume, mas tambem penetrante, incansavel, teimoso como um perfume, que abusa da sua immaterialidade para nos torturar o desejo insatisfeito. Quasi todas as mulheres da sua galeria são gemeas nas idéas e nos actos. Umhas têm os defeitos das outras. Difficilmente as qualidades, de tão parcas, se repetem nesses exemplares humanos, onde a animalidade se mistura, como um vicio elegante, aos impulsos do coração. O sr. Afranio revela-se, aqui, um subtil conhecedor da geometria feminina: segue sempre a linha curva...

O amor, nas suas personagens, é, por via de regra, um conto de curta, mas intensa duração. Caberia a muitas dellas aquelle epitaphio gravado sobre a pedra tumular de um dansarino da decadencia romana: “Elle dansou dous dias, e agradou...” O que singularisa, porém, o temperamento do sr. Afranio Peixoto é o grande poder de movimento que reponta de toda a sua obra. Essa qualidade, escassa em Machado,

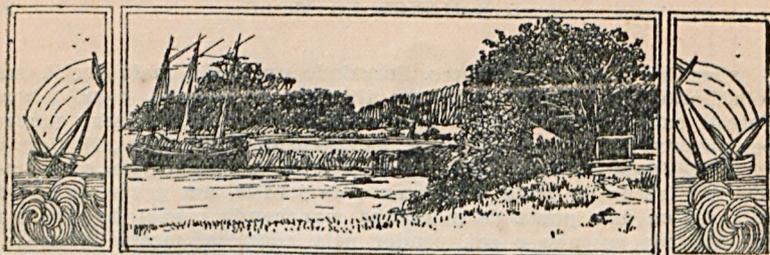


é primacial nos seus romances. Possuindo um estilo mais ductil, mais scintillante mesmo que o do seu illustre predecessor, o sr. Afranio Peixoto sabe aproveitar-se de tal virtude para animar os seus quadros, por maneira realmente notavel. A paizagem de *Braz Cubas*, *D. Casmurro* ou *Quincas Borba* é pobre, quasi estéril. O romancista contenta-se com um trecho de praia, um recanto de jardim, um grupo de arvores vulgares ou uma ponta de montanha manchando o azul do céu. O sr. Afranio não esconde o seu pendor pela natureza, mesmo quando se queixa da sua indiferença. Machado pagava indiferença com indiferença; a natureza não o commovia mas também não o intimidava. E ahí está a radical divergencia entre os dous escriptores agora confrontados: um foi secco, ás vezes aspero, sempre sereno, mesmo quando por disfarce; o outro é amavel, polido, e, como um verdadeiro artista voluptuoso, é sensível ao menor embate da vida. Aquelle era mais attento ás cousas, este é mais extasiado com ellas. Ambos, porém, o primeiro com mais agudeza e amargor, o ultimo com mais variedade e movimento, dominam a prosa de ficção do Brasil contemporaneo.

Não devem ser esquecidos, ainda, entre os romancistas da actual geração, a sra. D. Julia Lopes de Almeida, e os srs. Xavier Marques, Lima Barreto, Alcides Maya, Goulart de Andrade, Veiga Miranda e Thomaz Lopes. A senhora Lopes de Almeida tornou-se admirada pelas suas novellas de costumes; o sr. Xavier Marques conhece as tradições de heroismo e tenacidade da nossa raça e sabe traduzil-as com sobriedade e graça; o sr. Lima Barreto ganhou um posto de destaque em nossas letras com os seus romances valentes, onde uma satyra aguda se mistura a um penetrante sentimento dos valores humanos e sociaes. O sr. Lima Barreto lembra, pelo seu estilo secco e preciso, e, pela sua arte sem artificio, um Sterne mais commovido e um Gorki menos rude. O sr. Alcides Maya é um dos nossos mais interessantes romancistas regionaes, assim como o sr. Veiga Miranda. O sr. Goulart de Andrade mostra nos seus romances, a sensibilidade do delicioso poeta que é. Thomaz Lopes, prematuramente desaparecido no principio da sua carreira literaria, revelou-se um psychologo subtil e um fino conhecedor da vida social do Rio de Janeiro.

Poderíamos nomear ainda varios outros romancistas, mas os que ahí ficam, sendo os mais representativos, dão a medida do desenvolvimento das letras brasileiras nesse genero. Nossa literatura, apesar das influencias estranhas que porventura soffre, entrou na sua phase autonoma, pois nella já se espelham perfeitamente as características da nossa nacionalidade, as peculiaridades do nosso character e as idiosyncrasias da nossa psyche. Nella, é verdade, o homem ainda não dominou a terra, que se estende por milhões de kilometros quadrados, mas o papel representado por elle dentro dessa immensa Natureza que o rodeia, as suas lutas, as suas batalhas e as suas pejejas para vencel-a e sobrepujal-a, são dignas de serem narradas com entusiasmo. E esse entusiasmo, felizmente, não falta á literatura brasileira.





O MEU CONTO DE POE

POR M. DEABREU

— “Ora viva! que alegria para mim! Não esperava que vieses nestas férias. Teu pae não disse nada”.

A paizagem desdobrava-se para a esquerda num declive suave e raso de chapadão inclinado.

— “Pois é isto, meu Lucas, aqui estou de volta. Uma legua ainda a furar”.

O cavallo de Lucas, um poldro preto, impacientava-se com a parada, fazendo piruetas e ameaçando bolear. O de Paulo, com oito leguas feitas, estava satisfeito com a pausa da marcha.

— “Bellas côres, Lucas. Como vae a fazenda?”

— “Vae indo. Por falar em côres... estou te achando mais magro. E’ o curso de medicina ou é farra?”

— “Nada disso. Oito leguas no lombo... Já ando desacostumado. Como vae o Aramá?”

— “Como de costume. Muito casamento...”

Continuou sorrindo:

— “Contaram por aqui que estavas noivo no Rio. Teu pae desmentiu o boato. Que o filho delle só se casava com uma menina de Aramá. Em todo o caso o boato parece ter razão. E’ verdade?”

— “Noivo... noivo propriamente não estou. Quando voltar em Janeiro... anno da formatura... já é tempo de arriscar esse passo. E depois... trinta e dois janeiros em minha Vida...”

O poldro continuava a piruetar.

— “Bicho esquentado. Tem a quem puxar, é filho do “Arabe”.”

— “Do meu cavallo?”

— “Do teu cavallo. Apanhei-o do Ozorio. Um pouquinho caro, mas valerá o triplo si puxar o pae”.

— “Bom. Quando voltas para a cidade? Precisas de ir passar um dia commigo, para relembrarmos o velho tempo”.

— “Trei domingo. Hoje é sexta. Depois damanhã, cedo, podes mandar guardar o almoço”.

— “Esperarei. Vou tocando. O teu cavallo parece haver deixado namorada em casa, não pára um instante. Uma legua ainda para chegar...”

— Feliz... E eu quatro!

— “Tenho oito no credito”.

— “E eu mais de oito. A velha de minha menina deu-me duas horas de conselhos. Não achas que devo estar mais moído?”

Despediram-se rindo.

— “Não te esqueças. Espero-te para o almoço”.

— “Serei inglez”.

Soltou as redeas do poldro, que fugiu á toda, num galope elegante, de corredor de raça.

Accendeu um cigarro, vendo o cavallo e cavalleiro desaparecerem na lombada do morro, atraz do “Muro de Pedra”.

— “Vamos.

O cavallo moveu-se com preguiça, pegando um chouto via-geiro.

Ainda havia um pedaço de sol desaparecendo para os lados da cidade. Era uma meia moeda luminosa a girar na crista de um morro, entre nuyens vermelhas. Um ar morno e perfumado enchia-lhe as narinas. O chapéo largo flambava, assoviando ao vento.

Pensou em pôr aquelle começo de crepusculo numa carta para Evangelina. Mandar um pouco do sertão desconhecido della, numa carta de amôr com muita saudade, para que ella, amasse um pouco as terras de sua infancia, onde devia vir clinicar, depois de casado, si não arranjasse algum logar de conveniencia no Rio.

Dois mezes de separação della e da terra carioca. Era um sacrificio sério. Talvez não aguentasse um mez. E era precisa a sua viagem, para falar com o velho no casamento. Já esperava a negativa. Era um fazendeiro de principios, o velho. Nascido e creado na estreiteza do municipio e dos seus preconceitos tabaréos e ridiculos, só podia admittir o casamento do filho com alguma caipirinha sonsa das fazendas visinhas.

— “Mulher que saiba fazer queijo e tratar da casa”.

Parecia ouvir o seu vozeirão reboante.



— “Menina da côrte... Você perdeu o juizo. Nem nunca. Umás sirigaitas lambidas que não se contentam com um homem só; não podem apanhar sol, não sabem cozinhar. Pode tirar o cavallinho da chuva. Nem se discute...”

Tudo aquillo elle teria de ouvir. Ha um anno vinha estudando as respostas que lhe ia dar, a logica ductil e malleabilissima que teria de empregar para convencil-o. Difficil... Sabia. Mas... afinal, não podia ficar como uma creança medrosa perto do pae. Tinha trinta e dois annos, estava doutorando de medicina e já podia impor a sua vontade. Luctaria. E si elle não cedesse? Toldou-se-lhe o olhar commovido. Casaria assim mesmo. Não podia voltar atraz a sua palavra, e depois amava Evangelina, com um amor tranquillo, inabalavel, incapaz de rupturas. Era o affecto definitivo, solido, de homem aparelhado pelo cerebro, pela energia e pelos musculos para luctar frente a frente com a existencia.

Que magoa o velho teria, si fosse assim! Elle, para quem o filho era o deus na terra e maior que o outro deus que a creença suppunha existir alem das estrellas, barbudo e mau, mandador de pestes para o gado e infernos para os peccadores dos deliciosos peccados do lado de cá.

Tambem, era filho unico. Doia-lhe apenas que o pae não se abrisse com elle, como homem a homem. Persistia numa autoridade pueril, ranhura indelevel de educação pessima, tratando-o como creança, a elle que conhecia a vida melhor, que soffrera tragedias e que envelhecia. Tratava-o como menino, convicto da superioridade de seus conselhos e da indiscutibilidade delles.

A velha era mais humana, mais mulher, era mãe. Adorava o filho num grande amôr que devia ser o seu unico amôr, pois, casara por conveniencia de familia, desconhecendo o marido. Não era desgraçada, mas não era feliz. Não fôra feita para aquelle homem bom, mas rude, que amava dizer palavrões, numa brutalidade selvagem de estivador.

Casamento de conveniencia... Era a lepra do Aramá, e o Aramá era apenas uma nota no immenso concerto das cidades brasileiras. Lepra que não sahira e não sahiria enquanto existissem os fazendeiros broncos e a sua myopia peculiar de ver as cousas do mundo.

Lembrou-se de uma palestra, ha annos, no seu tempo de preparatorio, com o Joaquim Vaz, fazendeiro forte da terra.

— “Casamento de amor é bobagem, menino. Nunca ninguem em minha familia casou por amôr. E todos vivem muito bem. Os paes escolhem. Casamento exige dinheiro das duas partes.



Quem tiver mais, não importa a qualidade, pode escolher minhas filhas”.

Calara-lhe fundo, aquillo. Amava com um enternecido amôr de creança a filha mais nova de Joaquim Vaz. E seu pae andava mal de fortuna, naquelle tempo, depois tomara pé entre as primeiras fortunas do municipio. Revoltara-se, vieram-lhe lagrimas nos ólhos: “Que era uma barbaridade, uma vergonha”.

O fazendeiro rira-se em suas bochechas e terminara serio:

— “Você, por exemplo, é um bom rapaz, mas não casa com minhas filhas. Não tem aquillo que põe as panellas no fogo”.

A revolta daquelle tempo fôra gerada pelo sentimentalismo. Agora mudava de aspecto: era o nojo do homem culto, de cerebração equilibrada, e a repulsa mais séria do medico e do analysta.

Suspirou. E o Joaquim Vaz vendera todas as filhas. E vendera, tambem, seu suave primeiro amor na vida; a creaturinha fragil e meiga, aquem elle nunca tivera a coragem de dizer esta phrase de toda a gente: — “Marthinha... eu te amo...”

E ella sabia daquelle amôr, sabia... Tinha com certeza as mesmas idéas do pae, porque entregara sem resistencia seu corpo fino de menina fraca, sua carne branca, sua virgindade, seus gemidos de dôr e de gozo, ao sertanejo que era portador de seiscentos e cincoenta contos...

Afinal, pensando bem, elle pagara caro. Para as mulheres que se vendem, seiscentos e cincoenta contos era uma fortuna demasiada. Com ella, o fazendeiro poderia comprar seiscentos e cincoenta corpos de mulheres vendaveis. Um conto por corpo... o maximo que se pode dar por uma mulher que se transforma em mercadoria.

Martinha fôra bem comprada. Doze contos o kilo! Bem cara, a carne... E talvez valesse... Naquelle tempo, elle daria mais, si tivesse... daria o sangue, suas veias mais azues, que com certeza, valia menos.

Tudo passara. Lá se iam dezeseis infinitos annos... Interrompera os estudos, numa pausa de seis annos, na Suissa, onde fôra curar umas desconfianças de tuberculose. Martinha já era mãe de uma garota de quinze annos, a Laurita, de seios fartos e ancas fecundas de procreadora, a quem, nas férias passadas, havia furtado um dos mais deliciosos beijos de bocca de sua longa vida aventureira.

Laurita... Era linda! Lembrava Marthinha, quando moça; e si não era mais linda, era mais mulher, mais provocante, mais apta a dynamitar seu sangue de meridional.



O beijo... o beijo fôra furtado com ousadia, com sua ousadia consciente de homem conhecedor de cem amores vários.

Estavam sosinhos no alpendre da casa della. O alpendre dava para a horta e estava deserto. Tres horas. Andava um sól convalescente na tarde. Falava muito perto delle. Os labios fechavam-se-lhe, abriam-se, ora rapidos, ora vagarosos, collando-se um no outro como duas boccas enamoradas. Separavam-se articulando syllabas, como duas creanças em brinquedos infantis. Nunca em sua existencia prestara tanta attenção em uma bocca, e descobria maravilhas, combinações bizarras. No *mamãe*, por exemplo, o labio inferior tremia ameaçando beicinho como uma creança que vae chorar. O labio superior tinha tres gestos de mão que acaricia; no *portanto* marcava um compasso rapido de um corpo rolando tres degráos de uma escada; no *tu* era uma projecção de corpo que se offerece.

A tentação toda fôra por causa de *Zizi*. *Zizi* era uma priminha delle. Estava attento, sem ancias de homem, vendo as cousas bizarras que os seus labios formavam com as palavras. Foi quando o nome da prima, uma garotita peralta de cinco annos, appareceu.

— “A *Zizi* então...”

Não ouvia mais nada. Andara-lhe um demonio no sangue. No *Zizi* os labios afilavam-se, forçados, para os cantos da bocca, como filetes de sangue vivo. Os dentes surgiram num começo de sorriso aberto. A lingua tremia imperceptivelmente collada nos mollares e um canto da gengiva inferior ria num grande riso vermelho.

Ella estava semi-deitada no sofá com a cabeça recostada na almofada alta. Trajava um vestido azul-nocturno e debaixo delle todo o seu corpo vivia livre, numa liberdade primaveril de linhas redondas, linhas que mórriam, renasciam...

Os sapatos eram pretos e rasos; na meia finissima as reentrancias dos dedos panejavam a fragilidade dos pequeninos pés finos.

A bocca vermelha palavra alegremente, vestindo e desnudando os dentes curtos e largos. A perna esquerda resaltava, esmagando com seu peso a direita.

— “Fala *Zizi*...”

— “Para que?”

— “Fala...”

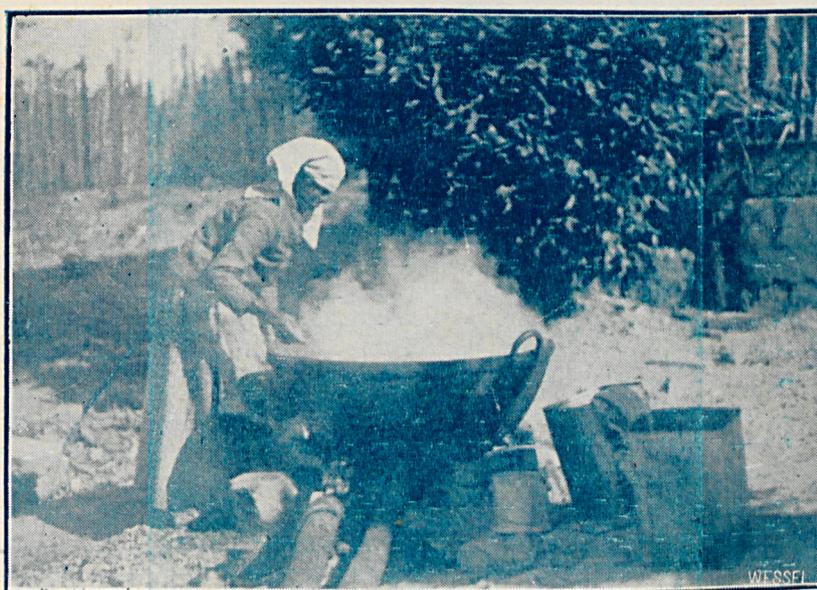
— “*Zizi*...”

— “Assim não serve. Quero devagar, com as syllabas destacadas”.

— “*Zi...zi...*”



SCENAS DA ROÇA



Phot. de F. Ferraz.

TIPOS DA ROÇA



Um Jéca

Phot. de F. Ferraz.

Prendeu-lhe o queixo entre as duas mãos e dois enórmes minutos ficaram presos num beijo lento como o somno.

Depois ella abaixara a cabeça, com a bocca magoada, pondo-se a soluçar. Elle sahira para a rua, com o passo forte, exaltado e feroz como si tivesse matado algum inimigo.

Sentia-se velho, olhando os horizontes do seu passado. Dezezeis annos... era um segundo, um nada no tempo, mas um mundo, um infinito no finito da vida humana.

Accendeu outro cigarro. As sombras da tarde começavam a ganhar terreno nas luzes do céu. Aramá estava perto. Chegavam até elle, ainda que apagados, alaridos de creanças em folias.

Apressou a marcha, numa ancia de chegar. No alto de Santa Rita parou para olhar a cidade onde as luzes se accendiam. O logar da igreja da Abbadia estava vasio. Era a primeira senti-nella da cidade que os seus olhos avistavam quando chegava para as outras férias. Estavam construindo outra no seu logar. Olhou o largo da Matriz. Na porta do sobrado do Carlos da Cunha havia grupos sentados.

A estrada descia entre dois barrancos escarpados. Antes de atravessar a porteira teve uma nova alegria; esbarrou com o Pedrinho, seu companheiro de folias, na meninice. O cavallo refugara violento, fazendo-o perigar na sella.

— “Oh ! alma perdida ! Que pirataria andas fazendo por aqui? Pelo refugo deste bicho, si não te reconhecesse, pensaria que era alma do outro-mundo.

O cavallo escarvava o chão, impacientado.

— “Um abraço, meu velho...”

— “O cavallo está desconfiado que eu não sou deste mundo e é capaz de te machucar”.

Havia bastante luz na tarde.

— “Estás magro, Pedrinho. E com cara de defunto. Não te deixei assim. Vaes entrar num regimen commigo; tambem preciso engordar”.

Pedrinho era um homem alto, de hombros finos. Estava abatido, com os olhos sem brilho e sem chapéo.

— “Perdeste o chapéo?”

— “Estou aqui ha muito tempo esperando uma pessoa. Estava deitado alli perto da bica”.

— “És um conservador, meus parabens”.

O outro interrogava com um gesto, sem comprehender.

— “O meu presente de anniversario... a gravata e o alfinete”.

Fazia frio.



— “Demonio de tempo que muda! Estou gelado. Ainda ha pouco suava. Tens de ir hoje lá á casa. Vamos agora”.

— “Agora não posso”.

“ Bom. Então vou te buscar ás oito horas. Tomo um banho e vou. Tenho novidades para te contar”.

Esporeou o cavallo para despedir-se. Já estava perto do amigo, de mão estendida, quando o animal deu um salto doido, brutal, e disparou rua de Santa Rita acima, num galope desordenado, acalmando-se pouco depois de entrar no largo da Matriz.

Não encontrara ninguem em casa. Os velhos haviam sahido para visitas. Não sabiam de sua chegada. Não o esperavam naquellas férias. Era surpresa.

Deu ordem para que nada contassem, queria surprehendel-os.

Tomou banho. O camarada que trazia a mala, e de quem se distanciara, já havia chegado. Mudou a roupa com pachorra á espera do signal do molecote que havia posto no corredor para dar o signal de alarme, quando os velhos voltassem.

Quasi oito horas e nada delles. Resolveu ir buscar o Pedrinho.

— “Si contarem que eu cheguei já sabem o que acontece”.

Prometteram não contar.

Sahiu de casa, que era na rua do Commercio, em direcção á Avenida Abbadia, onde morava o amigo.

No largo da Matriz um conhecido roubou-lhe quinze minutos, num espanto ruidoso. Livre delle, proseguiu.

A porta da casa estava aberta; atravessou a sala de espera e passou para o salão de visitas, onde a familia se achava reunida, menos a Fiduca, uma tia velha a quem elle desenganara nas férias passadas.

Foi recebido com abraços silenciosos e soluços mudos. Sentou-se no sofá, rodeado por D. Carlota e pelas meninas.

Viu Pedrinho num canto da sala, de pernas cruzadas, retribuindo de lá, num sorriso, o seu cumprimento. Lia uma carta e parecia muito attento.

Estavam todos de luto e ninguem falava. Achou estranho o mutismo. Quando teria morrido a tia Fiduca? Achou melhor não perguntar; seria um nunca acabar de lagrimas e historias dos seus ultimos momentos.

Incommodado com a tristeza e com o mutismo começou a falar alegremente.

— “Hoje um cidadão quasi fez que o cavallo me quebrasse os ossos. Foi na entrada da cidade, perto da ponte. O cavallo refugou ao vel-o como si visse assombração. Conversamos muito tempo. Quando eu me fui despedir delle o cavallo refugou hallucinado e veiu numa corrida até ao largo da Matriz”.



— “Quem era?”

— “Quem havia de ser... o Pedrinho”.

Parou surprezo com a expressão de pasmo desmedido que via em todos os rostos. Continuou depois de uma pausa mal humorada:

— “Amigo de coração, o Pedrinho. Dei-lhe uma gravata e um alfinete quando parti para o Rio e vim encontrá-los com elle”.

— “Pelo amor de Deus, Paulo, mamãe está morrendo!”

A mãe de Pedrinho tremia convulsamente, sacudida por soluços seccos.

— “Que é D. Carlota?”

— “Mas você não sabe, Paulo, que meu filho morreu e foi enterrado hontem? Meu Deus, eu enlouqueço! Você esteve com elle, esteve! porque não podia saber que elle foi enterrado com aquella gravata”.

O estudante saltara de assombro, com um frio doido nos nervos.

Viu Pedrinho num canto da sala, na mesma posição fazendo gestos para que não se incomodasse. Agitava o dedo em circulo sobre a cabeça, para exprimir que a sua mãe não estava bôa de juizo.

Recuperou o sangue frio com uma enorme sensação de allivio. Acalmava a velha com piedade, comprehendendo porque Pedrinho não se approximava.

Vendo a familia trãnsida, como que tomada de um pavôr supersticioso, teve um movimento de impaciencia que a sua liberdade na casa permittia.

— “Parece que está tudo doido nesta casa! Vem Pedrinho, acalmar a tua mãe”.

Chamava-o com um gesto imperativo.

Viu o amigo levantar-se.

Houve uma gritaria entre as irmãs delle.

— “Paulo, pelo amor de Deus, não fale assim, você sabe que elle foi enterrado hontem!”

Esfregou os olhos, sem saber que devia pensar; Pedrinho atravessava as cadeiras, dirigindo-se para uma porta dos fundos da sala.

De um salto Paulo foi até elle, interrogando-o afflicto, sobre aquella loucura collectiva.

Estendeu a mão para tocá-lo.

Elle recuou gritando:

— “Não me ponha a mão, Paulo! Não me ponha a mão!”



As portas e janellas da sala batiam ruidosas como que expostas a uma tempestade. O estudante cambaleara, sentindo frio na cabeça.

Depois da pausa de assombro o berreiro das mulheres recommçou.

Ninguém via o morto a não ser Paulo. Mas toda a familia ouvira distinctamente seu grito de dor:

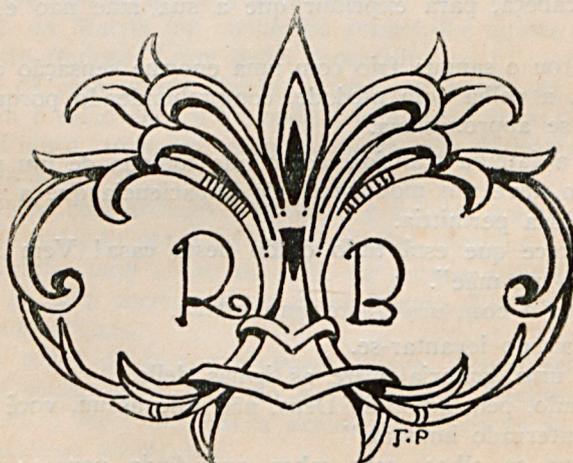
— “Não me ponha a mão, Paulo! Não me ponha a mão!”

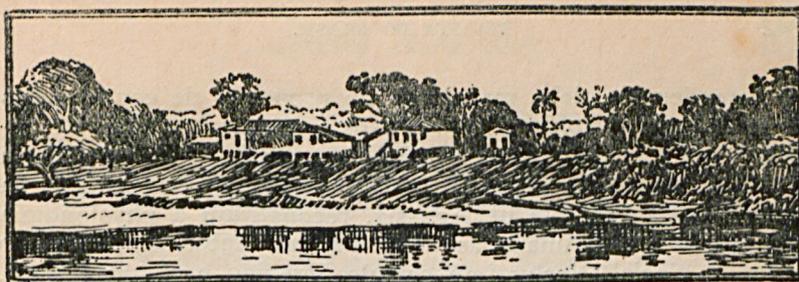
O estudante via Pedrinho de pé, com as feições transtornadas, de um livido tangente ao verde. Abrira a porta dos fundos, desaparecendo.

E todos ouviram na sala sua voz entrecortada como um soluço:

— “Adeus, Paulo!...”

(Da “Casa do Pavôr”).





ASPECTOS AMAZONICOS

A INCORPORAÇÃO DA ILHA DE MARAJÓ AO
CONTINENTE

(Ao BARÃO DE RAMIZ GALVÃO)

RAYMUNDO MORAES

NENHUMA região do planeta possui a literatura científica da Amazonia, Eldorado dos aventureiros e foco de atracção dos sabios. O desavisado que mergulhar porém nessa literatura, farta e maravilhosa, ao cabo de breve tempo fica estarecido ante as contradicções que regista. Humboldt affirma, Wallace nega. O padre Fritz garante, Condreau contesta. La Condamine assevera, Maury discute. E' um verdadeiro labyrintho de opiniões, nas quaes somente se penetra seguro, guiado pelo fio de Ariadna do conhecimento directo, observado "in loco", de forma a distinguir quando o geographo erra e o botanico acerta. O naturalista tem que ser policiado pelo curioso.

A ilha de Marajó, quasi tão grande como Portugal, sempre foi objecto de varias pesquisas scientificas. A hydrographia, a botanica, a ethnographia, a zoologia, a geologia, a anthropologia e a propria historia politica do norte, pelo estudo dos especialistas, não traspõem a embocadura do Amazonas sem fixar demoradamente, nos mais vivos traços, o antigo *habitat* dos nheengahibas. Tem esse rincão o destaque dum baluarte que vigiasse, á borda do oceano, o movimento transformador da natureza atravez dos astros e dos vermes, das correntes maritimas e aéreas, das linhas isothermica e equinoccial, afim de o communicar a todo o valle. E' o palimpsesto medieuo que



se estendeu na gleba marajoára no proposito de contar pelas manchas topographicas, pelos frisos dagua, pela variedade vegetal, pelo arrepio atmospherico, o trabalho que se realisou hontem, se realisa hoje, se realisar  amanhã. A geologia, na clarividencia radiante de Agassiz, reconstituiu a physionomia geographica do Amazonas: era um mar interior, depois do periodo glacial. Reclus, em calculo atrevido e complementar, achava-o maior que o Mediterraneo do Velho Mundo e mais vasto que o grupo dos lagos canadenses, donde sae o S. Lourenço. A muralha de leste, que fechava a plutonica massa liquida, com a elevao geogenica dos Andes, no Occidente, partiu-se, esfrangalhou-se, esboroiu-se, abrindo passagem, rumo do Atlantico,  s aguas retidas. Marajó fez parte dessa comporta. E' um bl co fragmentario do paredão que ia da ponta da Tij ca ao cabo do Norte. Agassiz observou no c rte marginal do Igarapé Grande, em Soure, a mesma estratificao terciaria do s lo fronteiro, identicas espessuras e disposioes nas camadas de argilla, de gr s e de quartzo. Constatou ainda a semelhana do *facies* marajo ra com o *facies* vigiense por uma floresta submersa, escondida num e noutra littoral, sob a turfa alluvionica. Ninguem nega, portanto, depois destas esplanasoes scientificas comprovadas por Walter Bates e Martius, corroboradas por Orville H. Derby, companheiro de Hartt, e ratificadas pela observao geral, que a sentinella formidavel, balisa do valle amazonico, se destacasse do continente. A longa faixa littorea-na que vae de Ponta de Pedras a Chaves, envolvendo todo o quadrante de Nordeste, aberta aos ventos largos do mar e batida pelos vagalhões oceanicos, ergue-se em alcantil desnudo, mostrando na barranca grotada a furia destruidora da onda e o fio cortante dos aliseos. A terra, a pedra, a areia desses taludes, no c rte vertical e abrupto, recordam a mesma terra, a mesma pedra, a mesma areia dos taludes ribeirinhos do Mosqueiro. E a semelhana estende-se por varios typos de farelh es do archipelago disseminado no estuario. Catejuba, Tatu ca, Arapiranga, Carnapij , Capim, como restos do desmoronamento cyclopico, lembram identica origem na parcella fragmenticia das materias sobrepostas. Mas, se a vaga maritima r e o littoral, diminuindo as áreas insulares nas extremas de barlavento, o rio, lado opposto, num trabalho constructor, augmenta-lhes o perfil com a depositao de sedimentos. Na orla marajo ra o caso assume proporoes excepcionaes de erosão e crescimento. A ilha desbarranca-se pelo Oriente e amplia-se pelo Occidente, marchando, lenta e insensivelmente para a margem contraria, num esforo c go de incorporao. Atravessa o valle. Passa-se, por mysteriosa funo potamica,



em linha obliqua dos *firmes* para as varzeas, numa immigração tellurica que alarma os geographos e altera, de golpe, todo o aspecto marematico da embocadura amazonica. Quem estuda estas questões na cartographia historica, desde os tempos recuados das incursões batavas, no século XVII, vagamente percebe as alternativas nos contornos, o diminuir e augmentar das lindes no refranger das angras e no dilatar dos cabos. A terra, no entanto, se degrada e se regenera. Na acção hydrica e eolica do lado do mar e no sobrepor da vasa fina e esidmenticia das bandas do rio, anda uma actividade surda de metamorphose. O fundo desigual e movediço, que deveria accusar, pelo registo bathymetrico, sensiveis e constantes variações, repete-se inalteravel na maioria dos documentos.

Confrontem-se as projecções traçadas em 1610 por Johannes Blaeu, em 1656 por P. Coronelli, em 1707 pelo padre Samuel Fritz, em 1780 por Belin, em 1882 pelo Hydrographic Office Washington D. C. com os planos de Calheiros da Graça, Henrique Santa Rosa e Barão Homem de Mello. Quasi as mesmas curvas, os mesmos traços, as mesmas profundidades, sob latitudes e longitudes variaveis de accôrdo com os originaes copiados.

As alterações, no espaço e no tempo, decorrentes, certo, do proprio movimento rotativo do orbe, não derramam differenças nesses estudos de gabinete. Seria necessario ver, passar atravez da faixa arboral do futuro isthmo, navegar-lhe os veios e as bahias que se estreitam e seccam debaixo das vistas duma geração, para concluir que Marajó anda a incorporar-se ao continente.

Daquí a alguns seculos, a ilha memoravel de hoje será simples phantasia geographica, tão pittoresca na historia como o são agora as insulas de Marco Polo. Vae succeder o que succede actualmente com o Tocantins. O facto de se discutir se este rio é ou não affluente do Amazonas deriva de uma verdade, transmittida pela reminiscencia, de selvicola em selvicola, de tribu em tribu, até o reinol das descobertas. E' a memoria, recontando o aspecto remoto dum trecho da terra com a fidelidade retentiva com que os poemas de Homero foram transmittidos pelos gregos. Realmente, o Tocantins era tributario do Amazonas. Quando as aguas do grande valle abriram caminho para o mar, duas volumosas torrentes contornaram Marajó, penhasco que ficára ao centro do desaguadouro. A que fluia pelo Sul, em viva curva elyptica, recebia na altura do pharol do Mandihy, a descarga verde-claro das affluencias tocantinas e lançava-se depois no azul-glaucos do Atlantico por entre as pontas do Magoary e Salinas. A que deriva pelo

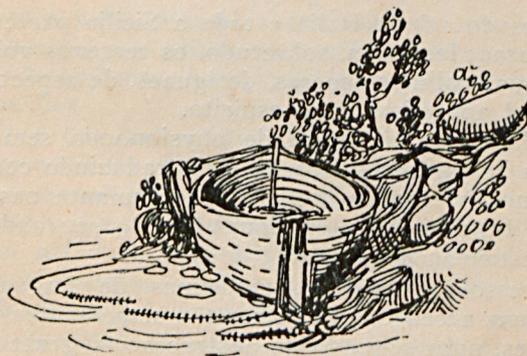


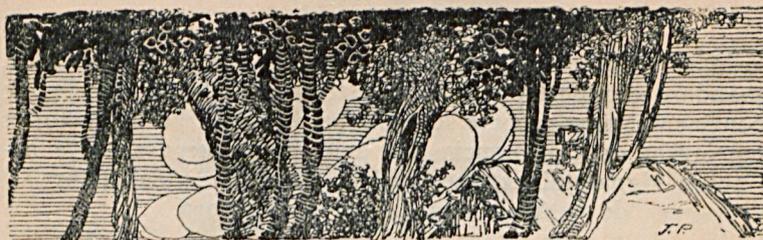
Norte, em trajetória recta, perdia-se no oceano depois de Chaves e Macapá. As correntes equatoriais marinhas, porém, que as cruzavam marchando para o Septentrião, forçaram a segunda dessas cordas a uma flexão do rumo das costas guyanenses. O desvio influio na directriz dos canaes interiores, que começaram a encostar á esquerda, como se os attrahisse a linha ideal do Equador. A caudal que se bifurcava a jusante de Gurupá, em virtude do phenomeno, passou a fornecer menor volume ao braço que banhava Marajó na região meridional. Em pouco tempo o fluxo e refluxo da maré atlantica, invadia, subindo, a arteria enfraquecida. A sedimentação, com o esmorecimento da correnteza e o rebalsamento consequente das aguas, precipitou-se. Surgiram restingas, praias, baixos, bancos, ilhas, archipelagos. Rasaram-se os passos. Bahias enormes mal possuem a chanfradura dum rego, por onde a quilha das embarcações, miudas e transatlanticas, tateia a derrota. Porque é preciso registrar uma idiosyncrasia da praticagem: a via menos profunda, a que envolve o Sul de Marajó, á a preferida para o transito de Belém a Manaus, nos derradeiros dias do seu cyclo navegavel.

Os estreitos se ganglionam, os alveos se entulham, a terra se eleva. Ha prumadas de 30 pés, de 28, de 24, de 22, como no Furo Grande. Os maiores paquetes da Booth Line principiam a buscar outras passagens, até serem obrigados a singrar pela verdadeira foz, entre Chaves e Macapá, depois de dobrarem o Magoary, restabelecendo dessa fórma a navegação dos tempos da conquista, por onde subiam e desciam, de velas pandas, os holandezes, os inglezes e os francezes. O leito levanta-se desde o pharol do Mandihy á derradeira volta do Ituquára, num trajecto formidavel de 150 milhas. Falta-lhe a circulação abundante dos idos immemoriaes, o peso aquoso de outr'ora. O comprimento do braço condemnado inverte-se na largura de isthmo. E' a solda que vae ligar Marajó ás varzeas que demoram pelo Levante de Gurupá. Ora, este escandalo de dinamica potamologica, no seccar de larga faixa fluvial e no construir de verdejante archipelago, não modifica sómente a geographia, modifica a historia tambem. Impedida a singradura por alli, como explicar depois a expedição de Pedro Teixeira, que subiu por essa estancia na aventura de devassar o sertão? Os pequenos filetes dagua que conseguem hoje atravessar do estuario amazonico, pelos furos de Breves, para o estuario tocantino, deixam de figurar como elementos dum rio captados. E o senso das proporções que o proclama. De sorte que o Tocantins, tributario do Amazonas em epocas longinquas, com a alteração geologica que se observa na incorporação de



Marajó ao territorio Sul da bacia, passou a ser o real captador. E quando o grande blóco insular estiver completamente ligado ao continente, num recórte scandinavo, vagos serão os vestigios denunciantes da confluencia dos dois cursos separados, e nenhum signal talvez que lembre, na figura peninsular de então, a ilha discutida de agora.





MESSINA

POR H. CASTRICIANO

As regiões do sul da Italia e toda a Sicilia parecem-se com as nossas; lembram, sobretudo, os terrenos vulcanicos de Minas, as suas collinas asperas, desiguaes, de aspecto não raro desagradavel aos olhos e ao espirito.

E os habitantes, em geral de physionomia sem traços de harmoniosa belleza, as linhas da face traduzindo certa energia audaciosa nos homens e certa graça petulante nas mulheres, lembram o brasileiro septentrional, com o seu andar nervoso e a sua gesticulação violenta.

Ha expressões populares, modismos de linguagem comuns ao povo, accents prosodicos tão semelhantes aos nossos, que ás vezes, num segundo de abstracção, a gente se esquece do ambiente social em que está e tem a illusão de se encontrar no Brasil.

Em Messina, ao descer do trem, um cicerone me toma a maleta e, cançado, me pede, num gesto supplicante, para utilizar-me de seus serviços, afim de percorrermos juntos as ruinas da desgraçada cidade.

Fito-o um momento, calado, indeciso. E' um pobre homem de preto, magrissimo, olhos tristes de um azul pouco firme, rosto cheio de rugas precoces, de vincos fundos.

Deixo-me conduzir.

O almoço, na *gare*, é servido com alguma preguiça: dous nacos de mão presunto, um pouco de macarrão, queijo e pessimo café.

Em seguida, o guia lembra-me o alvitre de tomar um carro. Prefiro fazer primeiro um longo passeio a pé, com o fim de

vêr de perto, de tocar, por assim dizer, os escombros desolados, de conhecer melhor os detalhes violentos dessa inominada catastrophe que tão funda emoção accordou no mundo inteiro. Perto, na via Garibaldi, depara-se-me grande numero de pessoas reunidas.

Approximo-me.

O guia encontra meio de me conduzir ao pé do escombro que despertara a atenção de todos. E o que vemos são cabeças separadas do tronco — seis — entre as quaes duas de mulher, segundo me informam.

Em torno, ha inumeras pessoas de lucto; mas fico sem saber se alli se acham parentes dos exhumados, porque os olhos estão enxutos, sem lagrimas inuteis, e transparece no semblante de todos a extranha serenidade sobrevinda aos males sem remedio.

E' interessante vêr como a natureza humana depressa se adapta ao soffrimento moral, como este se attenúa ou antes se transforma em não sei que resignada tristeza.

Deve ter sido indescriptivel a confusão da manhã em que Messina despertou aos gritos, sentindo tremer a terra como n'um ataque de epilepsia, a fugir do mar que avançava referendo em cachões.

Era o fragor das ondas, era o estrondo dos edificios desabando e erguendo ao cahir a poeira tragica de paredes desfeitas, sob as quaes jasiãsm esmagadas milhares de pessoas, bem mais felizes que os sobreviventes; era o rugido de innumerables boccas afflictas, chamando, pedindo, resando; toda a gamma do soffrimento humano, a lamentosa esperança dos crentes, a blasphemia dos revoltados, a loucura das mães, a alma, emfim, da cidade dolorosa, sentindo nalguns minutos a tortura millenar da especie.

Passam-se os dias, as semanas, os mezes, e, numa clara manhã de Novembro, já descuidosa á beira do Mediterraneo tão sereno agora, eu venho encontrar Messina meio olvidada de seu infortunio, sorrindo no meio de tantos destroços, quasi esquecida da morte.

Nos que assistiam ás inhumações notava-se a curiosidade, sempre insatisfeita, do povo, mas nessa curiosidade não havia a emoção desesperada dos grandes momentos, a expectativa que constringe a garganta e nos deixa, ás vezes, sem poder falar.

Não estranho isso. Esses minutos já não são grandes para uma multidão que vem de immensa dôr. Ella sentiu de mais, vendo-se desterrada na propria terra do nascimento, porque a patria é a casa e esta esboroou-se. Seis craneos a desnuda-



rem-se, algumas tibias dispersas, os fragmentos de um coração que parou talvez num momento de alegria e que por esse motivo ainda não apodreceu de todo, que valem taes restos para quem tudo perdeu?

Ao deixar o agrupamento vejo uma linda mulher viuva, serena e forte, assistindo ao espectáculo com a resignação dos outros, tendo nos braços uma criança morena, sadia, de longas pestanas negras.

A criança está zangada e chora. A mãe da-lhe a comer uma ficodina; ella devora-a e põe-se a rir. Deixo-me ficar adeante junto a um palacio em fragmento, torcido, quebrado, machucado com tal brutalidade que me vêm á lembrança a colera indomavel dos gigantes da fabula.

Parece que tão estupendo mal originou-se de uma força consciente; e os deuses de Homero surgem aos meus olhos, numa visão de pavor.

Da argamassa em farellos sahem colchões apodrecidos, rotos pelo tempo e pela pressão das paredes cahidas.

Dous ou tres leitos de ferro apparecem no alto, violentamente desconjunctados. E' em taes minudencias que encontro a parte mais dolorosa da tragedia. Os objectos de uso commum, as cadeiras partidas, as camas inuteis, as mesas desfeitas em taboas por sua vez fragmentadas, tiram a magestade destas ruinas.

E essa impressão de vulgaridade contrasta de tal modo com o epico horror da catastrophe, que o meu espirito se revolta contra si mesmo, sentindo quanto ha de sacrilego nas suggestões que a analyse produz em face de episodios taes.

Depois, reflectindo com serenidade, encontro o motivo da perturbadora sensação.

O que me fere é a realidade do presente, o lado propriamente humano da tragedia, porque em todos os factos eguaes a este ha muito do sobrehumano que forma a trama da fatalidade, do irremediavel, alguma cousa que recorda o côro dos dramas antigos.

O resto é a humanidade em sua triste contingencia, o ridiculo espiçando do heroismo, Napoleão vomitando os esphacelos do seu cancro num vaso humilde, Cesar cahindo aos pés da estatua de Pompeu, gritando como um louco e cobrindo o rosto para não vêr a morte.

Eu vinha de uma longa peregrinação entre ruinas.

No Colyseu, na Acropole, em Thebas, á sombra da Esphynges, á beira do Mar Morto, sentira dentro em mim o phantasma de innumerables gerações e trouxera a tristeza das longas viagens no meio de raças e costumes diversos.



Mas as ruínas históricas são vistas através da imaginação, ha um immenso passado entre ellas e o homem de hoje, a engrandecer ou antes a espiritualisar o que este contempla, seja a argamassa de tijolo romano ou coloração do marmore da Acropole.

Dentro do Colyseu ou ao pé dos deuses mortos do Egypto, gravados na pedra immortal, o espirito vòa em serena abstracção.

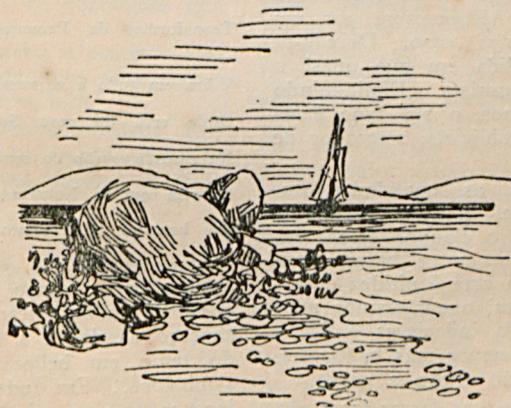
Dilue-se pelo passado longinquo vê tudo como de uma alta montanha, semi-apagada pela distancia e deuses, homens e coisas confundem-se em não sei que sensação de eternidade cahotica e divina.

Mas aqui, no seio da pobre cidade vulcanica, olhando essa porção de objectos intimos, sahindo dos escombros como um riso máo de escarneo, a alma anseia por fugir ao presente e não pode, ficar amarrada, pungida ao tragico scenario, sem conseguir voar para bem distante.

E é justamente esse contraste entre as velhas ruínas e a ruína moça que augmenta o horror do spectaculo, porque me dá a medida do que vale o homem, simples realidade transitoria e ridicula no amplo conjunto da vida universal...

Mais tarde, de volta do cemiterio, cujas sepulturas o terremoto igualmente profanou, encontrei perto do porto a mesma viuva ha pouco, sempre conduzindo nos braços robustos a risonha filha.

Aquella mulher e aquella creança me pareceram dous symbolos: a Messina de hoje trajando lucto mas resignada e corajosa, conduzindo perto do seio a Messina de amanhã...





Matheus de Albuquerque —
VISIONARIO — “Portugal-
 Brasil Limitada” — Lisboa.

Matheus de Albuquerque, jornalista cuja obra acabamos de apreciar de relance, é também poeta. Mais poeta que jornalista talvez. Naquella sua feição, como também nesta, é um perfeito equilibrado.

Ora, nada tão pouco propício ao jornalismo como o equilíbrio. Os nossos homens de imprensa, os que o são organicamente, não se destacam da turba senão pela sua pontinha de originalidade com limites na própria extravagância ou pela mais escandalosa baixa da craveira, pela queda do nível até as proporções da massa. Não optou Matheus de Albuquerque por um nem por outro caso. Deixou-se ficar na medida em que quasi o chamamos ensaísta. Distinguindo entre os termos, o seu typo é na prosa o do publicista, sementeiro de ideias.

Transpostas as qualidades, lucrrou o poeta, cremos. Inspirado, tem ás vezes o clangor épico, outras muitas um doce bafejo lyrico. Ora a sua arte é nitidez e precisão — e aqui o apreciamos mais — ora é toda indecisões e fugas. Tem brilho sempre mas brilho humano, que não chega a génio.

Expressões novas dessas faces são, da primeira, “Bohemia” e “Resurreição”, esta resoante de vigorosos tons; e da segunda, a maior parte do livro, apparecido a primeira vez ha cerca de dozes annos,

com os seus pluraes caracteris-symbolistas.

O soneto “Ma'dição,” é typico, com os seus pluraes e caracteristicos, os seus adjectivos fortes e até os substantivos cabalisticos como “Divindade”, “Saudade”, “Promessa”, “symbolos”, “vencidos” e “assombros”. Vale a pena lê-lo, pois, é bello, na verdade:

Como um choro infernal de victimas
 [errantes,
 Freme, raivosa e bella, a voz da Natureza.
 Exprimem fogo e gelo as maldições vi-
 [brantes
 De velha Divindade em colera accesa.

Porque, céos, a procella aos pallidos
 [semblantes
 Dos vencidos arranca a imagem da Bel-
 [leza,
 E os valles da Saudade e as Searas
 [ondulantes
 Transforma, da Promessa, em barbara
 [asperiza ?

Vibra em tudo a expressão de assombros
 [e gemidos,
 Onde erra do meu Sonho a imagem
 [dolorosa,
 Na transfiguração do sonho dos vencidos.

E, sem que a Natureza escute o meu
 [reclamo,
 Do humano soffrimento a musica as-
 [sombrosa
 Pela sagrada voz dos symbolos derramo.

E' o collectivismo do gemido, a ancia do milagre transfigurador, o canção da dor e a transfiguração do tedio em belleza, isto é, em symbolos... Em tudo, um olor a incenso e uma côr maciente de imagem de oratorio. Deve significar o aneio das multidoes o estado moral de uma civilisação transitoria — dizem os iniciados, ao menos.

Perillo Gomes — PENSO E CREIO — Ed. "Anuario do Brasil" — Rio.

"Penso e Creio" é um livro raro, livro de fé. O seu autor, catholico, faz esta coisa ainda mais rara: procura enquadrar na razão as suas crenças, para ellas chamando pro-selytos á força de logica.

Não nos cabe discutir-lhe os argumentos, nem julgar-lhe a obra. Fé, tem-na quem a tem, não quem a quer ter e, no capitulo, pouco valem razões, se mais não valem sem razões. Não diremos, pois, que, senhor da ultima palavra no assumpto, Perillo Gomes veio trazer de novo ao gremio da igreja de nossos avós a turba indifferente dos que se sentiram apartados della.

Provavelmente, conseguiu muito e, não o fizesse, ainda assim teria obrado apreciavel obra, com chamar attenção para tão piedoso fim.

Limitamo-nos a uma constatação, a unica que ao nosso mister compete, mister que não é o de critico, com ideias e principios, mas o de simples noticiarista: — Perillo Gomes escreve bem, é um escriptor com todas as qualidades que se lhe exigem.

"Pensa", de facto, e escreve. Pode pensar errado, mas as proprias erroneas escreve-as bem.

E nisto vae outra raridade. Em geral os livros no genero têm todas as qualidades, menos as literarias.

Matheus de Albuquerque — SENSAÇÕES E REFLEXÕES — Ed. "Portugal-Brasil Limitada" — Lisboa.

Em segunda edição, apparece o volume "Sensações e reflexões", de Matheus de Albuquerque. São chronicas ou, melhor, estudos de actualidade, duma actualidade, aliás, já com dez annos ás costas, o que só lhes augmenta o valor.

Por isso, decerto, a primeira parte tem um pronunciado sabor a logar commum e o dizemos em abono della. São os capitulos "O exemplo de Floriano", "A segunda decada republicana", "A missão historica de Rio Branco", "Rio Branco e a nossa historia", "Rio Branco, homem de letras" e "A ultima noite". Assumptos do dia, ha um decennio, passaram a capitulos da Historia.

Novidades áquelle tempo, se hoje toam como ideias do patrimonio commum, é que se cumpriu o seu natural destino. A outro fim não tendiam. Concorreram, sem duvida, efficientemente para formar a visão que hoje temos de homens e coisas, que então começavam a delinear a sua silhueta historica.

Assim a segunda edição de livro tal, livro já velho, é o coroa-mento de seus meritos.

Mario de Alencar — CONTOS e IMPRESSÕES — Ed. "Anuario do Brasil" — Rio.

Mario de Alencar, o amigo de Machado de Assis, vem-lhe presentando uma serie de homenagens, entre as quaes não é a menor o seu livro "Contos e Impressões". Nelle, nada visivel ha, que denote, mais que transpareça simplesmente, essa homenagem que lhe descobrimos. Por isso mesmo decerto, maior é o seu valor affectivo. O illustre academico, que conheciamos poeta e critico, apresenta-se aqui narrador. Com algumas producções no genero, reve'a-se um bello contista, discipulo do grande mestre, de cuja arte, innegavelmente, se apropriou em parte. Os assumptos, o seu desenvolvimento e architectura, são os mesmos. Na generalidade, por alto, a mecanica de um é a de outro. O fundo, mais pessimista que sceptico, identifica-se tanto ou quanto. Se era o que pretendia o autor, como cremos, alcançou-o.



Não passou, porém, dessa parte exterior para a essência, o amago mesmo do inimitável Machado. Não conseguiu Mario de Alencar mais do que o possível. Tempera muito diversa, o estudo e a imitação intelligente ahí pararam. Ficaram nas linhas geraes. E o "humour" é tudo quanto existe de menos diluido e disperso... E', ao contrario, concentração e sobrecarga, exuberancia, enfim. Não perde tempo nem espaço. Não perde palavras, aproveita-as uma por uma para o seu fim, que está menos na conclusão e no todo que na circumstancia.

Por esse lado, o modelo não foi attingido.

"Contos e impressões", entretanto, constituem livro bom de ler-se e, se abstrahimos do presupposto de imitação, a promessa de uma individualidade, de grande relevo se, por seu lado, fugir o auctor a influencias que já lhe deram o que podiam.

Jonathas Serrano — PHILOSOPHIA DO DIREITO — Ed.

O bello volume, excellentemente confeccionado — "Philosophia do Direito" — que devemos ao dr. Jonathas Serrano, vem, decerto, prestar magnificos serviços aos estudiosos da materia, bem como a todos os que amam illustrar-se um pouco, tomando conhecimento do pensamento humano. Porque a Philosophia do Direito, longe de ser a estreita especialidade fechada no circulo dos que se occupam dos varios mistéres da justiça, é bem a disciplina que mais interessa aos espiritos, pelo muito que ensina de nós mesmos e de nós mesmo faz pensar. E', talvez, se não dizemos tolice, a philosophia praticada, isto é, no que ella tem de mais real e attenta a factos e coisas. Quanto melhor não comprehendemos as nossas relações do dia a dia, tão distantes da austera ideia do Direito, quando temos lido numa pagina dessas!

Seria, pois leitura para todos, se

todos se dispuzessem a "conhecer" menos superficialmente, mais senhores do sentido dos nossos actos e dos alheios... Mas, pensar é, parece, doloroso e deletrear um conceito, excessivo esforço, para gentes afobadas e alheias a coisas de ideia.

"Philosophia do Direito", que é a summula de extraordinaria innumeravel bibliographia, um grande esforço de erudição, é por varias formas original. Constitue um compendio, um pequeno tratado. Desvia-se dos moldes do exclusivismo positivo, que estamos acostumados a encontrar em livros similares. Moldado segundo orientação espiritualista, vem juntar-se áquelles para o confronto, proveitoso sempre, representando valiosa contribuição para o estudo. Quem o diz não somos nós, mas alguns dos nossos melhores nomes do pensamento, cujos pareceres se juntam ao livro, como a melhor recommendação.

B. F.

Barbosa Vianna — HYGIENE PARA TODOS — Leite Ribeiro & Maurillo, Editores — Rio — 1920.

Num paiz como o nosso, de meios de communicações difficeis, onde os agrupamentos de habitantes são minusculos oasis pontuando immensas terras deshabitadas e a cultura mais rudimentar prima pela ausencia, não ha e nem pode haver entre muitos conhecimentos imprescindiveis, as noções mais simples de hygiene. A hygiene para as nossas populações do interior consiste no banho e numa grande fé erronea que a agua lava tudo.

Os livros de hygiene são sempre necessarios e si houvesse uma distribuição intelligente delles, ainda que os seus preceitos fossem seguidos com o meio descaso inherente ao nosso povo, a nossa mortalidade teria um decrescimo incalculavel. O livro do Sr. Barbosa Vianna está ao alcance de todas as



intelligencias, e faria, si fosse difundido pe o interior, mais beneficios ao paiz que, por exemplo, a Camara Federal desde 1889.

M. D.

Julien Fauvel — CONVERSAÇÃO FRANCEZA — Com. Melhor. de S. Paulo—1921.

O methodo e o plano deste livro didactico fogem aos moldes habituaes, innovando para melhor. O A. procura, na escolha dos temas, jogar o mais possivel com elementos da nossa terra, de maneira a ensinar um francez realmente pratico. Evita assim trilhar as pegadas dos livros congeneres onde o vocabulario, por excessivamente europeu, poucos serviços presta aos que entre nós necessitam conhecer um francez utilisavel na conversação de todos os dias.

Nada do velho Sevenne de carunchosa memoria e de tantos outros compendios francezes trasladados para portuguez, sem a preocupação constante de adaptar-se ao novo meio. O Sr. Fauvel lecciona a sua lingua natal em S. Carlos e por experiencia propria adquiriu a convicção da deficiencia dos methodos antigos e da necessidade de reformar a literatura didactica nesse ponto. E pondo mãos á obra realisou esse *desideratum* espendidamente. A edição, como é velha praxe da antiga casa Weisfflog, primorosissima.

Firmino Costa: O ENSINO PRIMARIO. Imp. Official-Bello Horizonte, 1921.

O emerito prof. Firmino Costa, de cuja excellente Grammatica Portugueza aqui noticiamos o apparecimento, dá-nos agora uma collectanea de trabalhos seus, relacionados com o ensino primario de que é elle paladino militante. São discursos, proferidos em diversas occasiões e lugares, artigos de critica pedagogica, explanações de temas, lições.

etc., materia toda de mui vantajosa leitura tanto para professores como para leigos. No decurso do livro resalta sempre, com vivacidade, o espirito observador do conceituado mestre e a sua larga experiencia adquirida ta trato constante dos alumnos, e isso é uma característica que valorisa grandemente os trabalhos devidos á sua penna.

Walkyria Lopes: ESPIRAL DE SONHOS. Bahia, 1921.

Ha livros que enternecem. Este é um. Sua autora, menina bahiana cujo retrato enflora o volume, sente o cerebro borbulhante de impressões e as vasa no papel sob forma de versos. Versos inda vacillantes, imperfeitos, mas sempre correntios e não raro lindos.

Arrancando de si rendas de branca

[espuma,

Ebrias, as vaças nuas, combaleiam,

E a voz alteiam

No multismo da bruma,

Modulando co luar,

Roucas ainda.

Essa conção infinda

Que o vento passa a repetir no ar

Com o tempo, com a maturação da cultura e consequente aperfeiçoamento da technica é de crer tenhamos em Walkyria Lopes, como o prophetisa Altamirando Requião, seu illustre prefaciador, uma poetisa notavel digna da terra dos grandes espiritos que é a Bahia.

Carlos Rubens: IMPRESSÕES DE ARTE. Typ J. do Commercio, Rio 1921.

Em estylo nervoso, rico de brilhos e suggestões, Carlos Rubens trata de variados temas, todos relativos a artistas ou a questões de arte. Critico de ampla visão, e impressionista quando o assumpto pede esta maneira de criticar, revela-se-nos um raro eleito da comprehensão esthetica. Independente



no vulgar e seguro no interpretar uma obra d'arte ou no caracterisar a essencia d'um artista, sua individualidade lembra-nos a de Gonzaga Duque, de saudosa memoria. E' que Rubens é tambem artista e sabe sentir com delicadeza todas as nuanças da obra alheia.

Arthur Salles: *POESIAS*.
Bahia, 1920.

Alentado volume de 252 paginas, muito bem impresso, onde se publicam os copiosos versos das *Purpuras*, *Rosas de antanho*, *Dias rursares e Ermo em flôr*, com retrato frontespicial de Presciliano Silva. Versos sempre bem feitos, com requintes de expressão, embora sem nenhuma nota fortemente pessoal que os notabilize. Exemplo:

Nesses tremendos circulos da vida
Erras, clamando, afflicta e delirante,
Ao céu levantas a alma soluçante,
De preces e de supplicas ungida.

Dentro de teu clamor exulcerante,
Sem rumo e só, de dores combalida,
Vagas por esses circulos, perdida,
E gyras nesse sorvedouro estuante.

Buscaste o amor, e o mundo era um
[deserto!
Teu coração, de lagrimas coberto,
Em vão gritou por quem o acalen-
[tasse.

O amor nos ermos corações morrera,
— Arvore augusta, em plena pri-
[mavera!
Que um sol maldicto, barbaro, quei-
[masse!

Alfredo Guimarães: *QUEM*
CANTA... Typ. *Esperança*.
Porto Alegre, 1921.

"Primeiro que tudo, eu não sou poeta..." começa declarando o auctor no prefacio, em carta a um amigo que o induziu a publicar-se. Pois errou. E' poeta e dos bons, embora susceptivel de grandes aper-

feiçoamentos technicos. Tem a massa dos bons, dos que vibraram cheios de personalidade e são capazes de "algo nuevo".

Encanta sobretudo, neste libreto, o seu desembaraço, qualidade bem typica nesta poesia que transcrevemos:

Clara, a minha filha, é uma creança
Em tudo original.
Garrula como um pardal,
Tem com os pardaes inteira seme-
[lhança:

Mal anoitece,
Enfia-se na cama,
Esconde o seu trinar;
Mas, logo que amanhece,
Vem direita ao meu quarto, por
[mim chama,
Obriga-me a accordar.
E eu — tão feliz! não sei contrariar
O habito matinal
Do garrulo pardal...

— "Que versos tão banaes!"
Dirão, ao ler-me, os criticos da
[moda,
Na sua petulancia d'immortaes.
E mesmo, em certa roda,
Onde estes versos soffrerão castigo,
Ha de haver, pelo menos, um amigo
Que affirme, em ar satyrico,
Não passar eu d'um pobre poeta
[lyrico.

Perfeitamente.
Não serei eu quem vá contrariar
A impenitente

Má lingua dessa gente.
Já sei que elles tem tudo o que eu
[não tenho.

Nem eu lhes vou negar
A arte e o engenho,
Que só elles possuem — mais nin-
[guem...

Sim!
Mas o que elles não tem,
Decerto, egua! a mim,
E' um tão doce despertar!...

E' ou não rico de qualidades?
Queira-o, o Sr. Guimarães, e poucos poetas no Rio Grande do Sul se lhe avantajarão, dada a rica veia de originalidade que possui.



Antenor Nascentes: GRAMMÁTICA DA LINGUA ESPANHOLA. Liv. Drummond, Rio, 1920.

Compendio de 102 paginas, bem feito, organizado pelo Sr. A. Nascentes, professor cathedratico do Collegio Pedro II e conhecido autor de outras didacticas.

BOLETIM DA SOCIEDADE DE MEDICINA DE S. PAULO, numero especial commemorativo do 1.º anniversario do fallecimento do Dr. Arnaldo de Carvalho. Off. d' "O Estado" — S. Paulo, 1921.

Este boletim forma um volume de 262 paginas onde se enfeixam todas as manifestações da imprensa e das sociedades scientificas por occasião da morte inesperada do grande medico paulista. Constitue uma bella homenagem e um attestado commovente da alta estima e da veneração que em nosso meio gosava o saudoso extincto.

A. Austregesilo: PRECEITOS E CONCEITOS.—L. R. & Maurillo, Rio, 1921.

O professor Austregesilo auctor já de treze volumes de estudos medicos revela-se neste o homem de sempre, philanthropo a seu modo, procurando lenir soffrimentos alheios, confortar os debeis, amparar os vacillantes e ensinar a vida forte e sã aos combalidos de alma e corpo. A procura que da parte do publico tem as obras deste escriptor demonstra o valor therapeutico da sua literatura. Não ha quem não sáia de qualquer dos seus livros melhorado, vivificado, tonificado pela serenidade da sua philosophia optimista e pela efficacia dos conselhos medicos largamente distribuidos. Em contraposição á chamada literatura dissolvente, podemos chamar constru-

ctura e tonificante á do eggregio professor.

H. Geenen: COMPENDIO DE LOGICA. Livr. Alves, S. Paulo, 1291.

Os leitores da Revista do Brasil já conhecem a capacidade philosophica do prof. Henrique Geenen, que nella publicou um interessantissimo estudo comparativo entre as idéas de Farias Britto e J. Ingenieros. Pois o mesmo forte dialectico revela-nos neste compendio os dessous da Logica, a fria arte de raciocinar. E' obra já na quarta edição, o que muita honra faz ao emerito auctor do compendio de Psychologia tão popular entre nossos estudantes.

Lila Escobar de Camargo: CARACTERES FEMININOS. S. Paulo, 1291.

Está aqui um livro impressionante pelo muito que revela em sua auctora. Percebe-se, claro, que ella ainda está no periodo de chrysalida donde ha de sahir a esplendida borboleta. Excessivamente jovem, tem no cerebro todo o mundo em elaboração, e, como tal, inda cahotico. Só o tempo lhe poderá trazer a ordem e a disciplina necessarias. Esta ordem e esta disciplina necessita-as a senhorita Lila sobretudo no que diz respeito ao instrumento de expressão das suas idéas i. é. á lingua. Como não está ainda senhora do idioma, é constantemente trahida por elle. A lingua dum escriptor é como um poldro rebellão. Sem amansal-a e tel-a docil aos minimos movimentos das redeas, impossivel ao pensamento equilibrar-se nella com garbo e elegancia. E a lingua é coisa que se aprende — ninguem a nasce sabendo. Quando a vemos, limpida como a agua das fontes pedregosas, num Machado de Assis, não imagamos o que tal Impidez custou de filtragens successivas e ininterruptas, num longo

e paciente trabalho de annos. A senhorita Li'a possui em elevadissimo gráo as qualidades com que uma escriptora nasce; falta-lhe apenas adquirir as que se adquirem. Realizado isto, esta harmonia, este consorcio do equilibrio do pensamento com o equilibrio, justeza e precisão da fórma, tomará ella assento entre as mais fidalgas representantes das letras femininas entre nós.

Gustavo Penna: PROSAS LEVES. Comp. Melhoramentos, S. Paulo, 1291.

Ao completar sessenta e seis "estirados e trabalhosos" annos, o auctor, para commemorar o facto, publicou este livro onde reune varios artigos feitos em épocas diversas. Denominou bem o volume, que a sua prosa, sempre elegante, castiça e fina é, sobretudo, leve, dessas que o leitor sorve sem empache do cerebro. O Sr. Gustavo Penna pode classificar-se entre os ensaistas. Cada capitulo do seu livro desenvolve um thema em torno do qual o espirito do auctor bo-bo'eteia tirando partido de todas as associações logicamente suggeridas. E como é um escriptor perfeitamente equilibrado, *gentleman* nas idéas e na maneira de expol-as, é com vivo prazer que o recommendamos como contraveneno a tanta maluqueira sem pé nem cabeça que corre por ahi com rotu'o futurista.

Assis Garrido: REGINA. Typ. Teixeira, Maranhão, 1920.

Peça em um acto, em verso, onde o auctor, cujo retrato figura no livro, revela-se muito precipitado em publicar-se. Nada estraga tanto os nossos candidatos ás letras do que a precipitação. Vem d'aqui obras falhas, fructos verdes, deficientissimos como idéa, como composição e como linguagem.

M. Carlos: ENSAIOS DE SOCIOLOGIA. Typ. Annaes, Rio, 1290.

Apesar da carta de Clovis Bevilacqua, que o auctor poz á frente do livro como escudo, a obra não se salva. E não se salva porque o requesito primordial para um escriptor desenvolver idéas é o conhecimento da lingua. Se a desconhece, como o Sr. M. Carlos, o pensamento expressa-se mal, confusamente e por fórma tão desagradavel que leitor nenhum pode interessar-se pela obra.

Imagine-se que o nosso sociologo abre o livro com esta dedicatória: "A Aenarbh, o espirito, na observagem, no estudo e na observação do qual encontrei um orientador para a athmosphera de luz que os escriptores procuravam".

Entenderam? Ora o livro inteiro — 400 paginas! — é escripto neste estylo da celebre Matercracia do Sr. Freixo Portugal. Ora, assim, nem com mil cartas de Clovis Bevilaccas eoutras tantas de Ruys Barbosas a coisa vae...

L. Lavenère: ZEFINHA. Macció, 1921.

Excellent novella, dada com o sub'itulo de — Scenas da vida alagoana. Estylo simples, correcto, isento de vicios e pedantismos. Acção continuada e espirituosa. Paginas que se leem com agrado crescente e que nos conduzem a fazer uma alta idéa do Sr. Lavenère. Quem é elle? Moço ainda? Estreante? Nada sabemos. Só sabemos que ha nelle um novelista interessantissimo, um desses raros escriptores capazes de obras tidas e relidas pela *elite* e pelo povo, como foi Macedo. Mas cumpre confessar que Lavenère é muito superior a Macedo — em graça e em naturalidade de dialogo.

Mas quem é L. Lavenère?





DEBATES E PESQUIZAS

HISTORIA

UMA MEMORIA SCIENTIFICA DE JOSE' BONIFACIO O VELHO

O sr. REMIGIO DE BELLIDO (do Inst. Hist. de Niteró) continua, com louvavel empenho, as suas pesquisas acerca dos Andradas. Tendo-nos dado já consideravel contribuição, promette para breve as "Ephemerides Andradinas", já promptas. Nos intervallos, vai excavando mais algumas achegas, como a que teve a gentileza de nos enviar e que a seguir reproduzimos uma traducção dos "Annales de Chimie ou Recueil de Mémoires concernant la Chimie et les Arts qui en dependent", tomo 45.º, pag. 82-88, Paris, Out. 1792:

MEMORIA SOBRE OS DIAMANTES DO BRASIL, LIDA Á "SOCIIDADE DE HISTORIA NATURAL", DE PARIZ, POR M. ANDRADA.

Venho satisfazer, como me é possível, a curiosidade desta Sociedade sobre os diamantes do Brasil, e antes de descrever as fórmãs, as jazidas e o modo de exploração, julgo util dar uma idéa da região onde se encontram.

A provincia productora de diamantes, no Brasil, situada no interior das terras, fica entre 22 ½ e 16º de latitude meridional, com cerca de 670 leguas em redondo, extremado, a leste, com a capitania ou provincia do Rio de Janeiro; ao sul, com a de S. Paulo; ao norte, com o sertão ou o interior da provincia marítima da Bah'a de Todos os Santos, e parte das minas de Goyazes; e a oeste, com a outra parte dessas minas e os desertos e florestas, habitados pelos selvícolas, estendendo-se até ás fronteiras do Paraguay. Da banda de S. Paulo, ha vastas e incultas campinas; dentro della, cordilheiras e morros, soberbos valles e fertes planicies, de aspecto aprazivel; abundantes mattas, e numerosos rios e

ribeirões irrigam a região, facilitando, assim, o trabalho das minas de ouro, de lavagem, nas correntes de agua, a céu descoberto, ou nos filões ou ve'os. A provincia conta comarcas ou districtos, do sul para o norte: S. João d'El-Rei, Villa Rica, Sabará e Serro Frio ou Montanha Fria, conhecida por *Iritauray* na lingua dos aborígenes. Neste ultimo districto se extraem os diamantes. E todo o territorio é riquíssimo em minas de ferro, antimonio, zinco, estanho, prata e ouro.

Os Paulistas, habitantes da antiga capitania de S. Vicente, foram os primeiros a palmilhar e povoar, em grande parte, não só essa provincia, como outras: Mato-Grosso, Cuyabá, Goyazes e Rei Grande de São Pedro. Não fossem elles, quasi todo o interior do Bras'l ainda seria desconhecido, despovoado, e inexploradas ficariam immensas riquezas, e a metropole não colheria, hoje, o fructo de tamanha actividade, dos aventureiros descobrimentos. Sempre aguerridos aos saltos dos selvícolas, através de impetraveis florestas e campos solitarios, sofrendo fome e intempéries durante um periodo de doze annos, nenhum obstaculo os deteve: nada lhes entibou a indomita coragem, e galgaram todas as montanhas, e vadearam todos os rios, e descobriram todas as minas. O Paulista Antonio Soares deu o seu nome a uma dessas montanhas, sendo o primeiro a atingir e visitar o Serro-Frio. Até então só se minerava o ouro, quando os diamantes appareceram, emfim, no Riacho Fundo, e em seguida no Rio do Peixe; grande quant'dade foi achada no opulentissimo rio Jequitinhonha; e, ao findar de 1780 e principio de 1781, uma chusua de contrabandistas, mais de tres mil garimpeiros, encontraram diamantes, e os extrahiram copiosamente, na terra de Santo Antonio, d'onde foram contrangidos a largar ante o Contracto Real que de tudo tomou conta. Confirmou-se, nessa época, a suspeita de que verdadeiras geradoras dos diamantes eram as montanhas; porém o Contracto as abandonou,

por ser o trabalho nos leitos dos riachos e as bordas mais rapido, mais productivo, de maiores resultados — nos pontos accidentados colhiam-se diamantes menos volumosos. Ergueram-se estabelecimentos de vulto no rio de Iucambirnen, que banha os valles da enorme cadeia com perto de 90 leguas de extensão. E das excavações e pesquisas veio o reconhecimento de que toda porção de terra, sob a camada vegetal, continha maior ou menor quantidade de diamantes, dispersos e adherentes a uma ganga mais ou menos ferruginosa e compacta, mas nunca nos veios ou paredes das geodes.

Proibida de começo a exploração, sobrevivendo o contrabando, exportando-se os diamantes, como do Oriente, com o auxilio da frota do Brasil, o governo decidiu estabelecer uma contractação, e o primeiro contractador foi Felisberto Caldeira, Paulista, não podendo, todavia, empregar no serviço mais de seiscentos negros. Burlada a condição do numero de trabalhadores (seis, até oito mil negros foram empregados), o governo portuguez, afim de evitar a fraude e a baixa de preço dos diamantes proporcional á quantidade, posta á venda, tratou de explorar por conta propria, sem muito conseguir quanto ao proposito de reduzir os exploradores. Devido a outras considerações, o serviço acaba de ser contractado com particulares. E' de assignalar que esta crescente actividade no districto dos diamantes, contribuindo embora para a prosperidade do thesouro real, redunda em prejuizo dos moradores da provincia, em vista do repouso desolador a que são condemnados terrenos immensos, ricamente auríferos.

Passemos, agora, a tratar dos diamantes.

Variado é o feitiço delles, no Brasil: Ora octaedros, formados pela união de duas pyramides tetraedras, compoem o *adamans octaedrus turbinatus*, de Vallérius. Os dois ultimos existem, de ordinario, nos leitos dos rios e aterros marginaes.

Tambem se encontram na crosta das montanhas, já o disse; e taes aterros são constituídos por uma camada de cascalho ferruginoso com calhaus rolados, formando um *padding* ou ochraceo, devido á decomposição do esferil e do ferro limoso. As camadas de cascalho denominam-se *taboleiros*. Estes, segundo a sua situação ou natureza, tomam nomes diversos: propriamente *taboleiros*, quando horizontaes e ao nivel do leito do rio; *gofioras*, se empinam em encostas; e se o *padding* contem muito esmeril, a camada é *tabainha-canga*, no dialecto originario, isto é — "pedra negra" ou "pedra ferro".

Nalguns lugares, o cascalho permanece descoberto; noutros, revestido de uma especie de terra vegetal limosa (*humus damascena*, Linn.), ou da gorda areia vermelha, com calhaus rolados ás vezes,

e isto nos braços das montanhas, e á margem das grandes caudae. *Piçarra* é o nome da areia. O banco, camada subjacente ao cascalho, é de shisto algo arenado, ou de mina de ferro limosa empedrada.

Igualemente nos *cascalhos* se depara o ouro em palhetas e pyrites, ao meu parecer provindo, em grande parte, da decomposição das pyrites auríferas, porque o ouro em veio tem outra forma; e a sua ganga é quatrao gordo, de *cós* de grão fino, macio, de anneis micaceos, ou de mina de ferro quartzosa (*tophus ferrens de Linn.*).

Fazem a exploração desviando o curso dos córregos, de modo a poderem lavar o cascalho e escolher o diamante; ou, senão, quebrando, triturando com pesados martellos o cascalho, que lavam nas canoas ou nos cochos. Esta lavagem não é igual á do ouro, requer pouca agua, limpida, e muito pouco cascalho de cada vez. Na lavagem do ouro, o processo é de todo em todo opposto. O serviço está a cargo dos escravos, dos pretos, que trabalham inteiramente nus, apenas de avental, para que não possam esconder os diamantes, mas que, não obstante as excessivas cautelas, da maxima vigilancia dos numerosos inspectores, descobrem meios e artes de os surripiar, barganhando-os depois, a preços infimos, por cachaça e fumo.

Eis tudo quanto vos posso dizer com certeza sobre os diamantes, e só me resta acrescentar que ainda se encontram noutras provincias do Brasil, como em Cuyabá e nas campinas de *Guarapuava*, provincia de S. Paulo, mas não são exploradas.

HISTORIA NATURAL

OBSERVAÇÕES SOBRE O SAPO

A interessante comunicação que se vai ler foi-nos enviada pelo sr. prof. F. RODRIGUES DE MERÉGE, residente em Itararé, sul de S. Paulo. Revela-se ahí um pesquisador animado de verdadeiro espirito scientifico — pesquisador que põe de lado, tanto as tradições da ignorancia como as afirmações vagas dos escriptores, e investiga a verdade como se fosse o primeiro que o faz. Trabalhos assim, desprovidos de rhetorica e de divagações lircas é que são aptos a desenvolver admiravelmente — e com utilidade geral — as qualidades naturaes de muitas intelligencias. Seria excellente coisa que o sr. Merége tivesse grande numero de imitadores.

Os sapos, bem como as cobras, occupam lugar saliente na credencia popular; já pela forma desgraciosa, já pela sua reclusão, pois só á noite costumam sair.

Geralmente são julgados perigosos; creem que as suas mordeduras tem maus efeitos por os dentes não se separarem da região vitimada. Aos que isso dizem, nada mais fácil que examinar a mandíbula dos sapos: são desprovidas de dentes.

Esses órgãos, se os houvesse, lhes seriam inúteis, por se alimentarem quasi que exclusivamente de insectos, tendo para esse fim uma lingua mucilaginoide, disposição muito favoravel á apreensão dos alimentos. Causa de temor, são as duas glândulas dorsaes (parotidas), encarragadas da secreção de um liquido branco-amarelado, que em contacto com o ar se endurece. Diz-se que essa substância é a unica defesa dos sapos, que num dado momento, contraíndo as bolsas, a expelem em jacto a grande distância. Talvez essa propriedade só seja empregada contra os animais inferiores. Frequentemente, irritamos varios sapos antes de tê-los mortos, sem que dessem signal de reacção por êsse meio. Como medida de cautela, nessas operações sempre usámos uma máscara de vidro, protegendo os olhos e grande parte da face. Essa providência faz-se necessaria, no acto da extracção do liquido das glândulas: a principio são por um orificio central nelas existente, para logo depois sob maior pressão, fugir em todas direcções pelos inumeros outros menores orificios que possuem, esparramando-se pelos lados — e ameaçando vitimar os olhos do operador. As experiencias de M. M. Gratiolet, Cloez e Vulpian tem demonstrado que o humor, saindo da região parotidiana dos sapos, é um verdadeiro veneno, quando introduzido nos tecidos. Uma tartaruga da especie "Testuda mauritanica", picada na pata posterior, foi completamente paralisada no fim de alguns dias, e esta paralisia perdurou varios meses. Certos selvagens empregavam, em lugar do curare, na America do Sul, o liquido ácido das glândulas cutaneas dos sapos (Gage). Esta baba e este humor leitoso podem ser um veneno mais ou menos activo, ou um corrosivo mais ou menos forte, segundo a temperatura, a estação, e o alimento dos sapos, a espécie animal sobre a qual elle actúa e a natureza da parte que elle ataca (Cuvier e Lacepède). Formara, G. Calmels, Phisalix e Bertrand, Schulz, Prosché e S. Faust, tem já estudado a sua acção fisiológica e a sua constituição (Calmette). Após tão grande numero de observadores haverem cuidado deste assunto, elle é ainda fertil em novidades; mesmo que não fosse, o seu estudo, só na confirmação do que já se conhece, constitue fonte de pacientes meditações. Nós, por enquanto, só conhecemos essa substancia sob o ponto de vista fisiológico. Era nossa intenção isolar os dois principios activos descobertos por Phisalix e Bertrand: a *bufotalina* e a *bufotenina*, mas a dificuldade de se obter o veneno e a imprevidencia de um bedel,

trastornaram o nosso plano. Das setenta e sete especies de sapos existentes sobre o globo (Boulanger), temos somente cuidado do "Bufo marinus", que é o sapo vulgar ou comum ás nossas terras.

Começarei por expor as minhas operações, tais como eu as fiz, deixando por ultimo os comentários e as conclusões, neste caso indispensaveis.

SAPO n.º 1 — Peso: 125 gramos. Comprimento: 12 centímetros. C. das glândulas: 2c., 25. L. das glândulas: 1c., 5. Cór: verde escuro. Veneno extraído das glandulas em solução glicerimada: 6 centímetros cúbicos.

SAPO n.º 2 — Peso: 133 gramos. Comprimento: 12 centímetros e meio. C. das glândulas: 2c., 5. Largura: 1c., 5. Cór: verde garrafa puxando para o amarelado. Veneno extraído em solução glicerimada: 3 centímetros cúbicos.

Uma aranha, em contacto com o veneno em natureza, pereceu em 24 horas completas, observando-se ahi a sua acção cáustica. Esta acção, tão temida pelo povo, não é muito energica, sendo incapaz de sózinha ocasionar a perfuração do olho, como se creê gencialmente. Instilando varias gotas do veneno, em solução concentrada, nos olhos de uma cobaia, nada se observou de anormal, se não sensibilidade dolorosa. O veneno do sapo n.º 1, na quantidade de 1cc. 5, introduzido pela via gastro-intestinal de uma cobaia, em jejum, ocasionou-lhe os seguintes accidentes:

Esteve num periodo de calma, durante certo tempo, tendo após repetidas convulsões, e consequente agitação, que permaneceu quasi até o momento da agonia. Bem antes de morrer, os membros posteriores se immobilizaram, isto é, se des-governaram. Continuou a agitação. Os membros anteriores recaíram no mesmo estado dos seus antagonistas. Respiração forçada. Pouco asmático. Dispnéa.

Continuação das conclusões em menor gráo. Abatimento geral. Deo-se então cloral em solução nagua por via gastro-intestinal, e no álcool em injeção hipodérmica. Fricções externas de álcool. Ligeiro reerguimento. Abatimento geral. Morte. Relaxamento anal. Espumas na laringe. Estomago com indicio de perfuração, mucosa esfacelada; manchas negras. Não houve vômito. A morte deu-se em 8 horas.

O veneno do sapo n.º 2, em injeção hipodérmica, na quantidade de 1 centímetro cúbico e 3 décimos da seringa Luer, numa cobaia de 440 gramos, deu lugar aos seguintes resultados:

Suportou bem a injeção, caíndo após em estado de abatimento. Ligeiras convulsões, caracteristicas no retraimento do corpo para traz e repetidamente. Durante a noite soltou gritos agudos — manifestação de dor e de mal estar. Pela manhã do dia seguinte, houve manifestação de convulsões violentas inter-

valadas de 10 em 10 segundos. A pata anterior e direita, que após a injeção se conservara imóvel, continuou no mesmo estado. Ao meio dia — continuação dos mesmos sintomas. A' uma hora e meia, quando voltei de um passeio, encontrei-a morta e já fria. Com fezes na porta anal e com substâncias em via de digestão na boca (vômito talvez). Creio que ela haja morrido em 24 horas justas. Pelo resultado obtido nestas experiências pode-se avaliar o grau de toxicidade do veneno de sapo: é mínimo em relação ao das serpentes, dos escorpões e das salamandras. Pela sua acção semelhante á do curare, foi confundido com essa substância por observadores pouco escrupulosos, crentes mesmo no uso d'êl, para fins bélicos, na flexa dos nossos selvagens.

Essa dúvida pa'rou muito tempo sôbre o espirito dos homens de sciência, indifferentes á observação cuidadosa dos factos, até que Jaubert mostrou ter o curare uma substância complexa, em cuja composição preponderam alcalóides diversos de certas plantas da familia das "Striquineas" e das "Piperaceas". Claude Bernard, o grande mestre, trouxe por sua vez a identificação do veneno do sapo, como sendo um pseudo-curare. Vulpian (*Comptes rendus par la Société de Biologie*, 1854), experimentou-o nos cães e tambem nas cobaias, obtendo efeitos que não aquêles por nós observados. Com um cortejo sintomático geralmente constante — convulsões e vômitos, — dava-se a morte uma hora depois da introdução do tóxico. Esse mesmo experimentador reduzia a quatro períodos a marcha do envenenamento por essa substância nos cães e nas cobaias: 1.º — Período de excitação. 2.º — Período de enfraquecimento. 3.º — Manifestações de vômitos ou ameaça de vômitos. 4.º — Nas cobaias, um período bastante longo, caracterizado pelas convulsões, e terminando pela morte. Nos cães não ha convulsões, e por consequência falta esse período, mas a morte é precedida de uma espécie de embriaguez que dura perto de dois minutos.

A acção é sensivelmente idéntica nas aves (Saurage). Latoste, fazendo morrer uma só vez a parótida de um sapo por um lagarto, este, no 7.º minuto estava epiléptico, e no 9.º havia morrido. Extranhos podem parecer êstes resultados contraditórios com os que obtivemos igualmente; mas não ha razão para tal: basta lembrar-mo-nos das palavras de Cuvier onde se vê explanada a possibilidade fundamentada dessas variações, sob a influencia de diversos factores: natureza da espécie e condições mesológicas diversas, de carácter mais secundário, ou menos importante. Claro é, pois, que, se eu usei o veneno do "Bufo maçoisa" não teria acontecido com outros observadores: daí se origina a discordância dos resultados. O papel dessa substância nos sapos deve ser quasi que exclusivamente de defesa. Como arma offensiva é destituida de qualquer valor; agindo mais energicamente sobre a superficie interna do organismo, e não possuindo os sapos órgão veiculador, como as serpentes, a acção dessa substância, sob esse ponto de vista, é nulla. Sôbre a epiderme, já o sabemos, quando muito occasiona leve prurido; applicada aos olhos, á turbação da vista associa-se a intensidade, ás vezes exagerada, da dor.

Na defesa própria, o contrário se tem notado. E' corrique'ro, entre os cães que mordem um sapo: fatalmente é roubado pela asfixia, devido á formação de espuma grumosa e espessa, na via aéreo-brônquica, interceptando por essa razão a livre entrada do precioso gaz.

Como aos cães, acontece a todos os animais capazes de atacar os sapos. O povo atrabue-lhes venenosidade ou toxicidade, — uns na urina, outros na bava, e outros, enfim, mais verídicos, no humor secretado pelas glândulas dorsais.

Da resistência dos sapos, isto é, da sua durabilidade nada sabemos: um naturalista francês teve um d'êles fechado durante cinco anos, sem alimentação alguma, e após êsse longo tempo surpreendeu-se de vê-lo com forças suficientes para dar alguns pulos. Se se pode ou não crêr, nada respondemos.

De resistência, só temos noticia com relação a uma cobra coral, que, encerrada em um frasco, privada de alimentos, durou 13 dias completos. Após haver excretado, ingeriu as suas próprias fezes, o que se conheceu pela autopsia: nada se observou no tubo intestinal, como nos asseverou o Dr. Amancio de Carvalho.

Quanto ao que se diz da artação da cobra sobre o sapo, não acreditamos: parece-nos mais razoável que o sapo procure a cobra para atacá-la engolindo-a, nos momentos críticos de defesa propria. Eis um facto observado por uma lavadeira:

Depois de haver torcido uma meia listrada, colocou-a sôbre uma tucceira de capim; mas eis que um sapo grandalhão se avizinha da meia, engolindo-a aos poucos, sendo baldados todos os esforços para evitar o prejuizo. Ajuizou a lavadeira que talvez o batrágudo houvesse tomado a meia por uma cobra. Que os sapos se atracam com as cobras pouco amigavelmente, nos autorisa Cuvier a affirmá-lo, se bem que a autoridade do grande naturalista neste assunto valha ás vezes menos que a mais humilde do mais humilde estudante de Historia Natural, pelo empirismo de que não raro, é saturada: Os sapos são inimigos mortaes das serpentes. Bossman tem observado o combate que se dá entre êsses dois animais. Deve ser curioso vêr o contraste da pesada massa do sapo que se incha e se agita pesadamente, com os movimentos prestes e rápidos da serpente, quando, irritados os dois e com os olhos em fogo, um resiste pela sua

força e pela sua inercia aos esforços que o inimigo faz para enlaçá-lo entre as dobras do seu corpo tortuoso, — ambos procurando vencer, um pelas suas mordeduras, o outro pelo seu veneno fétido ou líquido corrosivo.

Muitos creem que o sapo também atrai insectos com os olhos, como as cobras aos pássaros. Isso não é verdade. Como o seu órgão precensível é a língua, para tal conformada, pela estrutura e pelo comprimento, e também pela disposição sobre a linha mediana, no bordo superior e em parte da face interna do maxilar inferior, e como para apoderar-se da presa é-lhe necessário uma certa distancia, para isso a encara muito tempo, e em seguida lhe dá o bote.

O que se diz de os sapos comerem fogo, isso é verdade. Basta, para verificá-lo, atirar-se-lhes uma brasa — que é imediatamente engulida. Mas, na cavidade bucal, em contacto com a mucosa húmida e fria, ela se apaga. Alimentando-se exclusivamente de vermes, insectos e mesmo pequenos vertebrados, os sapos nos prestam grande auxilio. Em todas as disseccções que temos feito, sempre encontramos residuos deste animalzinho no tubo intestinal. D'entre êles faz-se notar a grande proporção de coleopteros ahi encontrados.

LITERATURA E FOLK-LORE

MAIO, MARIA

Porque estamos em meado de Maio, achamos estas linhas vindas a propósito.

Nenhum mez do anno é tão *poetico, formoso, santo e evocativo* como o de Maio — proclamam, a uma voce, os *novos*, os principiantes na literatura.

Não ha mesmo entre os plumitivos nas letras, entre os poetas e prosadores novos, quem deixe de entoar lóas, de erguer canticos e hymnos, e de escrever phantasias referentes a Maio e referentes á mãe de Jesus.

Quem, com olhos investigadores e curiosos, percorrer os pequenos semanarios, os minusculos órgãos da imprensa do interior, encontrará infallivelmente, ao iniciar-se o mez de Maio, artigos, escriptos e versos sobre a Rainha do céu e sobre os trinta e um dias que lhe são consagrados.

Maria... Maio... eis os temas predilectos, eis os assumptos favoritos, eis os titulos preferidos para divagações innumeradas, para devaneios repassados de ternura e de fé, impregnados de ardor, de unção e de poesia...

Infelizmente, quasi todos os trabalhos ditteratos sobre esses velhissimos temas, são, pelos logares communs, pelas phrases feitas, pela applicação constante

de sovasdas palavras e identicos vocabulos, parecidissimos, fazendo crer sah das de uma só penna, brotados de uma só inspiração dictados por uma só intelligencia.

Eis aqui o exemplo da "chapa-commum":

"Estamos em Maio... E' o mez de Maria... E' o mez das flores e dos perfumes e é também o mez mais doce e santificado do anno!

Pelo espaço infindo, o sol vae douorando o verde das campinas, o topo azulineo dos montes, e as quebradas esmeraldinas das collinas...

Pelos prados amenos, aromatizados e verdejantes, adejam borboletas multicores, pipilam, irrequietas, as avesitas gentis...

Toda a passarada garrúla, num côro harmonioso e lindo, mostra-se alegre, e, á beira do caminho, ao pôr do sol, a jurity saudosa soluça um queixume dorido ao companheiro ausente...

Maio... mez de alegria e de encantos, de venturas e de sonhos, de orações e de fé, mez formoso de Maria... A' tarde, quando o sol, em agonia rubra, debate-se no leito do occaso, á hora nostalgica de "Angelus" — hora sagrada de doçura e de amor — dos pequeninos templos das povoações silenciosas saem cantos fervorosos dirigidos á Virgem Santissima... E por toda a parte ouve-se um murmúrio de vozes que diz Ave... Maria..."

Mas, não é sómente entre aquelles que ensaiam os primeiros vãos no mundo das letras que Maio e Maria merecem glorificação immensa, exaltação profunda. E' igualmente interessante vêr-se, constatar-se, como a "sacra Madona" e o seu mez andam na bocca dos poetas anonymos, dos trovadores sertanejos e emfim na alma bóa, piedosa e simples do nosso povo.

Estas quadras, ouvidas e apanhadas no seio da nossa gente e em determinadas regiões do nosso Estado, bem patenteiam e provam o que vimos de afirmar:

Maio é mez de ternura,
Mez de tanta alegria:
Ha no céu e ha na terra
Louvores á Virgem-Maria...

Maria que estaes no céu,
Com seu f'lhinho Jesus,
Em Maio desce na terra,
Com uma corôa de luz!...

Salve Maio formoso,
Salve Maria Santissima
Salve o seu filho Jesus,
Minha mãe piedosissima!

Maria, senhora nossa,
Nossa guia, nossa esperança:
Quem em vós se confiar
No céu vai, o céu alcança...

O' Santa Virgem-Maria,
Meu esteio, minha luz,
Vós foste que me chamastes
Aos pés da Santa Cruz!

Vós fostes que me chamaste
Com tão grande piedade;
Valei-nos Nossa - Senhora,
Na nossa necessidade!

Maria cheia de graça,
Cheia de santo amor:
Valei-me nas minhas penas
Valei-me na minha dôr!...

Agora alguns versos colhidos, em diversas rezas e festas roceiras, entoadas em honra á Maria:

Muito lindo é o céu,
Onde está a Virgem-pura,
Sem a sua adoração
Não temos formosura...

Os anjos que estão no céu,
Cada quá com sua luz,
Lumia Nossa Senhora,
Lá nos pés da Santa Cruz!

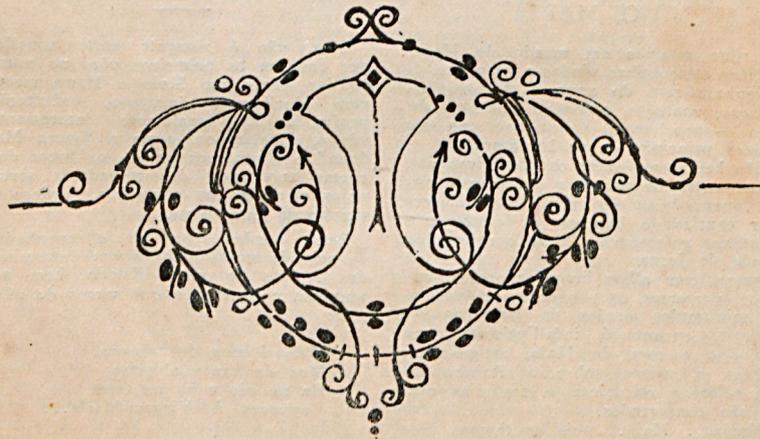
— Que santo é aquelle,
Que vem com manto?
— E' a Nossa Senhora
Com seu vestido branco!

São Gonçalo sabendo
Que hoje era o seu dia,
Desceu do céu á terra,
Junto c'oa Virgem Maria...

Como vemos, é bem significativa, eloquente, grandiosa e espontanea a veneração que Maio e Maria, mas sobretudo esta, alcançam por sobre a nossa terra, á sombra do nosso céu e no amoroso anseio dos ingenuos sentimentos que dominam o espirito religioso da nossa Raça...

15 Maio—921.

FRANCISCO DAMANTE





AMADEU AMARAL

E' com pesar que a "Revista do Brasil" anuncia aos seus leitores a retirada de Amadeu Amaral da sua direcção. Excesso de affazeres impedem-no de continuar a emprestar-lhe o concurso precioso da sua intelligencia feita de harmonia e equilibrio. E aqui aproveitamos o ensejo para agradecer ao eminente poeta e jornalista o muito que fez pela revista no decurso deste semestre. Foi pequeno o periodo da sua direcção, mas, confessemol-o, o mais brilhante possivel.

* * *

ARTHUR MOTTA

Como vão sahir em volume os excellentes estudos bio-bibliographicos do nosso illustre collaborador Arthur Motta, a "Revista do Brasil" cessa de publical-os c'ora avante. Essa obra que constará de cinco volumes das dimensões do já publicado sob o titulo — *Vultos e Livros* — constituirá um verdadeiro dicionario bio-bibliographico e critico de alto valor para os estudiosos da nossa cultura, equivalendo a um Innocencio restricto á literatura nacional.

* * *

A SCENA DO THEODOLITO

Apresento-lhes o Felicissimo, personagem notavel que o sr. Graça Aranha, em traços vigorosos, pintou no seu livro *Chanaan*. Felicissimo é agrimensor e anda em cavações pelo sul do paiz. E' um emigrado do Ceará, em busca de uma fortuna sonhada. O moço nortista ou emigra ou perde a tradicional aspiração de promettidas felicidades que o destino lhe fez antever, a Mosca Azul de Machado de Assis a cantarolar-lhe aos ouvidos: — "Não serás propheta aqui. Vae-te embora. O destino te espera adiante." E um bello dia, com a mala atufada de esperanças, o moço das terras do sol e das sêcas faz-se de velas para o El-Dourado do Sul, onde tudo é grande e deslumbrante.

A alma visionaria de Orellana revive na alma ingenua do novo sonhador. Para uns a felicidade abre os braços de seda e é voluptuosamente prodiga em caricias; para outros o destino reserva a triilha amarga das decepções, até o dia em que regressam vencidos, aniquilados e submissos á sorte.

Felicissimo emigrou. Não seria elle o primeiro. Ademais era agrimensor e sabia andar com as coisas de sua profissão. Tinha uma feitura humana plasmada na organização forte de sertanejo civilizado, amoroso da terra e dos bezerros de oiro... Felicissimo era feio, horrivelmente feio, si é que o sr. Graça Aranha não o retratou mal, por despeito. Era "magro, baixo e moreno, com o rosto talhado em triangulo, cheio de marcas de bexigas, uma chata cabeça de bacurau, em que os olhos negros scintilavam vivos e secos". Pois assim mesmo, tendo apenas de mais suave na compleição os olhos de nankin, Felicissimo é um symbolo admiravel, um grande symbolo nacional.

Vejamol-o no campo de acção, em Rio Doce, a serviço dos novos colonos teutos. E' manhã. A terra parece haver despertado com um sorriso nas pupilas verdes, sem sentir a brutalidade do homem que lhe fere perpetuamente, de riço, o sagrado e turgido selo, para nelle encontrar a fonte de sua vida. Felicissimo está triste. A sua jovialidade de sempre não prestigia o encanto primaveril do dia. Uma nuvem tolda o sol ridentissimo de sua alma illustre.

Os trabalhadores, que de velho conhecem este seu estado de alma, vão silenciosos pela mataria dentro, tambem tristes e preocupados. E a occasião de separar os lotes de terra dos recém-vindos áquellas paragens uberrimas, por onde corre preguiçosamente, numa sensualidade de felino, o rio Cachoeiro.

Pelo caminho, debalde alguém busca afastar o agrimensor da soturnidade monotona. Felicissimo está alheio a tudo, á natureza, á harmonia das paisagens esplendidas e ao céu escandecente de verão. Felicissimo que sempre acariciava os troncos das arvores com uma beatitude de veda, agora não os vê, encegueitado

pela profunda contemplação interior. Deve ser mesmo dolorosa a sua scisma; dolorosa e turva, como o seu destino. Ha no seu rosto a amargura daquelles retirantes dos sertões de sua terra, quando o flagello da estiagem mata a ultima rês.

Mas chegado ao lugar de abrir o rumo, os trabalhadores descarregam os instrumentos e o cearense, a um lado, espera o instante de abrir a caixa do theodolito. E' o início da scena. Felicissimo colloca o aparelho sobre a tripeça e toma posição. Toca a aprumal-o, graduar impaciente as lentes, torcel-as e mirar de longe. Nada. Ha um silencio de carcere. Felicissimo está na hora solemne. Súa, gesticula enigmaticamente e emfim, explode: — "Elle tem hoje o diabo no corpo: não consigo ver nada. Com certeza foi quebrado por alguns desses miseraveis". E impreca, vocifera e ameaça aggreir os trabalhadores já acostumados á scena fatal. Mas passa o momento critico em que a capacidade profissional do agrimensor esteve em jogo e elle exclama depois, num suspiro de quasi tardia consolação: — "Vamos á fita!"

Volta a serenidade de semi-deus ao semblante do geometra. A nuvem desappareceu e a alegria do seu sol surge mais intensa e jovial. Felicissimo exulta. Si o pobre homem só sabe medir com a fita e o theodolito é um intruso que nunca lhe soube comprehender a meiga alma cearense!

Como vêm, Felicissimo é um symbolo. Lembra esses principios de governo, com as suas organizações de ministerios apparatus, as entrevistas dos jornaes, obrigalas a *clichés*, as plataformas politicas, as promessas de fazer tudo que não será feito, as bellas juras em falso, o ruido do cabotínismo cortesão e mais uma infiridade de cousas boas e irrealzaveis. A scena do theodolito é sempre a mesma, porque tanto o Felicissimo da *Chanaan* como os Felicissimos da politica nacional, só sabem medir com a fita...

JAYME D'ALTAVILLA

RABISCOS CAMONIANOS

Com este titulo publiquei algumas observações em o n.º passado da *Revista*.

Havia eu preparado um *tiro* contra a interpretação dada pelo doutissimo Dr. José Maria Rodrigues ao passo camoniano

"... Alanquer, por onde soa
O tom das frescas aguas entre as pedras,
Que murmurando lava e Torres Vedras.
III — 61.

Vindicando a interpretação de Epiphânio, que faz *tom* sujeito de *lava*, apontei a espingarda — que era uma estancia de Quevedo; mas na hora dramatica do tiro

a espingarda *lenhou*, como diz o nosso Jeca.

A culpa não foi minha nem da espingarda: foi dos typographos e revisores que me deitaram agua na escorva.

A estancia esmagadora que a *Revista* publicou é assim:

"E posto sobre a ripa allí pendente,
Correr tão carregada e tristemente
Que outra coisa e não agua parecia:
Que a profundez grande da corrente
O murmurar de modo confundia
Que claramente não se divisava
De que era aquelle tom que allí soava."

Como se vê, a estancia, de oito versos ficou reduzida a sete, com aquelle infinito *correr* no segundo verso, indicando, pela falta de sentido, a suppressão de um verso, justamente o verso que trazia o perdigoto certo!

O que escreveu Quevedo e o que os leitores vão ler se os nossos typographos e a revisão me permittirem sair sem erro, foi isto:

"E posto sobre a ripa allí pendente,
Os OLHOS N'AGUA, CUJO TOM SE OUVIA
Correr tão carregada, e tristemente,
Que outra cousa, e não agua parecia:
Que a profundez grande da corrente
O murmurar de modo confundia,
Que claramente não se divisava,
De que era aquelle tom, que allí soava."

O que me valeu foi que ainda me ficou esta oportunidade de desfechar o cano esquerdo...

OTHONIEL MOTTA.

A LITERATURA BRASILEIRA NA ARGENTINA

O "Urupés", de Monteiro Lobato

Os autores brasileiros estão em voga na Republica Argentina: frequentemente encontramos nos mais importantes diários e revistas daquella nação traducções — e boas traducções — de poesias, novellas e romances de nossos principaes poetas e escriptores. Ainda agora chega-nos ás mãos um exemplar de "Urupés", o notavel livro de contos do sr. Monteiro Lobato, traduzido para o hespanhol pelo illustre poeta argentino sr. Benjamim Garay, ora no Rio, occupado em verter para a sua lingua os "Sertões", de Euclides da Cunha.

Parecia-nos difficilissima, senão impossivel, uma traducção fiel do bello livro do consagrado escriptor paulista, todo elle repleto de brasileirismo e expressões que, por serem absolutamente nossas, só nós as comprehendemos e sabemos apreciar a sua acre e estonteante belleza. Pois o sr. Benjamin Garay praticou essa proeza,



conseguindo traduzir "Urupés" com absoluta fidelidade, sem lhe alterar o seu bello aspecto regional.

Lançado assim no mundo intellectual buenairense, o livro do sr. Monteiro Lobato alcançou logo um immenso successo, tendo o nome do brilhante escriptor patricio conquistado uma grande popularidade na capital portenha. Tanto assim que "La Nacion" lhe dedicou uma pagina inteira e outras publicações como o "Plus Ultra", "Caras y Caretas", "Nueva Era" e outras estamparam, acompanhado de grandes elogios, o retrato do escriptor paulista. Dessa popularidade é um symptoma eloquente a seguinte carta que Horacio Quiroga, popular escriptor argentino, e autor de um livro celebre em toda a America Hespanhola — "Cuentos de Amor y Muerte" — enviou ao autor de "Urupés":

"Señor Monteiro Lobato: muy estimado compañero.

He leído dias atrás su "Urupés" con vivissimo placer, en la edicion española que dirige nuestro comun amigo Manuel Galvez. Como esta tonerá pan-americana de descoñocermos es especialmente tan viva entre Brasil y Argentina, recién ahora nos es dado apreciar a un cuentista de la talla de ud. Aunque entiendo y aun podría hablar el portugues, lo leo con dificultad, ya que no es cosa de andar perdiendo el sabor de las cosas por la ignorancia de un solo adjetivo. Me atengo pues á la traduccion para leerlo. Comprende vd. el español? Si es asi, tendre gran placer de enviarle algo mio. No es comun en estos paises tropezar con personas a quienes felicitar de todo corazon, como es caso con vd. Muy contento, pues, de poder hacerlo, lo saluda

con honda estimacion su compañero

Horacio Quiroga".

A traducção feita pelo sr. Garay do livro do nosso compatriota foi editado pela "Casa Patria", que lhe deu uma feição bastante attrahente e elegante.

Da "Folha da Noite" — S. Paulo.

* * *

Ainda a proposito deste livro que vae aparecer nos Estados Unidos traduzido por Isaac Goldberg e em Espanha editado por Calleja, escreve Martin Saavedra no *El Telegrapho*, de Montevideu:

Es el caso de un hombre joven que de buenas a primeras, resulta gran escriptor. De "fazendeiro" passa a ser el primer cuentista del Brasil contemporaneo. "Urupés" es un libro admirable, que prueba la poca eficacia de las preceptivas literarias y las academias. Y es que, cuando se tiene mucho talento, no hacen falta ni la sintaxis ni la técnicas.

Monteiro Lobato — bueno será que lo dejemos sentado — tiene sin embargo una cultura amplia, cosa que prueba bien las certeras alusiones que hay en sus cuentos. A veces es trágico como cuando remeda a Maupassant otras de una ironia diabólica, como en "El comprador de fazendas".

Entodo el libro — este magnífico libro, lleno de atisbos geniales, que acaba de publicar la "Bibliotheca de Novelistas Américanos" — se revela un psicólogo de intenso vigor. Los giros de su prosa, por lo inusitados, hay ocasiones en que deslumbran, semejantes a pirotécnicas.

Hemos oído decir que, en su idioma original, "Urupés". lleva ya nueve o diez ediciones. Ruy Barbosa, el político sabio, citó este libro en una reunión publica, concitando el interés de sus conaciones sobre la obra.

Inmejorable género de reclamo para la producción nacional, que ofrecemos a los que nos gobiernan. Cómo no se vendería la "Crónica de Muñiz" si la tacara don Carlos Berro en el Concejo, o nuestra última novela, defendida por Batlle.

Pero no, los hombres públicos de esta tierra no son afectos a las disonancias. Y fuera disonancia aliarse, o trenzarse con un pobre escriptor nacional.

Concluiremos estos renglones atrabarios insistiendo respecto a que "Urupés" es un gran libro y Monteiro Lobato un admirable escriptor.

* * *

SENHORA DE ENGENHO

A proposito deste excellento romance de Mario Sette escreve Tristão de Atahyde na secção bibliographica do "O Jornal":

O livro é vivo e guarda, dessa circumstancia, uma admiravel frescura. É um romance de vida farta, de sentimentos puros, de doces sacrificios, de dôres passageiras, com esse encanto suave de terra natal e esse perfume bom a mel, que em todos os pernambucanos parece proteger, por toda a vida, com dobrada vigilância, a saudade do berço. Moços e velhos, nenhum escapa a essa impressão profunda, que os acompanha no correr da existencia.

Nem os cafezaes paulistas, nem as sagradas montanhas de Minas, nem as ondulações do extremo sul, nem os cacáoeros ribeirinhos da Bahia, nada parece gravar na saudade dos seus filhos uma emoção tão aguda e indelevel como os engenhos de Pernambuco. E é Nabuco, que depois de viver uma das grandes vidas de nossa historia, vem escrever a mais sentida pagina de sua obra sobre Massangana. E é Souza Bandeira, que exaustido de viver, vem refugiar-se nas "Evoca-

ções" dos cannaviaes da adolescência. E é um moço, como o sr. Plínio Cavalcanti, cuja obra de estrêa vem repassada desse mesmo amor. E são todos que estão na nossa memória, e em nossas relações, e que nunca deixam de referir-se, com humida ternura, aos "engenhos" de sua infância. E', enfim, um escriptor joven, como deve ser o sr. Mario Sette, em cujo primeiro romance não poude deixar de vasar todo o carinho, que pelo torrão natal, inunda o peito dos seus conterraneos. E assim se exprime o coração do autor: — "A patria é a mesma, sim, mas a "terra" é ainda mais um pouco do que a patria. A'quella amamos, a esta queremos bem. Querer bem é uma fôrma enterrecida de affecto, muito brasileira. Por exemplo: o amor que eu tenho pela Guanabara, com os seus occasos soberbos, os reflexos das suas aguas verdes, o serrihado das suas montanhas majestosas, nunca egualará o bem querer ao curso ingenuo do Tatinassu', riacho que flue através o meu engenho, onde, criança, me banhava ou punha barcos de papel a vogarem na corrente". Que doçura! Que verdade de sentimento! Nós outros, filhos das grandes cidades, sentindo sem poder sentir, esse amor carinhoso e puro pelo berço humilde dos campos ou dos povoados, temos no coração qualquer coisa de mutilado!

Punge-nos uma saudade impossivel e talvez por isso mais dolorosa, já que lhe falta o proprio objecto, e havemos de calal-a, por absurda e romantica. E tudo por comprehender-mos. — "não ser o Brasil sómente renques de palacios altos, grammados á beira-mar, mas tambem e sobretudo, o emmaranhado das mattas virgens, os campanarios brancos dos povoados serranos, as manchas esmeraldinas dos campos, as fitas brancas das estradas".

Pois é essa frescura dos campos, essa pura seducção da terra natal, esse "perfume de mel", que mana de certas paginas virg'ianas e em geral de todo o livro do sr. Mario Sette. E' a historia singela de um filho prodigo. Estuda o nosso grande problema affectivo e social, da opposição entre o littoral e o sertão, resolvendo-o pela permeabilidade, pela adaptação de um ao outro. Não fôra possivel a permanência de Nestor em Tracunhaem, sem passar pela crise necessaria de cosmopolitismo, como é triste mas necessario o sacrificio de Maria da Bethania, mais uma flôr de sombra". A harmonia dos nossos dois extremos não se fará impunemente, mas se fará, é a lição desse livro de literatura sadia, um pouco frouxo de acção e superficial de typos, mas respirando uma grande emoção sincera, escripto em geral numa linguagem de verdadeira naturalidade e frescura, sem rhetorica ou affectação, e promettendo no sr. Mario Sette um bom romancista.

* * *

MOVIMENTO EDITORIAL

A casa editora Monteiro Lobato & C.^a lançou durante o primeiro semestre deste anno as seguintes obras:

Os Caboclos — contos, Valdomiro Silveira.

Onda Verde — collectanea, Monteiro Lobato.

Brasil com S ou Z — philologia, Assis Cintra.

Narizinho Arrebitado — leitura infantil, Monteiro Lobato.

Paiz de Ouro e Esmeralda — romance, J. A. Nogueira.

Scenas e Paizagens — versos, Cornelio Pires.

Vultos e livros — bio-bibliographia, Arthur Motta.

Sapezaes e T'gueras — contos, Armando Cauby.

Figurões vistos por dentro — satyra Simão de Mantua.

Allemanha Saqueada — politica europea, Mario Pinto Serva.

A lei do Sello — commentario expositivo, J. do Amaral Gurgel.

A Lingua Nacional — notas philosophicas, João Ribeiro.

Casa de Maribondo — contos, Gustavo Barroso.

Esphinges — Versos, Francisca Julia. Estas edições sommam um total de 88.000 volumes.

Em composição já ou a espera da sua vez tem a empreza em vias de publicidade ma's as seguintes obras:

Jardim das Confidencias — versos, Ribeiro Couto.

Contribuindo — critica historica, Martin Francisco.

Tradições e Reminiscencias paulistana — Affonso de Freitas.

Contos Atrozes — Gabriel Marques.

Casa do Pavor — contos, Moacyr Deabreu.

O Sacy — phantasia infantil, Monteiro Lobato.

Fabulas em prosa — Monteiro Lobato.

A arte de Amar — versos, J. Cesar da Silva.

Contos — Godofredo Rangel.

No anno primeiro da era nova — Affonso Lopes de Almeida.

Quem vê caras — Mario Leite.

Physionomias de novos — J. Pinto da Silva.

Aventuras do Biruta — livro infantil.

A Veranista — Abel Juruá.

Novas questões de portuguez — Assis Cintra.

Meus odios e meus affectos — Almachio Diniz.

Reedições

Está a sahir a quarta edição do *Professor Jeremias*, romance de Leo Vaz que alcança assim o seu oitavo milheiro em anno e meio de existencia, o que demons-



tra o gosto do nosso publico pelas obras de real valor.

Tambem está no prelo, para uma segunda edição, a *Mme Pommery*, de Hilario Tacito, ha muito exgottada.

* * *

DEU O "PIRÚ"... SIM SINHO

Como sabem todos, o *bicho* é a praga genuinamente brasileira.

E' uma instituição nacional para gloria do Barão Drumond e proveito do Paschoal que, como muitos outros paschoaes, delle auferem pingues proveitos.

O *bicho* é mesmo mais generalisado e radicado do que o *mata bicho*.

Tudo joga. E' a creada, é a costureirinha, é o amanuense de secretaria, é o deputado, o jornalista, a preta dos pasteis, o homem do amendoim torrado, esse comprido e louro *philosopho* que perambula pelo triangulo dentro de um kilometrico frack talhado nos bons tempos em que Adão era cadête, o homem do açougue e até (quem diria!) o pacato e conservador taverneiro alli da esquina cuja ogerisa á Republica é causada pela impossibilidade de vir a ser commendador da Falpérra.

Tudo joga!

Um dia na cidade de*** procedeu-se á solemne installação do Tribunal do Jury. O pessoal, enfiado nas roupas de ir a missa, accorreu em massa para assistir ao acto.

A horas tantas o Juiz que presidia á sessão, chama pelo official de justiça e por mais que o chamasse, não era atendido. Procurou-se em vão, encontrá-lo. Passado alguns minutos entra na sala o official de justiça com uma cara de quarta-feira de cinza. O juiz, alli mesmo, desanda-lhe tremendo "sermão de missa cantada", fazendo vêr ao relapso funcionario que não lhe era permittido ausentar-se durante os trabalhos.

— Mas "seu" Doutor, o sr. me desculpe; eu fui lá em baixo só p'ra ver que *bicho* deu.

Neste ponto o tom da descomponenda subiu duas oitavas na escala:

— E por cima da sua falta, pretendendo justificá-la, ainda se confessa, neste recinto, contraventor da lei?

Está suspenso das suas funções! Mas... já que voce foi lá, me diga: — Que *bicho* deu?

— Deu o "Pirú". Pirú com 579 sim *sinhô*.

— Meu senhores! — exclama o juiz — está suspensa a sessão por meia hora para descanso dos senhores jurados!

E correu empalmar os *cobres* sem atender aos pedidos dos jurados e do proprio réu que exultava de contente, pois naquelle dia, o tribunal em pezo tinha jogado no "Pirú".

E. C. Neves.

* * *

SANGUE TROPICAL

A' hora humida em que no ceu todo entulhado de penumbras confusas, — algumas ainda prisioneiras nos tentaculos da treva agonizante, outras salpicadas dos borões sanguineos da madrugada invasora, a estrella d'alva no declinio de toda a sua gloria astral, exauria-se em filigranas de luz etherea e suavissima, em casa do José Vaqueiro, o samba electrivava ainda a cablocada de doze leguas em raio.

Festejava-se com desusada pompa o casamento da Mocinha, — a morena mais geitosa da redondeza, com Pedro Antonio, — um caboclo onça no derrubada de um visgueiro, no sacudir da tarrafa, ou no levantar de um veado, sa-gonho que elle fose.

Sentados no mais decente banco da salinha desnuda e sem ladrilho, á luz fumarenta das lamparinas de folha, lá estavam os noivos com modos apu-cados, sem se falarem quasi, mirando-se de esgelha, — ella com os seus olhitos negros e sorprendidos, elle com os seus grandes olhos aparvalhados e tranquillos.

Os convidados, porém, sob a influencia do ponche emprestavam aos esponsaes a solemnidade excentrica e ruidosa das barbaras festaças dos antigos tabajares.

O zabumba não cessava de canhoneiar os ares com os seus rumores surdos e enervantes, acompanhando a viola que sibilava hysterica em notas agudissimas a musica matuta.

Ao som dô côro monotono, rhythimico, entoado por vinte boccas delirantes com toda a força de vinte pulmões nordestinos:

Meu barco é veleiro
nas ondas do *má*...

um hercules, ofegante e suarento destacava-se da fleira circular e vinha para o meio da roda dar umbigadas nas damas, com saracoteios demoniacos, batendo palmas e sapateando o solo num frenesi de vertigens.

Veza por outra, o dono da casa, todo baboso de prazer e de orgulho, — camisa de algodão, muito alva, por fóra das calças de mescla, pegando da botija de cachaça e enchendo os copos, punhase a obsequiar os convidados, muito terno, com ares de creança grande:

Seu Chico, um golisinho, mulato! *Seu João*, mo'he a guela, creatura... *Sinhá Emilia*, por causa do frio, minha *nega*...

E assim percorria toda a roda sem receber recusas que ofenderiam o seu amor proprio e entravariam o brilho da *coisada*.

Mal havia o gallo no terreiro acabado de soltar o primeiro canto, deu entrada na sala um novo personagem, — o André — cantor de profissão.

Era elle um curumba desempenado, de feições agradaveis, de natureza expansi-

va. A' sua chegada, como para saudalo a festa recrudesciu num relance.

O zabumba azucrinou o mundo com ma's força e a viola desandou numa choradeira de endoidecer a matutada sambadeira.

Até Mocinha, de primeiro tão succumbida, arriscou num sorriso hesitante:

Agora seu André, quando o samba vai findar?

O corumba excusou-se com as melhores palavras da sua fala esturdia:

— Ah! dona Mocinha, não foi por fazer pape!! Já prompto p'ra função fui chamado por seu Major p'ra cantar na casa grande um desafio com Totonio Serador.

Ora se fui! Poeta na minha volta não se cria...

Coisa, puxando coisa, o certo é que o cantador afamado baixou o cangote e eu matei-o de baque, assim:

"Cantador como você
lá no inferno também tem:
No *puntá da viola*,
não dá cuidado a ninguém!

Palavras de aprovação lhe dirigiram de todos os lados da sala.

Então cheia de entusiasmo, Rosinha excedeu-se: tirou do peito um cravo frescalente e entregando-o a André, foi dizendo com desenvoltura que escandalizou o marido:

— Tome, caboclo bom! E' um mimo que eu lhe dou, é seu...

O outro empallideceu de ciúme. Teve mesmo vontade de dizer um bocadão de lezeiras, mas se conteve. Ficaria para depois. O corumba, riu alto. Da quasi, os noivos se dispuzeram a partir. Um cavallo sellado, esperava-os no terreiro, relinchando feroso e escarvando o solo com a pata nervosa.

Os convidados vieram todos assistir a partida do casal. O samba, porem não terminou.

Pedro Antonio cavalgou o perigoso, levando na garupa, a caboclinha que olhava a casa paterna com duas lagrimas penduradas das palpebras.

Ainda a primeira legua não era vencida e já o caboclo ouvia estrada em féra um rumor de galope desordenado, como a perseguil-os.

Voltou na sella e reconheceu o corumba que vinha, no seu *gancho* de cavallo numa carreira doida. Sofreu o animal e poz-se á espera do inimigo.

Este chegou numa nuvem de pó e saltando da sella, foi logo dizendo:

— Caboclo infame, vamos nos decidir na faca. Você fez feitiço p'ra Mocinha casar com você, pois faça para a ponta de minha faca.

O outro não se fez rogado: dezenbainhou a pajehu' e empenharam-se os dois num duelo de morte, á luz do sol, ao som do hymno guerreiro dos passaros em desafio.

Em dado momento o pobre Pedro le-

vou a mão ao peito robusto, soltou um rugido surdo, cambaleou e estendeu-se na lama da estrada como um novinho sangrado...

Mocinha não se commoveu. Então, o vencedor poz um pé no estribo de "Perigoso" e interrogou com ternuras na voz:

— Vamos nos embora, Mocinha!

Ella respondeu resoluta:

— Vamos!

Então, elle deu de redeas e o animal num galope exaustivo, mettu-se pelas sinuosidades do caminho, em busca de algum mucambo perdido nas solidões da catanga.

Na ancia de afugentar os remorses, o corumba fez-se a cantarolar em surdina:

Meu barco é veleiro
nas ondas do *má*...

E o demônio da cabocla por galanteria, por habito, ou por casualidade, ia completando a toada, sem tremuras na voz:

Vou me embora, vou me embora,
tão cedo não volto cá.

Recife, 1921.

Enéas Alves.

D' "A Província" — Recife.

A NOSSA DANÇA

A curiosa dança dos lindos passaros que são os "tangerás", não foi inventada: ella é certamente uma manifestação do instinto sexual, mas sempre a mesma, nem deturpada, nem immoralizada, bella, simples e pura. O homem porem, com a sua intelligencia que o distingue absolutamente dos outros animaes, precisa restringir o seu genio inventivo, os seus exaggeros a sua tendencia á perversão, mormente no dominio da sexualidade. Si elle não se crea um freio para isso, onde irá parar? Remy de Gourmont diz que a moral é a arte de "vestir os costumes humanos". Será. Mas á necessaria, tanto podemos nos afastar da natureza e da sua simplicidade.

E aquella nossa dança culminava no maxixe "puladinho", no maxixe de "esquentar a barriga" (são os termos usuaes entre os affeiçãoos), no maxixe requintado, molle, langoroso, com extases em paradas, como orgasmos.

Nenhuma manifestação do primeiro caracter da belleza no movimento — a força, velada ou apparente, nenhuma expressão de sentimentos nobres. Era o tango "languido" o tanguista "molto avvicinato alla ballerina, dondolandosi sulla persona, quasi collando la propria ballerina in un sogno, intriccando le gambe com arte voluttuosa" era o tango "velhaço" de olhares furtivos ao corpo da dama.



KLABIN IRMÃOS & C. S. PAULO-RIO.

BIOTONICO FONTOURA



O MAIS COMPLETO
FORTIFICANTE



orna os homens vigorosos, as mulheres
ormosas, as crianças robustas

CURA A ANEMIA

CURA A FRAQUEZA MUSCULAR E NERVOSA



AUGMENTA A FORÇA DA VIDA — PRODUZ
SENSAÇÃO DE BEM ESTAR, DE VIGOR, DE
SAUDE — EVITA A TUBERCULOSE



MODO DE USAR:

BIOTONICO elixir

Adultos: 1 colher das de sopa ou meio calice antes do
almoço e antes do jantar.

Crianças: 1 colher das de sobremesa ou das de chá,
conforme a idade.

BIOTONICO pastilhas

Adultos: 2 antes do almoço e 2 antes do jantar.

Crianças: 1 pastilha.

BIOTONICO injectavel

Injectar o conteúdo de uma ampola diariamente em in-
jecção intramuscular.

COM O USO DO

BIOTONICO

NO FIM DE 30 DIAS OBSERVA-SE:-

- I — Augmento de peso variando de 1 a 4 kilos.
- II — Levantamento geral das forças com volta de appetite.
- III — Desapparecimento completo das dôres de cabeça, insomnia, mau estar e nervosismo.
- IV — Augmento intenso dos globulos sanguineos e hyperleucocytose.
- V — Eliminação completa dos phenomenos nervosos e cura da fraqueza sexual.
- VI — Cura completa da depressão nervosa, do abatimento e da fraqueza em ambos os sexos.
- VII — Completo restabelecimento dos organismos debilitados, predispostos e ameaçados peia tuberculose.
- VIII — Maior resistencia para o trabalho physico e melhor disposição para o trabalho mental.
- IX — Agradavel sensação de bem estar, de vigor e de saude.
- X — Cura radical da leucorrhéa (flores brancas) a mais antiga.
- XI — Após o parto, rapido levantamento das forças e consideravel abundancia de leite.
- XII — Rapido e completo restabelecimento nas convalescências de todas as molestias que produzem debilidade geral.



O Biotonico Fontoura
julgado pela probidade
scientifica do professor
DR. HENRIQUE ROXO

Attesto que tenho pres-
cripto a clientes meus o

Biotonico Fontoura
e que tenho tido ensejo de ob-
servar que ha, em geral, re-
sultados vantajosos. Particu-
larmente, mais proficuo se me
tem afigurado o seu uso quan-
do ha accentuada denutrição
e occorrem manifestações ner-
vosas, della dependentes.

Rio de Janeiro, 10 de Se-
tembro de 1920.

(A.) Dr. Henrique de Brito Belfort Roxo
Professor de molestias
nervosas da Faculdade de
Medicina do Rio.

O que diz o preclaro DR.
ROCHA VAZ, professor
da Faculdade de Medicina

Tenho empregado constan-
tamente em minha clinica o
Biotonico Fontoura

e tal tem sido o resultado
que não me posso mais furtar
à obrigação de o receitar.

Rio de Janeiro, 10 de
Agosto de 1920.

Dr. Rocha Vaz

Professor de Clinica Medi-
ca da Faculdade de Medicina
do Rio de Janeiro.

O Biotonico Fontoura
consagrado por um grande
especialista brasileiro

Attesto ter empregado com
os maiores resultados na cli-
nica civil o preparado

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro 12 de
Julho de 1921.

E. Austregesilo

Professor cathedratico da
clinica neurologica da Facul-
dade de Medicina do Rio de
Janeiro.

Palavras do eminente
cientista Exmo. Sr.
Dr. JULIANO MOREIRA

Tenho prescripto a doentes
meus e sempre que lhe acho
indicação therapeutica o

Biotonico Fontoura

Rio de Janeiro, 20 de
Julho de 1920.

Dr. Juliano Moreira

Preparação especial do "INSTITUTO MEDICAMENTA"
FONTOURA, SERPE & C.^{IA} - S. Paulo

de apertos e contactos suspeitos; era o tango "libertino"; o "trote da raposa", o "trote do peru", o "trote do urso"...

E o que essas danças querem exprimir? Dizem os titulos das musicas com que as acompanham; é o "samba", o "choro"; "Meu Deus quando?! "E' assim que eu gosto!..." "Não mexa connigo, seu Honorato!" "La vem bestera!" "Cadê elle?" "Ahi!... Juquinha!..."

Eis ahi a dança das lindas mulheres do Rio que desejaríamos ver tão perfeitas no moral quanto são seductoras nas formas.

Eis ahi a dança das nossas lindas, moçinhas, encanto de graça e belleza.

Estamos assistindo á hypertrophia de uma sexualidade decadente em que não ha belleza, porque não ha utilidade, nem arte, nem emoção, nem amor. Mimetiza-se na dança, a lascivia bruta do negro e do selvagem. Que o "Duque" symbolise na Europa a dança do Brasil achamos que é uma vergonha; que a nossa sociedade vá, na dança, alem do Duque, vergonha maior.

E a doença se propaga. Matronas que nunca dançaram aprendem o maxixe com pertinacia digna de melhor applicação... "para dançar com os almofadinhos". E homens de respeito seguem o exemplo feminino.

Pois a mim me parece que as mulheres assim se degradam, esquecendo os seus altos destinos no mundo, os quaes não excluem os prazeres da vida; e os homens se "almofadisam"...

PLACIDO BARBOSA

O CANTOR DO PLANALTO

Não conheço passaro algum, que tenha, no canto, a eloquencia do chopim.

Guardo, de tenra idade, a recordação viva da primeira vez em que o vi ao alto de um pinheiro, saltitante e vibratil, nas coxilhas de Campo Alegre.

As pessoas delicadas que um dia já ouviram as notas ternas do sabiá, não esquecerão, jamais, a tristeza agridoce desse canto harmonioso.

Mas o chopim, tão arisco quanto audaz, lembra, pela energia metalica do gorgeio, desferido ás vezes em notas destacadas e agudissimas, prodigioso e magnifico clarim a que coubesse a redemptora missão de quebrar, em gritos de vida e de alegria, o silencio vasto dos campos. Porque, de facto, a garganta desse passaro negro, não menor que o *bem-te-vi*, é, antes de tudo e essencialmente, um hymno de gloria e de luz.

Raro desce ao arbusto, é excepcional que se macule ao contacto da terra. A sua região é o paramo, o infinito. Canta pelo inverno, espanejando-se, saltitando, ora aos bandos, ora isoladamente. No verão acalenta a prole na concavidade agasalhadora dos troncos.

Confundio-o Monteiro Lobato com aquella outra ave igualmente negra, vezzeira em utilizar-se dos ninhos alheios para deitar seus ovos, e de *chopim* acunhou os respeitaveis cavalheiros que parazitariamente se fazem manter pelas professoras publicas suas esposas.

Hediendo engano!

O chopim é um sujeito de linha, nobre e altaneiro. Habitante do sertão, teme a cidade e por cousa alguma deste mundo trocaria as intemperies da vida agreste, pelas mais deliciosas seducções da cidade. Por isso, quando o casario vae se agrupando no esboço dos povoados futuros, refoje mais para alem, onde se ergam outros pinheiros e outras imbuías inhospitas.

E só o viajero, ao vencer os montes e os descampados, ouve-lhe, cheio de jubilo, o trinado forte e altivo.

E' elle o honrado, o bello, o unico cantor da *araucaria brasiliana*.

Rasteiro e ridiculo, não passa o *quero quero*, a despeito de seu guincho ameaçador, de misero covarde occulto pelos brejos, sem demonstrar jamais, em cousa alguma, a vontade que anda imperativamente a annunciar.

Tem a ornitologia dos campos, por sem duvida, variados e pittorescos aspectos: é lhe vulgar o sabido e religioso *João de barro*, que arredonda em ceramica, pelos beirais das casas, o seu pequeno palacio, e guarda, rigorosamente, os dias santificados; alviçareiro anda-lhe o saci pelas sangas, em assobios desorientadores e com a fama de que se converte, á noite, em demoniaco fastasma; geme com melancolia a cinzenta curicaca, grande como um corvo, a mealhar cobras pela macga.

Do caboré a astucia é conhecida: paira no ar, esvoaçando e arremeda os demais passarinhos, chamando-os, afflictivamente, e quando estes, curiosos e sollicitos, acodem para saber do que se trata, o rapace traidor projecta-se sobre elles, victimando o primeiro ao alcance das garras.

Differentes são os sentimentos da vestruz: aceita como filhos todos os orphãos que encontra pelo campo, offerecendo, commumente, o curioso espectáculo de grandes ninhadas onde ao par de pintainhos figuram rapazes ou raparigas grandalhonas, já em idade de emancipação.

Não pequena é a multidão da transmontana gente volatil.

Mas só o chopim, esguio e vivaz, tem nessas paragens, o segredo da musica avicular.

Si o dia se empoeira e escurece de neblina, apenas se ouve de quando em quando, vindo de longe, o pio monossilabico de tristeza e angustia. Mas si a luz esplende, o hellognostico artista sae para a altura dos pinheiros, e canta, vibra, saltita, estridula jubiloso como um deus de musica, filho do sol e dominador do espaço.

Ha trinta annos que o ouvi nas colinas de Campo Alegre, ha trinta annos e parece que foi hontem.

A manhã era fria e iluminada. Junto á estrada, de repente, irrompeu aquelle canto de alegria mixto de combatividade e nobreza.

E desde então se me fixou no espirito, para sempre, a lembrança dessa ave viril, amiga da liberdade e da luz, leal e energica, que mais tarde haveria de ser companheira de infancia nas correrias aos pinhões e ás guabiobas.

As montanhas, os campos, as cachoeiras, o chopim, os colonos que passavam cheios de saude, a floresta em que me embrenhava cantando, as brancas manhãs nevadas...

Como o tempo passa depressa! Mas como é bom recordar o generoso poema da natureza em que a meninice respirou!

CRISPIM MIRA

PEQUENAS GLOSAS

Descendentes dos varões assinalados que approam as gloriosas quilhas lusitanas por ignotos mares, não admira nós, brasileiros, conservemos diversos facies moraes e physicos, muitas virtudes e muitos defectos de nossos maiores. Ora, uma das baldas dos portuguezes consiste em amesquinhar a patria que elles, todavia, idolatram com extraordinario fervor. Naquelle deliciosa phantasia "O Mandarin" Eça de Queiroz desfere, a proposito, a aguda setta de sua terrivel ironia no lance em que o general Camilloff explica a Theodoro não ser "mandarin" um vocabulo chinês, mas derivado do verbo luso...

"— Quando tinhamos verbos... — rosou, no habito instinctivo de deprimir a patria".

Como bons herdeiros, carregamos no vezo: seja lá o que fór, tendo o cunho indigena, não presta.

E' coisa decidida. Não ha appellação nem agravo. Na "divina arte", por exemplo, consideramos zabumbada indigente o buliçoso maxixe, que alguns qualificam, entretanto, como a expressão musical de nossa nacionalidade. Cada povo tem a sua musica característica e Blasco Ibanez, em l'impida pagina, como todas as que lhe irradiam da penna adamantina, já disse que se não deve forçar a nota, isto é, se um povo é capaz unicamente de determinada manifestação artistica, escusado querer que apresente outra; se só é capaz de musica alegre e ligeira, não se lhe pôde exigir opera solemne e grandiosa. "Os povos não se devem forçar a que produzam num determinado sentido. Basta aceitar o que espontaneamente dão e festeja-lo, sempre que tenha uma individualidade accentuada." Por assim o entender, razoavelmente, Blasco acha que a Espanha perde o latim procurando substituir pela opera grave, que lhe não está nas cordas, o "genero chic", característico, a musica alvoroçante, graciosa e colorida que distingue o genio espanhol

em qualquer parte do mundo. A observação enliva-se ao nosso caso: a manifestação musical indigena, espontanea e accentuada, é o maxixe, irrequeto, vivaz e diabolico... Podemos ensa'ar todos os generos, nos quaes sempre estaremos mais ou menos contrafeitos, mas não devemos desdenhar o que nos é proprio e significa saliente e inconfundivel traço de nossa personal'dade artistica. Repudia-lo, por irreverente e cheio de tremeliques e dengues, é alvitre desponderado, desde que tantas musicas importadas e praticadas não lhe levam as lampas em s'usudez.

Por identicos motivos não se justificava a santa cruzada, ha mezes organizada (e mallograda), com a estulta pretensão de conseguir fosse prohibida a execução de maxixes por orchestras, bandas, ternos, gramophones, realejos, etc.

Emquanto assim depreciamos o saracoteante e electrizante producto creólo, os estrangeiros por elle se encantam. Certa vez, ha algum tempo, illustre hospede, alta personagem diplomatica, não teve duvida em honrar com caloroso "bis" o "Vem cá, mulata!"

Agora S. M. a Rainha belga, que alem de eximia musicista é catholica praticante, desejou conhecer a musica brasileira. Apresentaram-lhe — que remedio! — um maxixe, o "Papagaio louro". Po's S. M. — dil-o o "Correio da Manhã" — ficou muito enthusiasmada, applaudindo a bizzarria da musica nacional.

(Commercio do Paraná)

B.

UMA CURIOSA EXPEDIÇÃO AOS SERTÕES DO BRASIL

Sob a direcção do dr. H. H. Rusby, decano da escola de Pharmacia de Nova York, está sendo organizada uma expedição, que presagia grandes surpresas, á região desconhecida que se localiza entre o Peru, o Equador e o Brasil. Quatro professores, cada qual delles dotado da maior competencia nos ramos das sciencias physico naturaes, acompanharão o dr. Rusby, como technicos.

A sciencia prevê que se encontram naquella vasta extensão de terreno desconhecido, de muitos milhões de kilometros quadrados, homens e animaes directamente oriundos de homens e animaes no mesmo estado em que estavam ha tres milhões de annos.

Não sómente a fauna, mas a flora, ha de apresentar exemplares notabilissimos que transformarão a pharmacia e a medicina.

São os seguintes os fins da expedição: encontrar exemplares de plantas raras; estudar os insectos transmissores de certas epidemias bem como os séros aptos ao combate de algumas enfermidades; descobrir sobreviventes prehistoricos, não só mammiferos, peixes, aves e reptis, como ainda humanos.

E' difficil e perigoso penetrar na alludida região.

Animaes ferozes, febres mortaes e homens selvagens, canibaes mesmo, oppor-se-ão ao avançar da expedição.

Entre os seres que o dr. Rusby espera encontrar, figuram: o merosauro, reptil gigantesco, cuja mordedura é venenosa, tem mais de seis metros de altura, sobrevive do typo que, ha cem tura, sobrevive do typo que, ha com tirar-lhe o leite, como faz hoje as vaccas, cabras e ovelhas. A rã gigantesca que segrega através da pelle, um veneno que mata a quem a ataca. Uma tribu de indios "fossets", que eram, anatomicamente, differentes dos mortaes de agora e dos quaes, desde a descoberta da America não se chegou a ver sinão dois esqueletos. A ave caçadora de serpentes que, como um cão, as pilhas e as traz ao amo. A colossal ave denominada "foncehare", com um volume superior ao de cincoenta avestruzes reunidas. Os sobreviventes das serpentes de mais de vinte metros. Grandes povos antropophagos.

Eis o que a expedição conta encontrar no reino animal e que a sciencia acredita mais do que provavel viver naquellas florestas virgens, impenetraveis quasi.

Quanto a outras previsões, pensam os expedicionarios encontrar a planta chamada "coapi" pelos indios e da qual se extrae, ao mesmo tempo, um poderoso estimulante, um narcotico e um anestesico, propriedades essas que não possui nenhuma outra planta conhecida. A commissão de scientistas reputa de grande importancia o estudo, que fará, dos insectos propagadores de varias enfermidades, acreditando que desse estudo advirá uma extraordinaria transformação na serotherapie.

O narcotico extrahido do "coapi" era conhecido de Humboldt, que lhe experimentou os effeitos.

Weiss viu indios beberem um liquido extrahido da mesma planta, antes de entrarem em combate. Por effeito dessa beberagem, perdiam a noção do apezo á vida e não pansavam senão em atacar; nem o numero dos inimigos, nem o furor das feras os detinham.

Quando terminavam os combates, ficavam tomados por um somno profundo.

A rã ou sapo venenoso, de que se trata, é a que utilisam os selvagens na extracção do veneno com que tornam mortaes as pontas de suas settas. Amaram o animal vivo e o põem no fogo. Pouco depois, obtem, pela disoração, um liquido esbranquiçado e viscoso que recolhem em vasilha. E' tão perigoso esse veneno, que basta tocar-se-lhe para ter morte instantanea. As flexas por elles empeçonhadas, conservam seu poder mortifero até cincoenta annos depois.

Em 1880, quando, pela primeira vez, o dr. Rusby visitou o interior da America do Sul, viu varios animaes e alantes

raros, entre outros, um grande lagarto que corre sobre as aguas. Conta elle que, estando numa canôa, do galho de uma arvore, atirou-se nagua um desse lagartos gigantescos que se dirigiu em ataque, para a embarcação. Os guias indigenas puzeram-se a gritar, assustados, affirmando que a mordedura do bicho causa morte immediata. A golpes de remos, puderam-se livrar do asqueroso monstro: una remada na cabeça deixou-o como morto.

Pouco depois, porém, viram-no de novo correr sobre as aguas e a margem.

O lagarto que vi — disse o sr. Rusby — tinha o tamanho de um lobo; os indios chamavam-no "lagorta das vinte e quatro horas", ignorando eu o porque dessa denominação.

Espero — continuou elle — trazer de minha expedição um exemplar, vivo ou morto, dos homens daquella região dos "Parentintins", que se utilizam de arcos de tres metros de alto, com que desferem flexas de um metro e oitenta centímetros.

A tensão da corda é tal que necessita de uma força prodigiosa para o manejo do arco.

ESTRADAS CHINEZAS

PARA AUTOMOVEIS

"Abrir estradas é um dos mais difficeis trabalhos da China", escreve o sr. Everard Thompson, conhecido publicista, investigando as condições commerciaes do Este longinquo.

"Na maior parte da nudez costeira daquella Republica é quasi impossivel obter pedra para a construcção e revestimento de estradas. Por centenas de milhas o viajante nada mais encontra além de planicies de alluvião sem relevo algum, onde se não podem obter rochas e muitas vezes uma pedra grande bastante para se atirar a um cão.

"Depois, os "espíritos" são um grande estorvo. Elles causam indub'tavelmente mais embaraço ao constructor da estrada ou ao cultivador da propriedade perto das grandes cidades, do que qualquer outra coisa. Os chinezes adoram os espíritos dos seus antepassados ou pelo menos dispensam-lhes uma grande parte do seu pensamento. Os espíritos passados influenciam fortemente as vidas dos seus parentes chinezes que ainda vivem. E' um dos primeiros principios d'um espíto chinez que elle não deseja que lhe perturbem o seu lugar de repouso e o ardor deste desejo está no intimo dos seus descendentes vivos. D'sse alguém que os tumulos chinezes occupam uma vigesima parte da area total da China. Pode esta percentagem ser exaggerada mas é verdade que a paisagem chineza, ainda nos districtos mais agricolas, assemelha-se a um dos nossos campos de golfo com grande numero de obstruccões.

O chinês, através dos séculos, têm sepultado aparentemente os seus mortos pelos campos, por toda a parte em que se lhe depara uma oportunidade. Os tumulos não estão collocados por ordem ou reunidos em lotes ou cemitérios como na maior parte dos outros paizes.

O chinês não sepulta o morto. O ataude é simplesmente collocado sobre o solo a céu descoberto e cobre-se de terra até que um monte atinja a altura de cinco pés ou mais, nos casos ordinarios. O tumulo é conico. Alguns cones attingem a altura de quinze pés, sendo a altura geralmente uma relação directa e dependente da importância, sabedoria e virtude do fallecido. São tão numerosos estes conestumulos que muitas vezes se ligam na base e cobrem milhas de territorio. Impedem muito seriamente a cultura da terra e diminuem a area do terreno cultivavel, pois que não é uma boa forma cultivar um tumulo chinês. Podia perturbar a paz do fallecido com resultados desastrosos para o existente.

Assim, a maior difficuldade na abertura de estradas é conseguir permissão para abrir caminho n'uma linha mais ou menos recta d'um ponto a outro. Depois vem o trabalho de mudar os tumulos chineses porque é impossivel traçar em qualquer parte uma linha recta, para qualquer distancia na China, sem se esbarrar com centenas de tumulos. Estes tumulos não são incluídos na compra ou aluguer da propria terra e cada um delles tem que ser comprado aos parentes do fallecido, regulando o preço de compra ordinariamente por cem dollares, pouco mais ou menos. Todos os parentes existentes teem uma parte da compra e o comprador deve collocar de novo os ossos em qualquer lugar combinado de commum accordo.

Algumas vezes resultam d'esta especie de negocio situações funestas. Um contractador, que uma vez por acaso conseguiu observar, fizera arranjos financeiros satisfactorios com todos os parentes do fallecido á excepção de um, uma velha, que ainda se não julgava com remuneração sufficiente. Ella lavrou então o seu protesto mais vehemente ainda depois do tumulo ter sido transferido. Todas as manhãs quando os trabalhadores appareciam para o trabalho encontravam a velha acampada no sitio do ataude provida com um cabaz de merenda bem cheio e com os competentes e inevitaveis cigarros, pois que as chinezas são fumadoras obstinadas. Ella installava-se confortavelmente e durante tres dias impediu o caminho do progresso. Retirava-se com os trabalhadores mas quando elles appareciam de madrugada já ella se lhes apparecia no trabalho.

Argumentar com ella era inutil, mas um dia o exasperado capataz disse ao obstaculo humano: "Se gostas d'esse tumulo debes tê-lo para o resto da vida!" e então ordenou aos seus homens que o murassem. As paredes do estreito tumulo foram elevadas dois pés e o telhado foi

collocado antes da velha ajustar, e a estrada proseguiu.

Incidentes d'esta natureza exemplificam as difficuldades que se deparam actualmente ás pessoas bastante corajosas, que se propõem á abertura de estradas na China. Todavia o elemento moderno da raça chinesa está despertando para as vastas possibilidades do progresso d'esta região tão ricamente prendada. Assim, é inevitavel que melhores estradas sejam um dia o grito de guerra d'uma nova China. Quando esse tempo vier a China utilizar-se-ha então da sua riqueza ignorada e tomará o seu lugar como das mais poderosas nações do mundo".

* * *

MISCELLANEA

PHYSIOLOGIA DA PONTUAÇÃO

? — "O ponto de interrogação" é um rapaz, que com a bocca aberta e o dorso recurvado, vos faz uma pergunta e espera a resposta.

, — "A virgula" é o botão do meio do vestido preto da phrase. Serve para deixar ver o collete branco da idéa e as bellezas do estylo.

. — "O ponto" é um canapé molle, onde o leitor descansa emquanto o auctor se assôa.

— "A risca ou linha" é a cama de campo estendida de lado a lado para digestão momentanea do prato servido.

! — "O ponto de admiração" é uma flecha esguia e veloz, que vae d'reita ao coração para ahí recordar e noções, e muitas vezes não faz mais do que produzir o tédio.

; — "O ponto e virgula" é a casa do vestido da phrase, que se abotôa quando o collete é duma elegancia equívoca.

: — "Os dous pontos", são dous batedentes de janella, que se abrem aos olhos do leitor para lhe indicar novos horizontes.

... — As "reticencias" são o silencio do homem que tem feito um calemburg, e espera que acabeis de rir.

* * *

DICCIONARIO BRASILEIRO

Surdü entre nós, de tempos a esta parte, uma certa tendencia pela nacionalização da lingua portugueza falada no Brasil. Os apostolos dessa cruzada não pretendem fabricar artificialmente um idioma como o esperanto, o volapuk, *la langue bleu* e tantas outras que são outras tantas linguas em conserva, na lata... expressão do vocabulo, com ingredientes chimicos, que não evitam, commtudo, a sua deterioração ao fim de alguns annos.

Não, não é isso que querem os apostolos, mas, apenas, extrpar dos d'ecionarios todos os vocabulos que não são



de uso no Brasil ou registrar-lhes os significados que elles de facto têm em nosso paiz; as palavras retiradas serão substituidas por milhares de brasileirismos, moeda corrente na linguagem falada, já aceitos pelos escriptores regionalistas e que não mereceram ainda a honra de figurar nos *lexicons* portuguezes.

Trata-se, pois, de fazer, antes de tudo o nosso grande d'ccionario brasileiro. O plano é arrojadissimo e faz parte do programma da Academia de Letras; é se me não engano, a razão basica da sua existencia.

Entretanto, presumo que até hoje ainda não chegaram á palavra *aba*, se é que já tentaram o estudo lexicographico do *a*. O movimento ultimamente operado talvez desperte o entusiasmo adormecidos immortaes e faça-os trabalhar na confecção da grande obra.

Nella poderão collaborar não sómente os grammaticos por indole e meio de vida; a Academia tem a felicidade de contar em seu seio os expoentes das mais variadas profissões; todos elles poderão entrar com o seu contingente, de accordo com a sua actividade terrena e mortal; assim, os militares, como os generaes Dantas e Muller, fornecerão os termos de caserna que são numerosissimos e pittorescos; os medicos, Austregesilo, Aloysio, Afranio, contribuirão com os nomes de moléstias e de mészinas cuja quantidade é incalculavel dado o numero sempre crescente das mazelas humanas e dos seus antidotos; o Felinto dará expressões commerciaes; o Oliveira Lima, Hélio Lobo, Magalhães de Azeredo serão distribuidas as palavras protocollares, etc., etc.

Tudo, já se deixa vêr, será feito sob o ponto de vista estrictamente brasileiro; muita coisa existe peor ahí esparsa, em prosa e verso, que poderá ser aproveitada; agora mesmo o sr. Valdomiro Silveira com os seus *Caboclos*, mostrou a possibilidade de escrever em portuguez um livro em que nenhum portuguez metterá o dente, se não recorrer ao glossario apenas ao volume; brasileiro que não conheça os cafezaes paulistas poderá comprehender metade; e aconselhavel para o entendimento da outra metade haver recurso ao elucidatario...

A obra regionalista de Alcides Maya está cheia de expressões guascas que são grego para um nortista. Em compensação duvido que um filho dos pampas que nunca tenha saído dos seus pagos perceba o que significa esta geringonça de um parahybano do norte:

"Mofumbe; a b'scaia no lombo do barreiro e, patinhando em óvos, abiquei o rancho sem respiro. Assustando o logar vi que me ariei no breu da noite; roçando os enxamés, chamo cambitos pra quente e topei cá minuça remoendo na latada. Arranco medonho! Apalacado o estripiço, destampeí as ouca no espaço do canço".

E por ahí a fóra.

Assis Cintra e Monteiro Lobato são dois denodados campeões da nacionalização do idioma.

Para este ultimo (e é também a opinião de Roquette Pinto), devemos catalogar no thesouro da lingua, como ouro de bom quilate, o "me dê", o "me diga" o "vi ella e, por essa via dar-se-á sanção legal ao falar consuetudinario do povo.

Estou ansioso por que tal aconteça, pois que assim, e auxiliados pela orthographia phonetica, todos poderemos escrever sem receio de errar; será o meio mais simples e mais rapido de acabarmos com o analfabetismo; sendo toda gente capaz de escrever é provavel que saiba ler pelo menos o que escreveu.

Na organização do dictionario, que é o que especialmente me interessa neste momento, cumpre ter muito cuidado para não se introduzirem nelle expressões geralmente havidas por nossas e que são portuguezas legitimas de Braga, ou de Lisboa, ou do Porto.

Haja vista *arame* no sentido de dinheiro; toda a gente imagina que elle seja um brasileirismo. Engano! Li em Camillo (não me recordo agora em que livro), uma phrase mais ou menos assim: "F. estava doído por que a tia morresse para entrar no arome da velha."

Não juro que seja essa textualmente a phrase; mas não tenho a minima duvida sobre o sentido metallico e sonante da palavra "arame".

Ha dias como alguém me dissesse numa roda, referindo-se a facilidade de realizar certo projecto: — *ora isso é canja!* um dos circumstantes, brasileiro, recémvindo de Lisboa, onde passara alguns annos, admirou-se de encontrar aqui, vulgarizada uma expressão da gíria... lisboeta. E todos nós suppunhamos que tal *canja* fosse de gallinha creoula.

Querem ver mais?

Quem não affirmará que *encrenca* não seja carioca legitimo da Lapa ou da Saude?

Pois enganam-se! E aqui lhes transcrevo um pequeno trecho do prefacio de um livro de versos gallegos *Millo miúdo*, de Enrique Labarta:

"E unha debilidá de pai! Os versos son cachos arrincados d'as entrañas d'un poeta; e qué pai seria capás de queimar a un fillo, anque éste fosse torto, encrenque, mudo e xorobado?"

Perguntei a garçon de restaurante, legitimo filho da Galicia, o que significava "encrenque"; e elle, sem entrar em grandes cogitações leixcas:

— Encrenque és encrencado, cheio de encrencas, torto...

Nem mais nem menos.

Por outro lado ha a considerar a significação especial que têm certos termos, os mais vulgares, num ou noutro Estado da federação.

Em S. Paulo, por exemplo, uma moça que pese 40 kilos, é uma moça "lcvia-

na", por mais ajuizada que seja. No Ceará "moça solteira", é offensa gravíssima; em compensação a um individuo engraçado, que conta anedoctas com ar muito sério, elogia-se dizendo: — O senhor é muito cynico!

No Maranhão quando por lá estive em propaganda o Coelho Netto, saudou-o num d'scurso o juiz municipal de Codó, chamando-lhe "o maior escriptuario do Brasil!"

Esse valor relativo das palavras é, pois, de summa importancia no trabalho do futuro *lexicon*; e, a menos que cada Estado não queira ter o seu, devem os d'cionaristas levar em conta essa differença de valores, de Estado a Estado, e até de cidade a cidade.

Muito pobre é o contingente que aqui offereço; mas não falta por ahí quem disponha de mais vagar para jocular pelos sertões o vocabulario popular.

E como *mot de la fin*, para dar um exemplo typico da relatividade a que me referi, contar-lhes-ei o caso authenticamente succedido a Joaquim Murtinho e por elle narrado a um amigo que m'o transmitiu.

Viajava em Matto Grosso o notavel ministro da Fazenda de Campos Salles, visitando os amigos politicos.

Em certa cidade — um dos da comitiva apresentou-o a um coronel, homem da mais alta importancia local e que, sorridente e lisongeadado, estendeu-lhe a mão.

— O coronel Fragoso não conhecia ainda o nosso chefe? indagou o apresentante.

E o coronel:

— Muito, de traição; verbalmente só agora tenho essa honra...

O dr. Murtinho, sorriu, agradecido pela intenção do seu correligionario.

D. Xiquete.

PARALLELO ENTRE O HOMEM E A MULHER

O homem é a mais elevada das creaturas.

A mulher é o mais sublime dos ideaes. Deus fez para o homem um throno, para a mulher um altar.

O throno exalta. O altar santifica.

O homem é o cerebro.

A mulher é o coração.

O cerebro fabrica a luz. O coração produz o amor.

A luz fecunda. O amor resuscita.

O homem é o genio.

A mulher é o anjo.

O genio é incommensuravel. O anjo é indefinivel.

A aspiração do homem é a suprema gloria.

A aspiração da mulher é a virtude extrema.

A gloria faz o immortal. A virtude faz o divino.

O homem tem a supremacia. A mulher tem a preferencia.

A supremacia significa a força. A preferencia representa o direito.

O homem é forte pela razão. A mulher é invencivel pelas lagrimas.

A razão convence. A lagrima comove.

O homem é capaz de todos os heroismos.

A mulher de todos os martyrios.

O heroismo ennobrece. O martyrio sublima.

O homem é um codigo.

A mulher é um Evangelho.

O codigo corrige. O Evangelho aperfeiçoa.

O homem é o templo.

A mulher é o sacrario.

Ante o templo descobrimo-nos.

Ante o sacrario ajoelhamo-nos.

O homem pensa.

A mulher sonha.

Pensar é ter no craneo uma lava. Sonhar é ter na fronte uma aureola.

O homem é o oceano.

A mulher é o lago.

O oceano tem a perola que adorna. O lago tem a poesia que deslumbra.

O homem é a aguia que vóa.

A mulher é o rouxinol que canta.

Vôar é dominar o espaço. Cantar é conquistar a alma.

O homem tem um pharol — a consciencia. A mulher tem uma estrella — a esperanza. A consciencia guia. A esperanza salva. Em fim, o homem está collocado onde termina a terra. A mulher onde começa o céu.

UMA INTERESSANTE PROPHECIA DO GRANDE ESCRIPTOR RUSSO

"O "Correio da Manhã" a titulo de curiosidade, reproduziu esta interessante prophecia de Tolstoi, publicada em 1910, antes portanto da grande conflagração e dos acontecimentos que se vêm succedendo no Velho Continente.

"Vejo fluctuar sobre o mar do destino humano a immensa fórma de uma mulher nua, que é em belleza, movimentos, sorrisos e pedrarias, uma super-Venus. As nações animam-na; cada qual procura attrahil-a para si. E ella, como eterna cortezã, graceja com todos.

No diadema que traz na cabeça está escripto, entre diamantes e rubis, o seu nome: — "Commercialismo". Possui tres braços gigantescos que empunham tres tochas de destruição universal — a primeira, representa a chamma da guerra, que a bella cortezã leva de cidade a cidade e de nação a nação; a segunda, a chamma da hypocrisia; a terceira é a chamma da lei.

A grande conflagração começará por volta de 1912, ateada pela tocha do primeiro braço ás nações do sudoeste da Europa: desdobrar-se-á em destruição e calamidades em 1913; mas, em 1915, surge na scena do drama sangrento a "estranha figura do norte", um novo Napoleão, homem de pouca experiencia militar; é um escriptor ou jornalista, mas sob o seu guante de ferro a Europa permanecerá até 1925.

O fim da grande devastação assignalará nova era para o Velho Mundo. Nenhum imperio ou reino sobreviverá e o mundo formará uma Federação de Nações. Restarão apenas quatro gigantes: os anglo-saxões, os latinos, os slavos e os mongóes.

Depois de 1915 vejo uma transformação religiosa.

A segunda tocha da cortezã provoca a queda da Egreja.

A idéa de moralidade desaparecerá por completo e a humanidade não terá mais o sentimento da rectidão.

Surgirá, então um grande reformador, que libertará o mundo de todos os traços de moratheismo, estabelecendo as bases do templo pantheista.

Deus, alma, espirito e immortalidade, serão coisas fundidas em um novo crisol.

Vejo o principio de uma nova era moral.

O homem destinado a esta missão é um mongol-slavo, que já palmilha a terra; é homem de acção e de negocios, mas nem elle proprio tem idéa da missão que lhe está reservada pelas potencias superiores. Pelos meados deste seculo, vejo uma heroína de literatura e de arte surgir dentre os latinos e os persas.

Será a luz do symbolismo que empanará a luz do commercialismo.

Em logar da polygamia e da monogamia de agora haverá a poetogamia, isto é, uma relação entre os sexos, fundada na concepção poetica da vida". —

UM MONSTRO MARINHO

Nas circumvizinhanças de Belém existe um monstro marinho de natureza nova e aspecto desconhecido da sciencia.

Quantos conhecem a Amazonia ou mesmo tenham ouvidos os naturaes de lá, não podem estar esquecidos das narrativas referentes a "cobra grande", monstro desconhecido da sciencia e sobre o qual ha apenas a affirmativa de alguns raros individuos que puderam ver em fugazes instantes. A respeito de tão interessante assumpto, o Sr. Dalge (da Universidade de Roma) vem de publicar n'um jornal do Pará o seguinte testemunho, tão curioso quanto importante:

Como absolutamente não me pesa, cada dia investigar e estudar o que me diz respeito á magnificencia desta nossa querida terra, antes pelo contrario muita

satisfação me causa, foi que emprehendi o exame, de perto, da tão celebrizada "cobra grande", da "sucuriju" gigante, que todos os nossos antepassados e contemporaneos apontam como sendo um monstro singular e extraordinario pela sua feição, como pelo seu volume e modo de existir, do que os naturalistas não tiveram ainda occasião de tratar, contentando-se apenas com referir-se ligeiramente á sua existencia na foz do Amazonas e costas das Guyanas.

Chegou o momento.

Desde a minha infancia ouvira longos reatos acerca do monstro, porém não se me dera em acreditar-os, pelo simples motivo de não julgar possivel a existencia de tal animal tão perto da nossa capital, ameaçando de tempos em tempos os marreantes.

Ha annos um barco ferrára no furo do Maguary na confluencia do igarapé Piratyba e, ao ser necessario colher-lhe a amarra estava a ancora presa no fundo.

O senhor que acompanhava a muitos escravos, no referido barco, manda que um desça a vér em que está preso o ferro. Desce o servo e, ao regressar, refere que uma enorme cobra está deitada sobre a ancora. O senhor obriga-o a descer novamente para desembarcá-la e d'ahi a momentos um movimento extranho das aguas, que sobem tintas em sangue, ameaça a embarcação e annuncia o desaparecimento do servo fiél.

Mais perto dos nossos dias desciam o baixo Amazonas dois companheiros em uma balsa, quando de repente percebem a acompanhá-los um vulto agigantado, tomando a sua direcção. Comprehendem o perigo, porém apenas tomavam precauções para escapar-lhe, um lance do animal attinge meia jangada e leva na sua sinuosidade um dos viajantes, existindo ainda o outro que o facto me referiu.

Tantos outros destes casos teria eu a citar, se não fôra o que mesmo comigo se passou em dias de Janeiro ultimo que me levou a encalhar, numa fragil embarcação que me conduzia, agua acima, pelo furo do Maguary, em frente ao Matadouro, a encalhar sobre o gigante animal atravessado de um a outro lado do rio. Era noite escura e apenas se distinguam dois olhos qual dos pharóes accessos. Recuámos, e ao escaparmos, abeirando a outra margem, notamos um movimento de retorsão, fazendo larga marea e exhalando um cheiro nauseabundo e irritante.

Agora, nos primeiros dias do mez de Abril corrente, as suas exhibições têm sido mais frequentes, talvez pelo movimento brusco das marés, entre a bahia de Santo Antonio e a fazenda Maracacuéra, á margem esquerda do referido furo do Maguary. Desciámo uma tarde, cerca de 5 ½, de uma viagem ao Mary-Mary, quando em frente á confluencia do igarapé Amancú, na frente léste da ilha Caratena, nos vimos acompanhados por um quer que seja que cortava agua

como se fóra uma lancha. Nós iam na lancha Esmeralda, de propriedade do meu sogro, coronel José da Silva Bastos. Em dado momento aquelle ser extranho ergueu-se fóra d'agua e tomou a nossa direcção em attitude hostile. Reconheceram logo os nossos companheiros ser a "cobra grande" e disseram que muito util seria lançar mão do apito da lancha e gritarem todos para fazer ruido desde que iam desarmados. Ao ser tomada esta medida, o animal não distava de nós mais do que cincoenta passas e foi quando pude fital-o. Tem a grossura de um metro, approximadamente, para um comprimento de cêrca de quinze a vinte metros. O seu pescoço estreita-se algum tanto para de novo alargar-se na cabeça. Esta tem a parte inferior como de uma verdadeira cobra, mas na superior ó ornada com um focinho semelhante ao de boi, orelhas grandes e largas, pegadas como de gallinhas, dois grandes olhos e no alto de uma testa bem conformada, dois chifres ponteagudos de cêrca de 15 a 20 centímetros. O seu dorso é coberto, na parte superior de grandes escamas es-palmadas e rijas de quasi dois decímetros quadrados de superficie, conforme deixou um dia presas nos varaes de um curral de pescadores que escangalhou.

A' primeira vista ju'guei-me diante de um cetaceo, mamifero monodelpho ichtyoide, mas pelo conjunto da configuração não tardei em convencer-me de que realmente se tratava de um reptil gigante, do qual talvez os naturalistas não se tivessem ainda apercebido senão ligeiramente, dada a sua accidental manifestação.

Seria, pois, um ophidio, reptil do III genero. Mas a característica ophidiana era allí completamente nova. Cabeça semelhante á de uma cobra commum, com a differença porém de ser munida de um focinho semelhante ao de boi, orelhas adherentes como as da gallinha, olhos grandes e por sobre estes dois chifres de 2/5 do tamanho da recta do perfil, pardos e aculeiformes, sobresaindo qual esporões. Sua presença é assignalada por um

odôr nauseabundo que se propaga a grande distancia, provindo, diz-se de uma camada adiposa que reveste a parte inferior do seu corpo, de côr amarellaça.

O seu dorso é pardento, entre negro e cinzento, coberto de grandes escamas que reluzem ligeiramente á vista e o defendem contra os projectis de que se tem muitas vezes servido para apanhal-a.

A cauda em nada differe das demais cobras, menos a sua grossura descommunal.

Seria, pois, um aphidio, reptil do III tudou na Nova Guiné, ou uma "Bôa Constrictor" de que faz Cuvier menção de existir nas partes humidas das florestas da America do Sul, sobretudo da Guyana? Mas este monstro é aquatico e não vive na terra.

Seria ainda um dos celebres "pythons" de que falla Diodoro de Sicilia? Tambem não o cremos pela descripção minuciosa feita de todos quanto se têm estudado.

E o nosso involvidavel Emilio Poeldi não o estudou? Não.

Poeldi narra apenas que um joven morreu, na Cochinchina, victima do seu amor á sciencia, querendo estudar um desses monstros. O Sr. Morice, procurou encontral-o nas proximidades do Saigon, sobre o Donai e tentando attingil-o com um projectil foi arrebatado pelo animal que fe-lo desaparecer sem que os seus companheiros pudessem soccorrel-o.

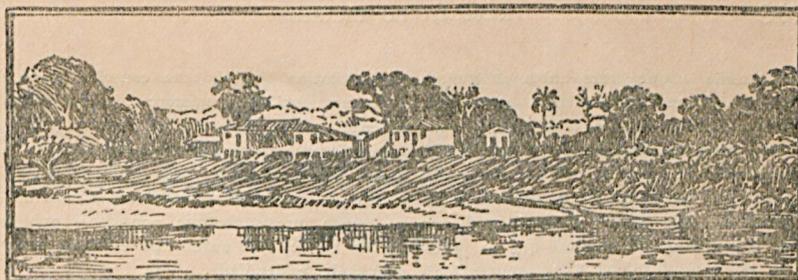
O monstro marinho que faz o terror do nosso interior pôde ser classificado na 3.^a ordem dos reptis, grupo das serpentes sem veneno, mais de uma nova especie que chamaremos: OPHIXENUS BUCEPHALOIDIS, isto é: — "ophios" — cobra, "xenos" de tamanho descommunal, bus— boi, "cephaloidis" — cabeça parecida; ou "cobra" descommunal de cabeça parecida com a de um boi. O povo costuma chamal-o "boiona", "cobra-grande" ou "sucuriju".

IV — 921.

DALGE.

(Da Universidade de Roma).





NOTAS DO EXTERIOR

DOIS ANNOS NA ARGENTINA

O sr. Pierre Denis, que já esteve em nosso paiz e já escreveu sobre nós, publica na "Revue de Paris" (3, rue Auber), um longo estudo subordinado a este titulo: "Dois annos na Argentina".

Começa dizendo que, chamado em 1912 pelo governo argentino para ocupar uma cadeira de geographia na universidade de Buenos Aires, consagrou dois annos a estudar a Republica Argentina. O artigo não é senão o resultado das suas observações. O primeiro capitulo versa sobre Buenos Aires — "uma grande metropole viva e alegre, de dois milhões de habitantes". (Segundo parece os ultimos dados sobre a população de Buenos Aires accusavam 1.600.000 habitantes). Vêm depois estes capitulos: os pampas, Tucumã e as provincias andinas do nordeste, a unidade argentina, e a guerra e a Argentina. O trabalho do sr. Denis compendia as noções mais interessantes sobre o progresso argentino, dando informações sobre as varias fontes de produção do paiz. E' sem duvida um elemento valioso de propaganda, tornando conhecidas, por meio de uma grande publicação como a "Revue de Paris", a vida e a riqueza do paiz, e atrahindo para elle a attenção dos interessados. A proposito da guerra e a Argentina, mostra o sr. Pierre Denis que as duas consequencias da guerra naquella paiz foram a cessação da corrente immigratoria e a redução progressiva do apoio que a Europa dava a colonisação, sob a fórma do adiantamento de capitaes. Quanto aos immigrantes, de 1909 a 1913 attingiam a 1.483.000, mas de 1914 a 1918 esse numero cahiu a 272.000, havendo um "deficit" médio annual de 40.000. A retirada dos capitaes europeus é mais difficil de avaliar com precisão. Começou antes da guerra, durante o periodo de crise economica que precedeu as hostilidades, e proseguiu depois, mesmo feita a paz. Os capitaes norte-americanos empregados na Argentina estão longe de compensar o exodo dos capitaes europeus. A balança commercial, extraordinariamente favoravel, determinou, com effeito, a formação no paiz de uma ampla reserva de capitaes, e a Argentina conquistou em pouco tempo uma independencia financeira que teria exigido, em outras condições, annos de trabalho e prosperidade. O valor total das hypothecas, que se elevava parallelamente á marcha da colonisação, começou a reduzir-se. O proprio governo argentino ponde adiantar aos aliados o preço das colheitas que elles compravam nos Pampas. E o "stock" de ouro á disposição do paiz augmentou rapidamente. Ao mesmo tempo em que a Argentina se enriquecia, empobrecia-se a Europa. Emquanto se não reorganisar, a Europa será uma zona onde haverá falta de capitaes e onde os salarios serão elevados. Durante o periodo de reconstrução europea, as relações entre a Argentina e o resto do mundo



não serão o que eram antes da guerra. A Argentina tomará uma consciencia mais nitida de sua independencia economica. Terá uma politica commercial e financeira que a Europa julgará mas egoísta, estreitamente sujeita ao juizo da opinião publica local, mais consciente do que outr'ora dos seus interesses particulares. No interior, a população immigrada, não se renovando mais, como outr'ora, será mais absorvida, e pouco a pouco se irá prendendo mais ao paiz. A expansão da colonisação será suspensa ou pelo menos diminuída, ao mesmo tempo que a fortuna privada e publica se consolidará. E' possivel que os problemas de classe, que antes não existiam senão em germens, venham a apresentar mais gravidade e acuidade.

AS ONDAS DO MAR POTENTES E DESTRUIDORAS

As ondas do mar são potentes e destruidoras,—diz num artigo da "Bibliothèque Universelle", de Lausanne, o conhecido escriptor de assumptos scientificos, sr. Henry de Varigny. Para impedir que ellas corroam logo a terra firme, tem-se recorrido a meios diversos, muitos dos quaes dispendiosissimos e cuja efficacia não está na proporção do dispendio feito.

Nos Estados Undos, pensou-se em construir, diante das obras a proteger contra as ondas do mar, um dique de ar comprimido; isto é, collocar no mar, parallelamente áquellas obras, tubos nos quaes, quando o mar está agitado, se injecta ar comprimido. O ar sáe com violencia e vem á superficie, de fórma que annullam a força das ondas ou pelo menos a diminuem sensivelmente.

Foram feitas experiencias no porto de Nova York, sendo os tubos immersos a 9 ou 10 metros de profundidade. Outras se realisaram em Atlantic City, com tubos sobre fundo arenoso, a seis metros de profundidade, e na ilha Cratch (Maine). Nesta ultima localidade, no dia das experiencias as ondas eram tão altas que passavam além das arvores. Assim que começaram a funcionar os tubos, o mar vizinho á praia se acalmou dentro de um quarto de hora, tanto a permittir que uma canoa o sulcasse. Outra experiencia foi feita na California, para proteger um dique de 1.200 metros, dos quaes 600 haviam sido destruidos por uma tempestade. Para salvar-se o que restava do dique, foram postas tres séries de tubos, uma parallela ao dique, e as outras duas perpendiculares á primeira. E até agora o dique está bem protegido.

OS CRIADOS NA AUSTRIA

A revista italiana "Minerva" (Roma, via Ulpiano 1) dá-nos noticia da recente lei austriaca sobre os criados de servir.

Essa lei applica-se somente nas communas de mais de 50.000 habitantes. A natureza do serviço e o salario são fixados no contrato, ou, no silencio deste, pelo uso do logar. O criado, ao entrar em serviço, pode exigir do patrão um escripto determinando os seus direitos e obrigações. Deve executar pessoalmente o trabalho que lhe competé, e conformar-se com as instrucções do patrão, se ellas correspondem ao objecto do contracto. Deve ter cuidado das pessoas e das coisas que lhe são confiadas, tutelar os interesses do patrão, ter boa conducta moral. Os salarios são pagos, o mais tardar, no primeiro dia do mez que se segue ao mez findo. A alimentação deve ser sã e sufficiente: no maximo, deverá ser igual á dos membros adultos da familia. O alojamento deve ser em boas condições hygienicas e provido dos moveis necessarios. O famulo terá um repouso ininterrupto de pelo menos nove horas por dia, entre ás 9 da noite ás 6 da manhan. Terão, além disso, durante o dia, duas horas para as refeições. Os famulos de menos de 16 annos terão repouso maior, respectivamente de 11 horas e de tres horas. Os famulos têm direito, um domingo sim outro não, a uma liberdade de oito horas, começando antes das 3 horas da tarde. Têm direito, além disso, a ferias de oito dias consecutivas, quando o seu ser-



viço durou um anno sem interrupção; de 15 dias se dura ha dois annos; e de tres semanas se dura pelo menos cinco annos. O famulo que cáe doente, tem direito ao seu salario durante 15 dias, se está no serviço ha pelo menos 15 dias; e durante 4 semanas, se está no serviço ha mais de seis mezes. Deve o patrão, além disso, dar-lhe gratuitamente assistencia medica e pharmaceutica.

A HOMEOPATHIA

Deve haver muita gente que se interesse pelo artigo publicado na revista ingleza "National Review", sobre a homeopathia, pelo sr. C. F. Mackenzie.

A homeopathia, diz elle, baseia-se sobre uma simples lei natural de acção e reacção, lei fundamental, e portanto immutavel. O tratamento homeopathico não se faz por meio da acção directa do remedio, mas emquanto o remedio actua sobre a força vital, estimulando-a no sentido proprio á cura. Ingerindo o medicamento, a força vital lhe diz: "Que é que estás a fazer aqui? Queres envenenar o meu corpo? Installar venenos no meu organismo é contra as leis naturaes. Por isso, vae-te". E no esforço feito para expellir tal veneno, e libertar-se dos symptomas que delle derivam a força vital favorece a expulsão da molestia, que tem os mesmos symptomas. Succede precisamente assim na vaccinação. Os bacillos mortos inoculados não curam a doença com a sua virtude especifica — mas realisam a função de estimular a força vital a agir no sentido contrario aos venenos produzidos pela molestia.

Contra a homeopathia se levantam geralmente quatro objecções: Primeira, a pequenez das doses. Pouco importa que a dose seja pequena, desde que seja escolhida segundo a lei dos semelhantes. Em geral, recorre-se a pequenas doses para evitar que o remedio, de natureza venenosa, destrua a força vital. Nós não desejamos senão estimular esta força. Para acalmar um nervo irritado, todos são capazes de prescrever uma forte dose de bromidio, que sómente mata aquelle nervo e actua como palliativo. Mas como é mais bella e mais scientifica a acção da pequena dose, que leva a força vital a acalmar o nervo irritado! A homeopathia segue esta lei biologica: "diante de qualquer estimulante, thermal, electrico, chimico o protoplasma reage differentemente, segundo a dose do proprio estimulante. As pequenas doses favorecem a actividade vital, as fortes a impedem e as fortissimas a destroem". Naturalmente os limites entre as doses pequenas, medias e fortes variam segundo a natureza e as condições das cellulas sobre as quaes devem agir. Por exemplo: o arsenico, contido em fermentos na proporção de 1 para 100 detem a actividade vital; na proporção de 1 para 300 a 1 para 5.000, impede a actividade vital: emquanto que na de 1 para 10.000 ou ainda 1 millionesimo, como o demonstrou Wheeler, estimula a actividade vital. O dr. White escreve: "Outra lei, da qual nos offerecem um bom exemplo os medicinaes que actuaem sobre o cerebro, é que, quando são subministrados em pequenas doses, excitam as funcções, ao passo que em fortes doses frequentemente as paralysam". E pois illogico sophisticar sobre a quantidade da dose, a qual depende da natureza do medicamento, da do mal, da individualidade do paciente e do grau de homeopathicidade contido no proprio remedio. Por outro lado, que razões temos nós para assegurar que a efficacia do remedio dependa mais do seu peso do que da superficie sobre a qual elle actua? Nós sabemos que a materia é composta de molleculas pequenissimas e numerosissimas, as quaes podem espalhar-se sobre uma grande superficie. Para fazer-se uma idéa do numero de molleculas contidas mesmo em minimas doses, basta recordar o seguinte exemplo: "Se num globo de vidro do diametro de 2 e meio centimetros, absolutamente vazio, se introduzissem molleculas de ar na proporção de cem milhões por segundo, seriam precisos uns 50.000 annos para encher o mesmo globo."

E' fóra de discussão que a acção mollecular é a base da acção vital. Com a pequena sub-divisão, as innumeraveis molleculas de um medicamento têm mais larga esphera de actividade, e, portanto, — segundo uma lei natural, adquirem maior ener-



gia, como nos demonstram o vapor e os seus explosivos. Ellas podem diffundir-se através do corpo precisamente como as molleculas de oxygenio se diffundem através do sangue e as cellulas dos tecidos. Esta é a lei natural da expansão. A sub-divisão minima não implica a destruição; ao contrario, ella reparte pelas molleculas o poder de diffundir-se através do corpo, até attingir as pequenissimas cellulas do tecido doente. Tudo actua na natureza por meio de agentes minimos. Pensemos na potencialidade das vibrações transmittidas por um apparelho radiotelegraphico. A segunda objecção é que, se a homeopathia tivesse verdadeiras bases scientificas, teria feito maiores progressos nos paizes civilisados. Entretanto ella se diffundiu muito nos Estados Unidos, onde ha institutos de medicina homeopathica ao lado dos de medicina allopathica e se contam mais de 10.000 medicos que curam segundo os systemas da homeopathia. Tambem na Hollanda, na Suissa e em outros paizes a escola homeopathica vae fazendo caminho.

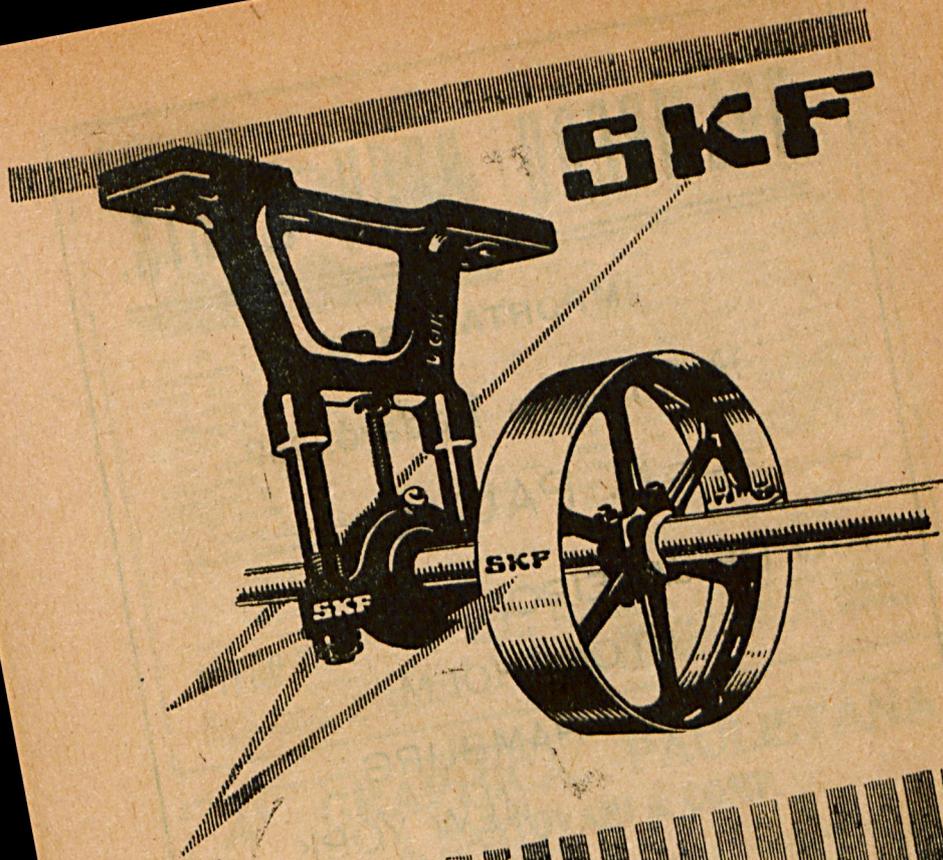
A terceira objecção é a de que alguns medicos allepathas orthodoxos tentaram o systema, achando-o insufficiente. A este respeito, precisamos lembrar-nos das prevenções que existem contra a homeopathia, a qual é posta a ridiculo nas faculdades de medicina. A quarta objecção é que só as mentes debeis crêm na homeopathia, a qual portanto, não deveria os seus resultados senão á suggestão. A este proposito, recordemos que dois grandes sequazes da homeopathia foram lord Beaconsfield e o philosopho Wately. Quando pela primeira vez a filha deste ultimo foi curada com a homeopathia, elle disse ao medico que se tratava de suggestão, mas depois convenceu-se por outras curas. Não se pôde, pois, dizer que a homeopathia cure por força da suggestão. Ao contrario, o que acontece com frequencia é que os pacientes só recorrem aos medicos homeopaths quando já perderam a fé na sua cura e são invadidos do mais profundo scepticismo.

A VERDADE HISTORICA NO THEATRO

Acerca da verdade historica no theatro, encontramos algumas notas no "Marzocco" de Florença, as quaes revelam os mais estranhos absurdos no theatro contemporaneo.

Nem mesmo os principes da literatura dramatica estão innocentes do grave peccado. E' assim que Victorien Sardou, por exemplo, faz morrer Theodora estrangulada numa prisão quando essa imperatriz bysantina, activa collaboradora do seu marido Justiniano, não só morreu tranquillamente no seu leito, como foi chorada longamente pelo imperador o qual resolveu decretar na sua côrte o luto por cinco annos. E' entretanto 99 sobre cem pessoas das que vão ver "Theodora" de Sardou, jurarão que a imperatriz era uma miseravel e Justiniano um imbecil.





Transmissão modelo, montada sobre polias,
cadeiras e mancaes de esferas

Auto-Compensadores SKF

eliminam o attrito, reduzindo de muito suas
despezas de energia e lubrificantes.

COMPANHIA SKF DO BRAZIL

141, Rua da Quitanda — Caixa 1452

Rio de Janeiro



HOLMBERG, BECH & CIA.

IMPORTADORES

Rua Libero Badaró, 169

— S. PAULO —

RIO DE JANEIRO,

STOCKHOLM,

HAMBURG,

NEW YORK

E LONDRES

— — —

Papel, materiaes

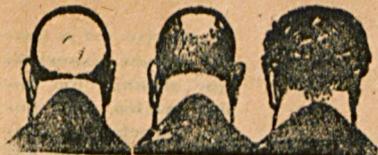
para construcção,

aço e ferro, anilinas

e outros

productos chimicos.

O "PILOGENIO" serve-lhe em qualquer caso



Se já quasi não tem serve-lhe o **Pilogenio** porque lhe fará vir cabelo novo e abundante.

Se começa a ter pouco, serve-lhe o **Pilogenio**, porque impede que o cabelo continue a cair.

Se ainda tem muito serve-lhe o **Pilogenio** porque lhe garante a hygiene do cabelo.

Ainda para o tratamento da barba e loção de toilette o **Pilogenio**

Ainda para a extinção da caspa

Sempre o **PILOGENIO**

A' venda em todas as pharmacias, drogarias e perfumarias.

DOENÇAS

BRONCHO-PULMONARES

Um remedio verdadeiramente ideal para creanças, senhoras fracas e convalescentes é o **Phospho-Thiocol Granulado** de Giffoni. Pelo **phospho-calcio** physiologico que encerra, elle auxilia a formação dos dentes e dos ossos, desenvolve os musculos, repara as perdas nervosas, estimula o cerebro; e pelo **sulfoguiacol** tonifica os pulmões e desintoxica os intestinos. Em pouco tempo o apetite volta, a nutrição é melhorada e o peso do corpo augmenta. E' o fortificante indispensavel na convalescença da pneumonia, da influenza, da coqueluche e do sarampo.

Em todas as pharmacias e drogarias

Deposito: **Drogaria Giffoni**
RIO DE JANEIRO

TYPHO UREMIA, INFECCOES intestinaes e do aparelho urinario, evitam-se usando **Uroformina**, precioso antiseptico, desinfectante e diuretico, muito agradavel ao paladar. Em todas as **pharmacias e drogarias**. Deposito: **Drogaria Giffoni**, rua Primeiro de Março n. 17 — Rio de Janeiro.

A' GRAPHICA PAULISTANA S. MANTOVANI & COMP.

SECÇÃO DE ZINCOGRAPHIA

Clichés em zincogravura e photogravura para obras de luxo.

SECÇÃO DE GRAVURA

Carimbo de Borracha, metal, ferro e aço - Gravuras sobre joias - Alto e baixo relevo para impressões - Formas para bombons e sabonetes - Placas de metal e esmaltadas.

Telephone 4723 Cidade - Avenida S. João, 207 - S. Paulo

Joaillerie -- Horlogerie -- Bijouterie
MAISON D'IMPORTATION

BENTO LOEB

RUA 15 DE NOVEMBRO, 57 - (en face de la Galerie)

Pierres Précieuses - Brillants - Perles - Orfèvreries - Argent - Bronzes et Marbres d'Art - Services en Métal blanc inalterable.

MAISON A' PARIS

30 — RUE DROUT — 30



BRINQUEDOS JOGOS - VEICULOS PARA CRIANÇAS



É preciso ver a nossa enorme exposição que abrange um andar inteiro, para poder apreciar a variedade das últimas novidades desta secção.

BONECAS

mais de mil diferentes para escolher.

Desde o mais simples CAVALLINHO de pão até os mais lindos AUTOMOVEIS.

Veloipedes - Tricycletas - Voadores - Carros - Carrinhos - Berços - Bicycletas e Balanços.

Estamos reduzindo constantemente os preços nesta secção. Já vendemos aos preços anteriores á guerra — — — — —

Acham-se expostos em secção especial e são vendidos a preços sem competencia. 10 e 20 % mais barato que em qualquer outra casa de São Paulo.

Galerias Edison
S. Paulo
Rua D de Novembro, 55 - Tel. 221 - Gustavo Figner

A MAIOR CASA EXISTENTE NO BRASIL EM ARTIGOS PARA PRESENTES — CINCO ANDARES REPLETOS DAS ÚLTIMAS NOVIDADES, SERVIDOS POR CONFORTAVEL ELEVADOR E TELEPHONE EM TODAS AS SECÇÕES.

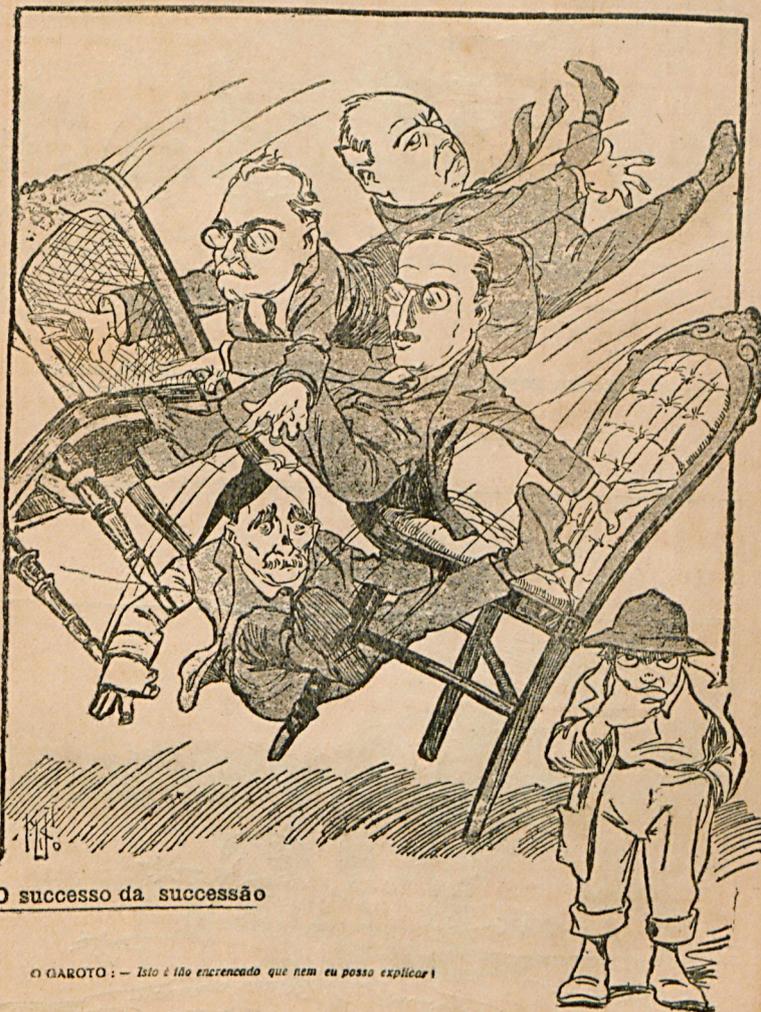
Rua 15 de Novembro, 55 — SÃO PAULO

GUSTAVO FIGNER



CARICATURAS DO MEZ.

SUCCESSO DA SUCESSÃO

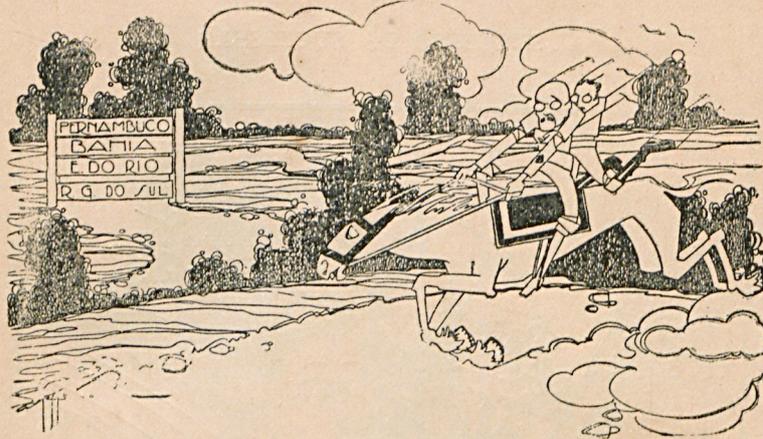


O successo da successão

O GAROTO: - Isto é tão enceneado que nem eu posso explicar!

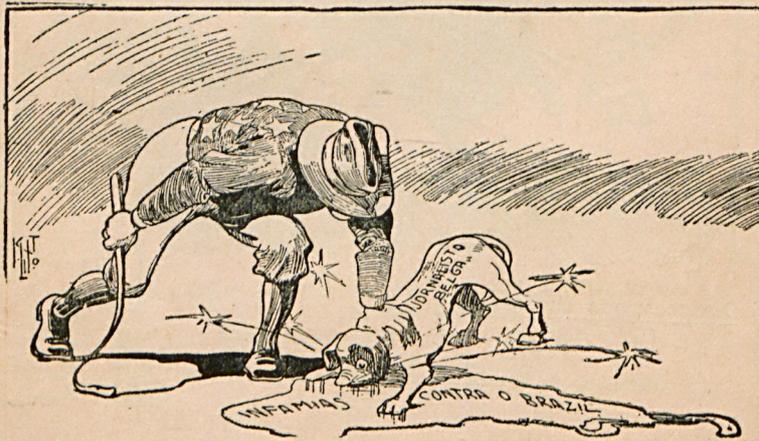
(D. Quixote) KALIXTO.

NO CAMINHO DO CATTETE



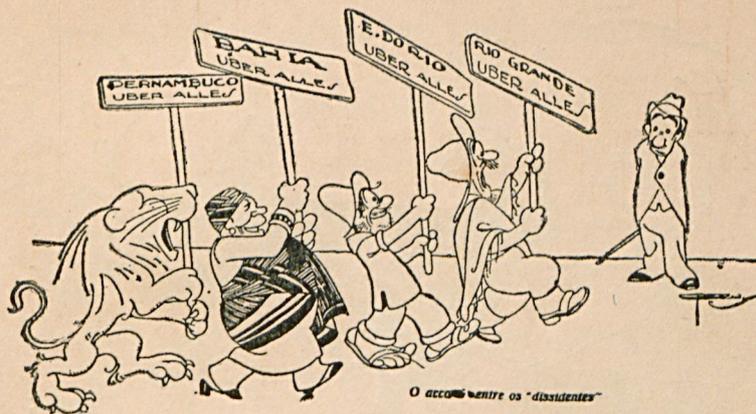
— E' preciso passar aquella barreira antes que façam outra.
(D. Quixote).

RESPOSTA



Brasil — Cachorro! Então isso se faz, seu Bernard?
(D. Quixote) KALIXTO.

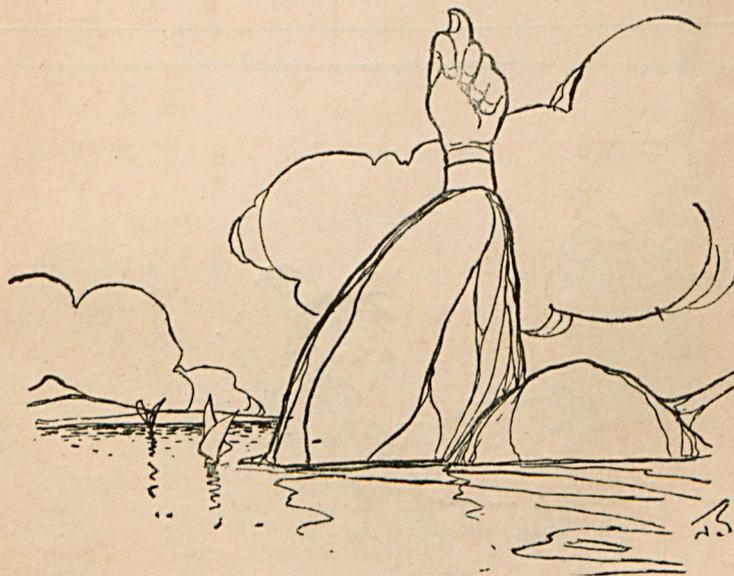
A EGOLATRIA



O acordo entre os "dissidentes"

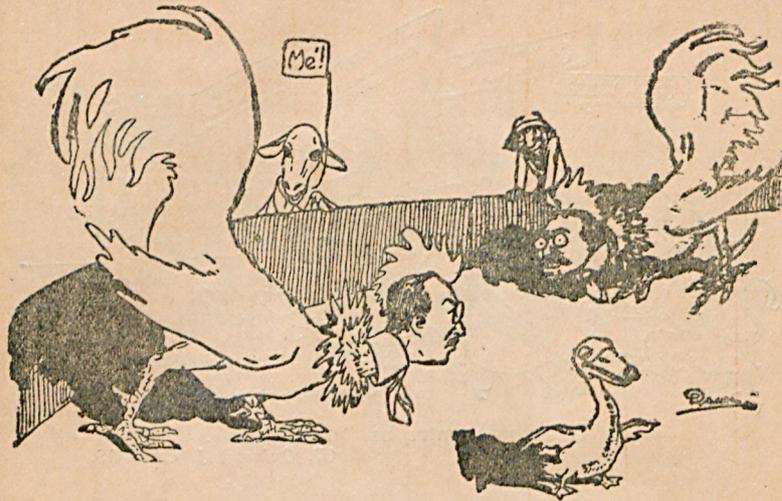
O acordo entre os "dissidentes".
(D. Quixote) J. CARLOS.

A CANDIDATURA HERMES



O monumento do Pão de Assucar
(Vida Paulista).

ANTES DA RINHA



Arthur — Só eu faço cocoróco! Desejava saber que queria aqui.
Nilo — Isso é pergunta de cacaracá.

(A Noite) RAUL.



NOVIDADES LITERARIAS

ACHAM-SE A' VENDA NO ESCRITORIO DA
REVISTA DO BRASIL

MONTEIRO LOBATO — URUPÉS , traducção espanhola de Benjamin Garay, em excel- lente edição	7\$000
MARIO SETTE — SENHORA DE ENGENHO magnifico romance de costumes pernambu- canos	4\$000
ROSA E ESPINHOS — contos	4\$000
CLARÃO DOS OBUZES — contos	4\$000
CANTO E MELLO — RELIQUIAS DA ME- MORIA , romance	4\$000
ALMA EM DELIRIO , romance	4\$000
BUCOLICA , poemeto	1\$000
AMADEU AMARAL — discurso de recepção na Academia de Letras	2\$000
MARTIM FRANCISCO — RINDO , satyra po- litica e social	3\$000
NO JURY DE ARARAS , defesa	2\$000
EULALIA VAZ — A SCIENCIA NO LAR DOMESTICO , excellente livro de receitas— quinta edição	5\$500

DESENHISTA

J. Prado, desenhista, aceita encommendas de desenhos para
capa de livros, cartazes, annuncios, illustrações etc. O seu tra-
balho pôde ser avaliado pelas capas das edições da Casa
Monteiro Lobato & Cia., que na maior parte são de sua au-
toria. Os interessados poderão dirigir-se á **REVISTA DO**
BRASIL, caixa 28-B — Rua Bôa Vista, 52 — S. Paulo.



A NOVELLA NACIONAL

A NOVELLA NACIONAL é uma série de pequenos livros, nos quaes se mira ao seguinte escopo: offerecer a melhor literatura, sob a apresentação mais artistica, ao prego mais barato possível. Os objectivos desta publicação, de que é director o sr. Amadeu Amaral (da Academia Brasileira) podem, assim, condensar-se no lemma — **LIVRO BOM E BONITO AO ALCANÇE DE TODOS.**

Apparece approximadamente um volume por mez, com cerca de 80 paginas, no formato 16 ½ X 12 ½ centímetros, impresso em magnifico papel e illustrado com numerosas e artisticas gravuras, contendo uma obra completa de auctor conhecido.

Já estão á venda os primeiros volumes:

A PULSEIRA DE FERRO por AMADEU AMARAL, o successor de Olavo Bilac, na Academia Brasileira.

"É no genero uma verdadeira obra prima" — disse desta novella o grande poeta Alberto de Oliveira.

OS NEGROS por MONTEIRO LOBATO, o celebre creador de Jéca Tatu.

MULA SEM CABEÇA por GUSTAVO BARROSO, o famoso escriptor cearense, autor da "Terra do Sol", Heroes e Bandidos" e outras joias literarias já sobejamente conhecidas e apreciadas.

A seguir novellas de COELHO NETTO, AFRANIO PEIXOTO, VALDOMIRO SILVEIRA, CORNELIO PIRES e outros.

Cada volume, 1\$000 em todas as livrarias. Pelo correio, registrado 1\$300.

Assignaturas com direito a receber todos os volumes registrados:

Série de 3 novellas . . .	3\$500
" " 6 " " . . .	7\$000
" " 12 " " . . .	14\$000

Pedidos á **SOCIEDADE EDITORA OLEGARIO RIBEIRO**, Rua Direita, 27 (2.º andar) - Caixa postal, 1172 - S. PAULO

Estão no prélo mais dois volumes:

RITINHA por LEO VAZ, o festejado auctor do "Professor Jeremias", romance que obteve o maior successo literario da actualidade alcançando tres edições em pouco mezes.

BREVEMENTE

A NOVELLA SEMANAL

O MAIS ARROJADO EMPREHENDIMENTO EDITORIAL DA ACTUALIDADE

Revista de contos e novellas dos melhores escriptores nacionaes, antigos e modernos. Cada numero conterà meteria equivalente á quarte parte de um livro de 250 paginas em formato francez, commum, e será acompanhado de um interessante supplemento no qual serão publicadas curiosidades literarias, vida anecdotica e pitoresca dos grandes escriptores e poetas brasileiros, movimento bibliographico, paginas esquecidas dos grandes vultos da literatura nacional, obras primas da poesia brasileira, noticia critica dos livros novos.

A NOVELLA SEMANAL se propõe a vulgarisar a melhor literatura, divulgando a obra dos grandes escriptores e poetas nacionaes, encorajando os novos e despertando o gosto do publico pela leitura. Offerecerá excepcional interesse aos homens de letras e ás pessoas cultas, tanto quanto ás de meridiana cultura. Pela escriptura escolhida da materia se destina a leitura predilecta da familia brasileira.

A NOVELLA SEMANAL vem resolver no Brasil o problema do livro popular, do livro baratissimo. Cada numero será vendido ao prego excepcional de 100 réis, constituindo um verdadeiro livro, pela extensão, variedade e interesse da materia.

APPARECERA' TODAS AS QUINTAS-FEIRAS.

Assignaturas

Sendo os exemplares remetidos como correspondencia simples

Trimestre	5\$000
Semestre	10\$000
Anno	20\$000
Numero avulso	\$400

Sendo todos os exemplares remetidos sob registro

Trimestre	8\$500
Semestre	17\$000
Anno	34\$000
Numero avulso	\$700

Pagamento adeantado. Todas as pessoas que angariarem tres assignaturas terão direito a uma assignatura gratuita.

Pedidos desde já á

SOC. EDITORA OLEGARIO RIBEIRO — Rua Direita, 27 (2.º andar) — Caixa, 1172 — S. PAULO.

GUARANA'

ESPUMANTE



BEBIDA IDEAL DÁ SAÚDE, FORÇA E VIGOR
REJUVENESCE OS VELHOS.

**BANCO DA PROVINCIA DO RIO GRANDE
DO SUL**

FUNDADO EM 1858

CAPITAL 40.000:000\$000 — FUNDO DE RESERVA 20.000:000\$000
*Séde: Porto Alegre — Filiaes e agencias nas principaes praças do Estado —
Correspondentes no Brasil e estrangeiro. — Filial no Rio de Janeiro.*

O Banco empresta dinheiro em conta corrente e promissórias, desconta saques, recebe dinheiro em deposito, pagando varias taxas, conforme as condições preferidas pelo depositante, fornece carta de credito para o Brasil e estrangeiro e faz todas as operações bancarias.

SECÇÃO DE COFRES FORTES — Em sua casa forte tem, á disposição do publico, mediante modica contribuição, cofres para alugar, destinados a guarda de joias, documentos e valores.

CAIXA DE DEPOSITOS POPULARES — Esta secção, a primeira e mais antiga do seu genero no Brasil, recebe dinheiro em deposito, desde 20\$000 até 5:000\$000 abonando juros, capitalizados semestralmente, sendo permittidas retiradas até 1:000\$000 por semana sem prévio aviso.

PORTO ALEGRE

Rua Uruguay N.º 5, esquina da rua 7 de Setembro

Livraria Drummond Livros Escolares, de Direito, Medicina, Engenharia, Litteratura-Revistas-Mappas-Material Escolar.

ED. DRUMMOND & CIA.

RUA DO OUVIDOR, 76 — TELEPHONE, NORTE 5667 — Endereço Telegr.:
"LIVROMOND". — CAIXA POSTAL, 785. RIO DE JANEIRO.

ACABA DE APPARECER
SENHORA DE ENGENHO

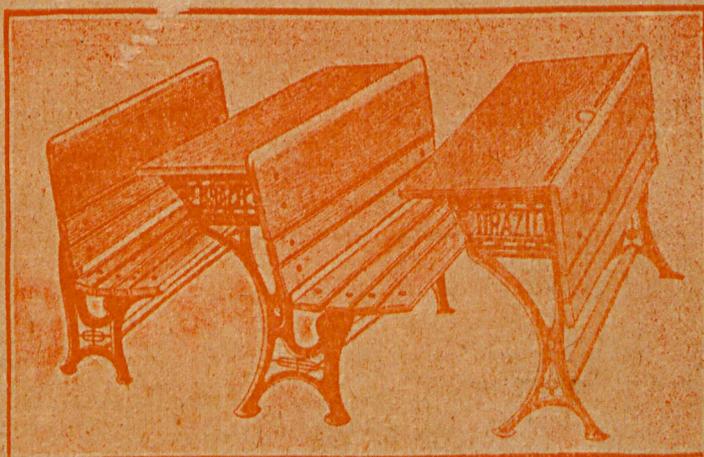
Romance de costumes pernambucanos

POR MARIO SETTE

A' VENDA NA "REVISTA DO BRASIL"

PREÇO 4\$000 O VOLUME

MOVEIS ESCOLARES



Diferentes modelos de carteiras escolares para uma e duas pessoas; Mesas e cadeirinhas para Jardim de Infancia; Contador mecanico; Quadros negros e outros artigos escolares

Peçam catalogo e informações minuciosas á

**FABRICA DE MOVEIS ESCOLARES
"EDUARDO WALLER"**

— DE —

J. Gualberto de Oliveira

Rua Antonia de Queiroz N. 65 (Consolação) Cidade, 1216

----- São Paulo -----

**AS MACHINAS
LIDGERWOOD**

**para Café, Mandioca, Assucar,
Arroz, Milho, Fubá. -----**

São as mais recommendaveis para a lavoura, segundo experiencias de ha mais de 50 annos no Brasil.

**GRANDE STOCK de Caldeiras, Motores a vapor, Rodas de agua, Turbinas e accessorios para a lavoura.
Correias - Oleos - Telhas de zinco - Ferro em barra - Canos de ferro galvanizado e mais pertences.**

CLING SURFACE massa sem rival para conservação de correias.

IMPORTAÇÃO DIRECTA de quaesquer machinas, canos de ferro batido galvanizado para encanamentos de agua, etc.

PARA INFORMAÇÕES, PREÇOS, ORÇAMENTOS, ETC.

DIRIGIR-SE A'

Rua São Bento, 29-c - S. PAULO

SECÇÃO DE OBRAS DO "O ESTADO DE S. PAULO"

